



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS
 MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**A CIDADE E O MAR:
 AS PRÁTICAS MARÍTIMAS MODERNAS
 E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA
 PRAIA DO FUTURO
 (FORTALEZA-CE-BRASIL).**

Ângela Maria Falcão da Silva

**FORTALEZA-CEARÁ
 2006**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Ângela Maria Falcão da Silva

**A CIDADE E O MAR:
AS PRÁTICAS MARÍTIMAS MODERNAS E A
CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA PRAIA DO FUTURO
(FORTALEZA-CE-BRASIL)**

**Dissertação submetida à Coordenação do Curso
de Mestrado em Geografia, área de concentração
em Dinâmica Territorial e Ambiental, da
Universidade Federal do Ceará, para obtenção do
título de Mestre.**

Orientação: Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas.

**Fortaleza-Ceará
2006**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Universidade Federal do Ceará – UFC

Mestrado em Geografia

Título do Trabalho: A cidade e o mar: as práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza-Ceará-Brasil)

Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental

Linha de Pesquisa: Estudo Socioambiental da Zona Costeira

Mestra: Ângela Maria Falcão da Silva

Data da Defesa: 09/08/2006.

Nota obtida: 10,00

Conceito obtido: Aprovado com Louvor

Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas (Orientador)
Departamento de Geografia (Universidade Federal do Ceará – UFC)

Prof. Dr. Hervé Théry
Cátedra Pierre Monbeig (Universidade de São Paulo - USP)

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá
Departamento de História (Universidade Estadual do Ceará – UECE)

Aos meus pais, mestres insubstituíveis.
Ao meu querido esposo Soniel, companheiro
em todos os momentos.
Ao meu filho Pedro, o grande amor da minha
vida; ele me faz não desistir jamais.
À vida que me possibilita momentos
inesquecíveis.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, por tudo que sou e por terem afastado muitas pedras da estrada, tornando a caminhada mais suave.

Ao meu querido esposo Soniel, sem sua ajuda, apoio, incentivo e compreensão este momento não teria se tornado possível. Obrigada por não me deixar desistir enquanto permaneci sem bolsa de estudos.

Ao meu filho Pedro, pelas horas de ausência e momentos em que não dei a atenção que esperava.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eustógio W. C. Dantas, pela dedicação à orientação deste trabalho, apoio, oportunidades e confiança que me foram dadas. Nunca esquecerei sua serenidade e seriedade ao conduzir este trabalho.

À minha co-orientadora Profa. Ms. Maria Clélia Lustosa da Costa, com sua alegria e compromisso simultâneos, ensinou-me que a pesquisa pode ter um prazer inigualável.

Aos professores do Departamento de Geografia da UECE, em especial aos professores-coordenadores do Laboratório de Estudos do Território e do Turismo, que me ensinaram a dar os primeiros passos no caminho da pesquisa científica.

Aos professores do Mestrado em Geografia da UFC, por tudo que me ensinaram, contribuindo para minha formação nesta nova etapa da vida acadêmica.

À banca da qualificação, nas pessoas do Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva e Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá que prontamente aceitaram o convite para avaliar este trabalho, contribuindo de maneira significativa para sua conclusão.

A todos os meus colegas de turma, pela troca de idéias, discussões, incentivo nos momentos difíceis e pelos bons momentos que passamos juntos. Por uma maior proximidade gostaria de agradecer em especial: à Débora, sempre fiel e prestativa; Clébio, além da descoberta de um grande amigo, obrigada pela ajuda nos trabalhos de campo; Luziane, sua integridade sempre me fez admirá-la; Alexandre, quantas horas ao telefone em busca do melhor caminho, obrigada por tudo; Elizete, seu sorriso sempre demonstrava que deveríamos seguir em frente.

À minha grande amiga Valberlândia Nascimento (Val) que me ajudou na digitalização dos mapas aqui apresentados e nos trabalhos de campo, obrigada pelo incentivo nas horas difíceis.

À Inara, pelo carinho e atenção, além da ajuda na busca pelas referências bibliográficas deste trabalho, você é uma pessoa inestimável.

À amiga Bia, pelo incentivo e amizade nas horas de incertezas e dificuldades, jamais vou esquecer o carinho e atenção.

À Denise, seu sorriso e prestatividade era incentivo certo ao chegar ao Departamento de Geografia da UFC.

Ao Joaquim, secretário do Mestrado, pela ajuda nos momentos burocráticos.

À Elisa Pinto, por ter me acompanhado em muitos momentos de revisão deste trabalho, mostrando-me o quanto tenho a aprender.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio financeiro através da concessão da bolsa de estudos, tornando sua concretização menos difícil.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol se levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever. [...]. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco de mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele. [...] Meu pai acreditava que não se devia tomar logo banho de água doce: o mar devia ficar na nossa pele por algumas horas. Era contra a minha vontade que eu tomava um chuveiro que me deixava límpida e sem o mar.

**LISPECTOR, Clarice
(A Descoberta do Mundo, 1999)**

RESUMO

O trabalho *“A cidade e o mar: as práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza-Ceará-Brasil)”* analisa como a prática dos banhos de mar tornou-se comum nos dias atuais, partindo da reflexão inicial, com a compreensão de que a procura por esta atividade de lazer contribui, em determinados lugares, para sua ocupação e organização espacial. Escolheu-se a Praia do Futuro para o desenvolvimento deste estudo, em virtude de sua importância para a dinâmica da atividade turística local e também por ser um dos principais pontos de lazer buscado pelos fortalezenses. Os freqüentadores da Praia do Futuro são seduzidos pela beleza do ambiente litorâneo e pelas diversas atrações e serviços incorporados à área. Destaca-se também como espaço de uso diversificado e dinâmica diferenciada das outras praias da Capital cearense. A relevância do tema refere-se à importância do estudo da maritimidade e da análise das atividades de lazer na cidade de Fortaleza. O objetivo deste trabalho é analisar se os banhos de mar na Praia do Futuro ainda constituem fator relevante na procura por lazer e de que forma a prática ou não destes banhos de mar contribui para a construção deste espaço geográfico. A esta análise alia-se um entendimento das práticas marítimas modernas no litoral de Fortaleza. Recorre-se a uma análise diacrônica como percurso metodológico para o estudo dos banhos de mar na Praia do Futuro, mediante uma recuperação histórica desta prática até os dias atuais. Por conseguinte, constata-se que a busca pelos banhos de mar foi proporcionada a partir da pressão do adensamento urbano das praias no trecho Iracema-Mucuripe, sendo facilitado o acesso à Praia do Futuro através da abertura de vias. Com o aumento do número de freqüentadores, instalam-se as barracas de praia e novas atividades de lazer são incorporadas. Com isso, os banhos de mar deixam de ser a principal motivação para a procura desta área, embora continuem sendo praticados. Assim, estas mudanças refletiram-se na maneira como o freqüentador local passou a utilizar o mar como opção de lazer. O estudo dos banhos de mar na Praia do Futuro proporcionou uma análise mais aprofundada da dinâmica e organização espacial desta área, que vai além da simples prática ou abandono de determinadas atividades, conduziu à compreensão de uma dinâmica socioespacial intensa, pois, além de serem inúmeras as atividades desenvolvidas, também estão inseridos neste processo interesses diferenciados.

Palavras-chave: Maritimidade. Banhos de Mar. Praia do Futuro.

ABSTRACT

The work "*A cidade e o mar: as práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza-Ceará-Brasil)*" analyzes how the practical of bathing beach became common in the current days, starting from the initial reflection, with the understanding of searching for this leisure activity contributes, in definitive places, for its occupation and space organization. Praia do Futuro as chosen for the development of this study, in face of its importance for the dynamic of the local tourist activity and also for being one of the main points of leisure searched for the people who live in Fortaleza. The frequenters of the Praia do Futuro are seduced by the beauty of the littoral environment and by the diverse attractions and incorporated services to the area. It is also distinguished as differentiated dynamic space of diversified use from other beaches of the capital Ceará state. The relevance of the subject refers to the importance of the study of the maritime and the analysis of the leisure activities in Fortaleza. The purpose of this work is to analyze if the bathing beach in Praia do Futuro still constitutes an excellent factor when you're looking for a leisure activity and if these baths can contribute or not for the construction of this geographic space. An agreement of the modern maritime activities in the coast of Fortaleza is added to this analysis. A diacronic analysis is appealed to as methodologic passage for the study of the bathing beach in Praia do Futuro, by means of a historical recovery of this practical until the current days. Therefore, it is evidenced that the search for the bathing beach in Praia do Futuro was proportionated from the pressure of the hugeness urban of beaches in the Iracema-Mucuripe itinerary, being facilitated by the access to Praia do Futuro through the opening of ways. With the increase of the number of frequenters, beach tents are installed and new leisure activities are incorporated. With this, the bathing beach stops being the main motivation for the search of this area, though it's still practised. Thus, these changes reflected the way as the local frequenters started using the sea as a leisure option. The study of bathing beach in Praia do Futuro has provided a deeper analysis of the dynamic and space organization of this area, that goes beyond simple practical or the abandonment of determined activities, has led to the understanding of an intense social-space dynamic, therefore, beyond being innumerable the developed activities, differentiated interests are also inserted in this process.

Keywords: Maritime. Bathing beach. Praia do Futuro.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE MAPAS

	Pág.
MAPA I – Localização da área de estudo.....	23
MAPA II – Uso e ocupação do solo.....	95
MAPA III – Localização das barracas da Praia do Futuro.....	131
MAPA IV – Geomorfologia e áreas de risco de afogamento.....	151

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura I – Planta do Forte Shoonenborch.....	29
Figura II – A primeira Planta de Fortaleza (1726).....	32
Figura III – Planta da Vila de Fortaleza (1813), de Silva Paulet.....	33
Figura IV – Planta da cidade de Fortaleza levantada por Adolfo Herbster.....	34
Figura V – Localização das praias de Fortaleza.....	54
Figura VI – Divisão dos bairros de Fortaleza.....	81
Figura VII – Divisão administrativa da Secretaria Executiva Regional II.....	82

LISTA DE QUADROS

	Pág.
Quadro I – Atrações de algumas barracas na Praia do Futuro.....	137

LISTA DE GRÁFICOS

	Pág.
Gráfico I – Procedência dos freqüentadores na Praia do Futuro (jul 2005).....	117
Gráfico II – Procedência dos freqüentadores na Praia do Futuro (out 2005).....	117
Gráfico III– Nível de freqüência à Praia do Futuro.....	120
Gráfico IV – Acesso à Praia do Futuro.....	122

Gráfico V – Meio de transporte utilizado até a Praia do Futuro.....	123
Gráfico VI – Preferência dos frequentadores.....	147
Gráfico VII – Decisão para tomar banho de mar em outra praia.....	147

LISTA DE FOTOGRAFIAS

	Pág.
Foto 01 – 10ª Região Militar de Fortaleza.....	29
Foto 02 – Caminhada à beira-mar na Praia de Iracema.....	49
Foto 03 – Hotel Iracema Plaza.....	50
Foto 04 – Avenida Beira-Mar (Fortaleza-Ce).....	55
Foto 05 – Roupas de banho usadas nos anos 1920 na Praia de Iracema.....	67
Foto 06 – Banhos de mar na Praia de Iracema.....	70
Foto 07 – Panorâmica da Praia de Iracema – 2005.....	71
Foto 08 – Estoril.....	72
Foto 09 – Igreja de São Pedro.....	72
Foto 10 – Avenida Santos Dumont, nas proximidades da Praia do Futuro.....	89
Foto 11 – Avenida Dr. Aldy Mentor.....	96
Foto 12 – Quiosques do pólo de lazer abandonados na praça 31 de Março....	98
Foto 13 – Vila Galé Resort Fortaleza (PF II).....	101
Foto 14 – Lisboa Praia Hotel (PFII).....	101
Foto 15 – Pousada Salinas (PFI)	102
Foto 16 – Pousada Sol de Verão (PF II)	102
Foto 17 – BNB Clube Praia (PF II)	103
Foto 18 – AABEC Fortaleza (PF II)	103
Foto 19 – Clube do Médico (PF I)	103
Foto 20 – Assoc. dos Serv. Banco Central (PF II)	103
Foto 21 – Nova sede do Clube dos Diários na Praia do Futuro (PFII).....	104
Foto 22 – Sede da AABB Fortaleza na avenida Beira-Mar.....	105
Foto 23 – Estrutura das barracas da Praia do Futuro em 1960.....	106
Foto 24 – Estrutura em 2006 de algumas barracas.....	106
Foto 25 – Prédio multifamiliar (PF I).....	107
Foto 26 – Prédio multifamiliar (PF II).....	107

Foto 27 – Construções sobre as dunas (PF II).....	107
Foto 28 – Únicos prédios com mais de 10 andares em toda a Praia.....	109
Foto 29 – Edifício da Praia do Futuro passando por reforma.....	110
Foto 30 – Exemplo de área em construção na Praia do Futuro I.....	112
Foto 31 – Canteiro de obras da ponte sobre o rio Cocó.....	113
Foto 32 – Avenida Zezé Diogo durante a semana.....	121
Foto 33 – Avenida Zezé Diogo no fim de semana.....	121
Foto 34 – Barraca de praia ganha prêmio numa importante revista do país.....	124
Foto 35 – Deslocamento das barracas em direção ao mar.....	132
Foto 36 – Barraca fechada e tomada pela areia (PF I)	132
Foto 37 – Barraca de grande infra-estrutura (PF II)	132
Foto 38 – Barraca com tema de castelo.....	134
Foto 39 – Barraca com tema tailandês.....	134
Foto 40 – Barraca funcionando em julho de 2005 (PF II)	136
Foto 41 – Barraca demolida em abril de 2006 e com terreno à venda (PF II)...	136
Foto 42 e 43 – Cercas delimitando a área das barracas na Praia do Futuro....	138
Foto 44 – <i>Jet</i> Bronze (bronzamento artificial com pistola automática).....	142
Foto 45 – Tenda para massagem relaxante.....	142
Foto 46 – Futebol de areia.....	143
Foto 47 – Frescobol.....	143
Foto 48 – Caranguejada.....	144
Foto 49 e 50 – Banhos de mar na Praia do Futuro.....	149
Foto 51 – Torre de observação antes do Projeto Guardiões da Praia.....	150
Foto 52 – Torre de observação (Projeto Guardiões da Praia).....	150
Foto 53 – Chuveiros das barracas.....	153
Foto 54 – Crianças brincam em piscinas montadas nas barracas.....	153
Foto 55 – Parque aquático numa barraca da Praia do Futuro.....	153

SUMÁRIO

	pág
INTRODUÇÃO.....	14
1 A CONSTRUÇÃO DA MARITIMIDADE EM FORTALEZA.....	21
1.1 Do desprezo pelo mar às práticas marítimas modernas.....	37
1.1.1 Reversão das imagens repulsivas e o início da admiração.....	41
1.1.2 O <i>Grand Tour</i>	42
1.1.3 Fortaleza de costas para o mar.....	46
1.1.4 Fortaleza olha para o mar.....	48
1.2 A migração das atividades de lazer.....	53
2 OS BANHOS DE MAR EM FORTALEZA: DE PRÁTICA TERAPÊUTICA À VALORIZAÇÃO DAS ZONAS DE PRAIA.....	60
2.1 Os banhos terapêuticos.....	61
2.2 Os banhos de mar no Brasil.....	65
2.3 Os primeiros banhos de mar em Fortaleza.....	66
2.4 Vendendo o “belo” – aspectos da expansão e valorização do litoral de Fortaleza.....	75
3 O ESPAÇO DA MARITIMIDADE NA PRAIA DO FUTURO.....	78
3.1 Do esquecimento aos cartões-postais.....	92
3.1.1 Construindo o espaço da Praia.....	94
3.1.2 O discurso da maresia.....	110
3.1.3 As “personagens” da praia.....	115

3.2 A Praia do Futuro na lógica do turismo.....	125
3.2.1 As barracas entram no debate.....	130
3.2.2 A incorporação de novas práticas de lazer – será o fim dos banhos de mar?	140
4 PARA REFLETIR.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	160
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	165
APÊNDICE.....	167
ANEXO A.....	169
ANEXO B.....	172



Arquivo Nirez

Introdução

INTRODUÇÃO

A prática dos banhos de mar tornou-se comum nos dias atuais e representa atividade de lazer e descontração para aqueles que se direcionam aos ambientes litorâneos ou neles residem. O problema apresentado parte da reflexão inicial, compreendendo-se que a procura pelos banhos de mar contribui, em determinados lugares, para sua ocupação e organização espacial.

Para este estudo, toma-se como objeto de análise umas das praias da cidade de Fortaleza (Ceará), a Praia do Futuro, onde diversas atividades de lazer encontram-se em franca consolidação. A área de estudo destaca-se como um espaço de uso diversificado e dinâmica diferenciada das outras praias da Capital cearense.

A relevância do tema decorre da importância das atividades de lazer na cidade de Fortaleza. Escolheu-se a Praia do Futuro para o desenvolvimento deste estudo em virtude de sua importância para a dinâmica da atividade turística local e também por ser um dos principais pontos de lazer buscado pelo fortalezense. Em seus 6 km de extensão, os frequentadores da Praia do Futuro são seduzidos pela beleza e encanto proporcionados pelo contato com o ambiente litorâneo e, também, pelas diversas atrações e serviços incorporados à área.

O diferencial desta praia em relação às demais de Fortaleza encontra-se na instalação de barracas à beira mar, sendo estas de vários tipos e tamanhos, e comendo-se de restaurantes, bares e casas de *show*. Dentre os serviços oferecidos, podem ser encontrados, nas barracas da Praia do Futuro, música ao vivo, parque aquático, variedade de comida e bebida, além das inúmeras cadeiras espalhadas ao longo da areia da praia, destinadas aos banhos de sol e à permanência dos frequentadores.

Com a instalação de uma diversidade de equipamentos e serviços, inúmeras pessoas se aglomeram todos os fins de semana naquela que é tida como

uma das praias mais freqüentadas no perímetro urbano de Fortaleza. Isso ocorreu em virtude do crescimento da Cidade, da valorização das terras do seu litoral, assim como pela melhoria da infra-estrutura de acesso e serviços, passando a contribuir para o aumento significativo do número de freqüentadores.

Uma diversidade de motivações contribui para o deslocamento dos freqüentadores à Praia do Futuro. Seria comum o mar ser o grande astro de um “domingo na praia”, entretanto, a realidade observada se apresenta de forma diferenciada.

A prática dos banhos de mar nesta praia é objeto da interferência da incorporação de outras práticas de lazer, como os banhos de sol, os esportes ao ar livre e o uso dos equipamentos instalados nas barracas. Muitas pessoas vão à praia apenas para praticar estas atividades, não havendo um contato direto com o mar.

Sobre a mudança de comportamento da sociedade local em relação ao mar, pode-se observar que a instalação de outros serviços relacionados às possibilidades de banho, notadamente os chuveirões e as piscinas, concorrem para a diminuição da constância aos banhos de mar. O que era a motivação principal para o deslocamento dos fortalezenses até esta área no início de sua ocupação é aos poucos relegado a segundo plano.

Com base nestes elementos iniciais da discussão, compreende-se que há uma diversidade de elementos passíveis de análise no lugar em foco. Para a realização da pesquisa decidiu-se destacar o papel desempenhado pelos banhos de mar na Praia do Futuro e as implicações desta procura na construção de seu espaço. A esta análise alia-se um entendimento das práticas marítimas modernas no litoral de Fortaleza, procurando compreender como aconteceu a ligação inicial desta cidade com seu ambiente litorâneo.

Busca-se como objetivo geral desta pesquisa examinar se os banhos de mar no lócus desta investigação ainda constituem fator relevante na procura por lazer e de que forma a prática ou não de tal atividade contribui para a consolidação deste espaço geográfico.

Como objetivos específicos da pesquisa, procura-se: a) compreender como ocorreram a maritimidade e a prática dos banhos de mar em Fortaleza; b) verificar de que modo aconteceu o processo de incorporação da Praia do Futuro às

atividades de lazer em Fortaleza; e c) identificar e analisar as implicações socioespaciais da incorporação de novas atividades de lazer no espaço estudado e seu reflexo sobre a prática dos banhos de mar.

Conforme Andrade Santos (2002, p. 84) “[...] para iniciarmos uma pesquisa, sempre partimos de um conhecimento prévio, adquirido através de outras experiências investigativas, dos nossos estudos anteriores e de outras leituras”. Acredita-se ter sido esta a motivação principal para elaborar este trabalho, quando se buscava desenvolver um projeto que permitisse aprofundar idéias e análises, a partir de um aprofundamento teórico e de um tratamento empírico, como resposta a inúmeros questionamentos que permeavam as reflexões sobre o local investigado.

Assim, para o desenvolvimento da pesquisa, alguns questionamentos iniciais foram suscitados a fim de arrimar a discussão sobre o tema proposto. Destacam-se:

- Os banhos de mar na Praia do Futuro ainda constituem fator de importância na procura por lazer nesta área?
- De que forma a procura pelos banhos de mar ali concorreu para a construção deste espaço geográfico?
- Qual o nível de importância conferido aos citados banhos de mar pelos freqüentadores da área e como isso interfere na sua dinâmica espacial?
- A incorporação de novas práticas de lazer contribui para o abandono ou não dessa atividade social na praia sob exame? Qual o reflexo imediato dessa incorporação?

Para Andrade Santos (2002, p. 84), “esta bagagem se constitui num referencial importante para a escolha das próximas leituras e eleição das teorias e metodologias mais pertinentes e adequadas ao nosso objeto”. Pensando nisto, tornou-se indispensável o aprofundamento do tema por meio de referências bibliográficas que dessem suporte ao estudo proposto. Assim, a pesquisa bibliográfica foi realizada em órgãos oficiais, bibliotecas e páginas eletrônicas (sites), dentre eles:

- Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC)

- Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) do Departamento de Geografia da UFC
- Biblioteca de Ciências e Tecnologia da UFC (Campus do Pici)
- Biblioteca de Ciências Humanas da UFC
- Biblioteca do Curso de Arquitetura da UFC
- Biblioteca Central da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
- Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR)
- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará (IPECE)
- Jornal O Povo (impresso e on-line)
- Jornal Diário do Nordeste (impresso e on-line)
- Portal de periódicos da CAPES (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>)
- Site de revistas eletrônicas Scielo (<http://www.scielo.br/>)

É importante destacar a importância da pesquisa hemerográfica realizada nas dependências do jornal O Povo, do jornal Diário do Nordeste e em suas páginas eletrônicas. Necessitando de elementos para subsidiar o entendimento da constituição do espaço da Praia do Futuro, que ao passar dos dias foi revelando sua complexidade, as matérias selecionadas foram essenciais em muitos momentos, sendo utilizadas como suporte à compreensão, principalmente, dos acontecimentos que se sucederam no local investigado ao longo dos anos. A escassez de informações sobre a área de estudo nos livros foi, em parte, solucionada com a leitura dessas matérias.

Esclarecidos estes pontos, compreende-se que discutir a prática dos banhos de mar na Praia do Futuro é trazer à pauta o real motivo que conduz tantas pessoas a frequentar esse lugar, levando-se em conta as diferenças humanas, marcantes e fundamentais no entendimento e elaboração deste ensaio.

Como ponto de partida, este estudo fornece a oportunidade de abordar o tema sob novo ângulo, não tendo como foco central apenas os aspectos técnicos relacionados à balneabilidade da água ou aos parâmetros indicadores para a classificação quanto às condições de banho em termos sanitários. Estes elementos

trazem importantes contribuições à análise, mas o objeto da discussão está fulcrado na compreensão dos elementos mais intrínsecos que levam as pessoas a utilizarem este espaço como área de lazer. A maritimidade também será analisada a partir do viés das relações simbólicas que as pessoas estabelecem com o mar.

Algumas categorias de análise tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento do trabalho: espaço, paisagem, lazer, maritimidade, práticas marítimas modernas e espaço urbano. Recorre-se a uma análise diacrônica como percurso metodológico para o estudo da Praia do Futuro tendo em vista que “uma análise diacrônica, relativa à história do espaço, permite indicar as especificidades do processo de valorização das zonas de praia em Fortaleza”. (DANTAS, 2004, p. 69).

No que se refere à metodologia operacional, foi feito inicialmente um resgate histórico sobre o assunto abordado neste trabalho, assim como acerca da área de estudo. O levantamento bibliográfico foi fundamental à coleta de dados secundários e informações gerais. Além da pesquisa bibliográfica e documental, recorreu-se a diversas técnicas para a coleta de indicadores, tais como: observação *in loco*, serviço de cartografia básica, visita a órgãos e repartições públicas e, ainda, registro fotográfico, pesquisa na Internet e em outros meios eletrônicos.

A cartografia apresentada neste trabalho é resultado dos trabalhos e atividades de campo. A marcação dos pontos apresentados nos mapas desta dissertação foi elaborada mediante a utilização de GPS (*Global Positioning System* – Sistema de Posicionamento Global), gentilmente cedido pelo Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará (LABOMAR-UFC). A marcação destes pontos foi realizada no mês de abril de 2006, objetivando a apresentação de uma cartografia que apresentasse a realidade atual da ocupação do lócus examinado.

O aprofundamento teórico-metodológico realizado durante todo o transcorrer desta dissertação foi fundamental para aprimoramento de alguns pontos que não tinham sido devidamente abordados até o momento de qualificação. A indicação de referências bibliográficas e as observações feitas pela banca de qualificação foram essenciais às análises aqui apresentadas, fazendo com que, mediante o estudo de autores diversos, fosse possível estabelecer uma análise em consonância com os objetivos da pesquisa.

Os trabalhos de campo foram iniciados ao mesmo passo em que também era realizada a pesquisa bibliográfica. Dois trabalhos de campo foram cruciais neste momento. O primeiro foi realizado no período da alta estação turística em Fortaleza (especificamente no mês de julho de 2005), quando foram aplicados 30 questionários com questões abertas e fechadas direcionadas aos frequentadores da Praia (ver Apêndice A). Foram feitas observações gerais sobre a área, além de entrevista informal com algumas pessoas presentes no momento de realização do trabalho. Parte do registro fotográfico necessário à pesquisa foi obtida durante esta atividade.

O segundo momento no campo ocorreu no período da baixa estação turística (especificamente no mês de outubro de 2005), quando foi aplicada igual quantidade, com o mesmo modelo, de questionários da alta estação. Observações *in loco* também foram feitas a fim de averiguar possíveis alterações nos serviços e atividades de lazer na praia. As informações obtidas nestes dois momentos de atividades de campo foram analisadas em gabinete e serão apresentadas ao longo deste ensaio.

Assim, a dissertação “A cidade e o mar: as práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza-Ceará-Brasil)” é apresentada em cinco partes. Na primeira, esta breve introdução sobre o trabalho e o caminho percorrido para sua realização.

No segundo e terceiro módulos, inicia-se a discussão a respeito da construção da maritimidade em Fortaleza, destacando o papel da Cidade no pioneirismo relacionado às primeiras práticas marítimas no Estado do Ceará, incluindo uma recuperação acerca da imagem repulsiva em relação ao mar, situando a discussão no espaço e no tempo. Analisa-se o momento em que ocorre a inversão da imagem negativa do mar na sociedade fortalezense, quando vão se tornando comuns as primeiras práticas marítimas, com a conseqüente valorização do litoral da Cidade.

No quarto segmento, é traçado um quadro da incorporação da Praia do Futuro à Cidade, inserindo na discussão os elementos que motivaram a diminuição da frequência aos banhos de mar no trecho onde foram praticados inicialmente em Fortaleza. Indica-se um panorama geral culminante na incorporação deste pedaço da costa fortalezense. Apresenta-se um quadro atualizado do lazer na área,

enfocando a situação atual da prática dos banhos de mar, discutindo-se as mudanças de comportamento da sociedade em relação a essa atividade. A inserção das informações obtidas nos trabalhos de campo foi fundamental à apresentação e elaboração deste panorama.

O foco da discussão desta parte do trabalho concentrar-se-á na análise da dinâmica espacial da Praia do Futuro, a partir da implementação dos equipamentos de lazer destinados à manutenção da procura por parte dos freqüentadores e como isto se reflete por intermédio de uma intensa dinâmica socioespacial. Por fim, no último módulo, algumas considerações finais para refletir o que foi estudado e analisado ao longo desta dissertação.

Sabe-se que há muito por estudar e esclarecer, mas acredita-se que a valorização de qualquer objeto de pesquisa deve apoiar-se na elaboração do próprio objeto ao longo do processo investigativo. Dessa forma, espera-se contribuir para que a continuidade da discussão sobre a maritimidade de Fortaleza permaneça constante nos trabalhos geográficos e que outros espaços cearenses, carentes da análise geográfica, possam também ser evidenciados.



Ângela Maria Falcão da Silva

1

*A construção da
maritimidade em
Fortaleza*

1 A CONSTRUÇÃO DA MARITIMIDADE EM FORTALEZA

*Verdes mares bravios de minha terra natal,
onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;
Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente,
perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;
Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco
aventureiro manso resvale à flor das águas.
Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral
a grande vela?*

(ALENCAR, 1972)

Nos estudos geográficos, a maritimidade pode ser compreendida a partir de duas perspectivas principais. A primeira refere-se à maritimidade nos termos físicos, técnicos, relativamente à distância do mar para o continente. Ganha destaque neste aspecto o estudo da interferência dos ventos marítimos que suavizam os excessos das temperaturas continentais.

A outra perspectiva, sobre a qual este trabalho pretende discorrer, é a maritimidade entendida como um conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e, sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo. A maritimidade estudada a partir desta perspectiva não se refere somente ao mundo oceânico como entidade física, pois também se trata de uma produção social e simbólica (DIEGUES, 2003).

O conjunto das práticas que envolvem a maritimidade significa para Claval (1996 apud DANTAS, 2004, p.75) “uma maneira cômoda de designar o conjunto de relações que determinada população estabelece com o mar – aquelas inscritas no plano das preferências, das imagens e das representações coletivas em particular”.

Não são muitos, porém, os trabalhos geográficos que tratam desta segunda possibilidade de análise, sendo de certa forma recentes alguns deles e, portanto, tornando esta pesquisa um desafio quando se intenta um maior aprofundamento sobre o tema.

Diegues (2003) explica que o interesse das ciências sociais pelo mar é relativamente recente, sendo a Geografia Humana e a História pioneiras neste campo. Alguns autores que trabalharam com este enfoque direcionavam suas análises principalmente às questões relacionadas à pesca e aos povos que utilizavam o mar como sobrevivência e comércio. Conforme Diegues (Ibid.), trabalhos como de Herubel, *A Evolução da Pesca* (1928) e o de A. Thomazi, *A História de Pesca* (1947), por exemplo, publicados na França, tratam exclusivamente da pesca numa perspectiva histórica e geográfica.

Ainda sobre o estudo da maritimidade pelas ciências humanas, Diegues (Ibid.) torna a afirmar que:

[...] a ausência das ciências humanas no estudo das populações humanas que vivem direta ou indiretamente dos mares se deve, em grande parte, às ciências sociais, pois até recentemente o estudo das comunidades marítimas se inseria dentro do estudo do "mundo rural". O litoral, a costa, o mar e o oceano eram simplesmente extensões do continente e as populações que viviam desses ecossistemas eram considerados "camponeses" e assalariados marítimos (no caso da navegação costeira ou oceânica) para os quais as cidades litorâneas e as zonas costeiras representam espaço de moradia.

No sentido de dar continuidade à discussão e entendendo que a maritimidade ora apresentada se constitui mediante as relações da sociedade com o mar, em virtude de uma série de práticas e representações, é necessário compreender como isto ocorreu na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, a fim de que seja possível realizar o estudo da maritimidade na Praia do Futuro (ver Mapa I, p. 23), objeto central deste trabalho, onde as práticas marítimas ocorreram somente após longo período de ocupação e expansão do espaço urbano de Fortaleza.

Examinar a gênese da maritimidade na Capital cearense remete, também, ao estudo da maritimidade mundial, levando em conta o fato de que a discussão pretende realizar um estudo diacrônico da ocupação e expansão do espaço urbano da Cidade. Assim, a particularidade da maritimidade da Praia do Futuro liga-se a um contexto mais amplo, conduzindo ao aprofundamento do tema.

Entender a relação dos homens com o ambiente litorâneo tornou-se fundamental em muitas partes do mundo, mesmo que em pequenas porções de território. Com isso, trazendo esta discussão para o Estado do Ceará, evidencia-se a importância desta abordagem para a compreensão do contexto mais amplo da ocupação de seu território.

Assim, procurando encontrar elementos possíveis para um entendimento da maritimidade em Fortaleza, recorreremos aos estudos de Dantas (2002; 2003; 2004; 2005) como norteadores deste trabalho. Esse autor direcionou suas pesquisas, nos últimos anos, às práticas marítimas modernas e às representações do mar e do marítimo nos trópicos, tornando suas reflexões importante referência aos que se dedicam a investigar o tema da maritimidade.

Dantas (2002, p. 13, grifo nosso) acentua que “a elaboração da noção de maritimidade no Ceará, ou seja, da constituição das relações da sociedade local com o mar, será evidenciada a partir desse contato inicial e de seus desdobramentos”. Esta relação que se inicia de forma tímida e acanhada nos primeiros anos de ocupação do Estado, ocorrendo através das práticas marítimas tradicionais (pesca, comércio marítimo e defesa da costa) vai ao poucos sendo incorporada aos costumes da população local através da prática de outras atividades relacionadas ao contato com o mar, notadamente àquelas relacionadas a momentos de lazer e descontração.

Em contrapartida, para o estudo da maritimidade na Capital cearense, é fundamental que seja elaborado anteriormente breve entendimento de como o Estado do Ceará se inseria no cenário mundial quanto às práticas marítimas, traçando um pequeno resgate histórico de seu processo de ocupação, tanto do litoral quando do sertão, pois, na história da incorporação do mar pela sociedade cearense, não pode ser desconsiderado o peso histórico da ocupação de sua costa e da forma como ocorreram os primeiros contatos da população com o litoral.

Mesmo com seu extenso litoral, os principais pontos de ocupação do território cearense, no período da colonização do Brasil, aconteceram em áreas do interior do Estado, com a formação de importantes cidades que iriam deter durante

longo período o domínio comercial e a produção de mercadorias. Dantas (2003, p. 208) esclarece que a economia do Ceará era, até meados do século XVIII:

[...] regional, atrelada à demanda da zona da mata. Não dispunha de uma cidade primaz, mas de conjunto de cidades interioranas, articuladas e especializadas na produção e comercialização da carne-seca, ficando sua capital litorânea isolada na zona costeira, sem estabelecer vínculos com outros centros urbanos coloniais.

Dentre as cidades que merecem destaque referente à ocupação do território cearense no início de sua colonização estão as cidades de Sobral, Acaraú, Icó, Camocim e Aracati. Estas eram importantes cidades do Estado do Ceará, onde ocorriam a produção e a comercialização das mercadorias destinadas ao mercado regional. Os portos existentes no Estado, situados nas cidades de Aracati, Camocim e Acaraú serviam ao embarque e desembarque de mercadorias. Conforme Dantas (2003, p. 221), “[...] Aracati, Icó, Sobral e Crato constituem um quadro espacial que sublinha o isolamento de Fortaleza. Limitada a funções administrativas, essa cidade permanece isolada no litoral”.

As cidades de Icó e Aracati cresceram em função das charqueadas¹, sendo que a última exerceu papel de destaque como maior centro de produção de carne seca em meados do século XVIII.

Com as charqueadas, quando se aproveitou o desenvolvimento da criação de gado como nova atividade econômica, surgem estes importantes núcleos urbanos, tendo alguns deles ainda hoje destaque no cenário estadual, como é o caso da cidade de Sobral que, com o desenvolvimento do Estado, foi conquistando importância dentro de outros aspectos do cenário econômico cearense. Outro ponto a ressaltar no que se refere às charqueadas é lembrado por Dantas (op. cit., p. 215) ao dizer que:

Com as charqueadas estabelecem-se as primeiras relações do sertão com o litoral, baseadas no mercado interno que alimenta um comércio marítimo (transporte de cabotagem de exportação e importação) e reforça contatos com capitânicas mais desenvolvidas economicamente. A produção de carne-seca dispõe de espaço relevante no desenvolvimento do Ceará, estabelecendo-se graças a uma demanda regional.

¹ Atividade que consistia em salgar a carne bovina e cortá-la em pedaços, também conhecida como carne-seca ou carne-de-sol.

Naquele momento ainda não se evidenciava a possibilidade de utilizar as áreas próximas às zonas portuárias como próprias à diversão e ao lazer das classes mais ricas da sociedade, pois era uma área ocupada essencialmente por pobres, pescadores e trabalhadores. Ainda não era costume local utilizar o mar como lazer e as áreas próximas aos portos eram consideradas zonas impróprias à permanência de “pessoas de bem”, pois, além da grande circulação de trabalhadores que muitas vezes utilizavam pouca roupa, era, também, área destinada à carga e descarga de mercadorias. Conforme Dantas (2004, p. 69), “a beira-mar é ordenada como espaço de troca de mercadorias, dificultando a apropriação deste espaço pelas classes abastadas”.

O litoral do Estado e também de Fortaleza era lugar de moradia dos pescadores, dos homens que se aventuravam no mar em busca do pescado para garantir a sobrevivência e movimentar as pequenas relações de comércio nos lugarejos próximos as vilas de pescadores. Estes homens e suas famílias viam no mar a possibilidade de melhoria de vida mediante o trabalho. Assim, não era prática usual nestas comunidades utilizar o mar como lazer. O mar fazia parte do cotidiano destas pessoas, e, assim, trabalho e lazer aglutinavam-se em virtude da estreita relação que mantinham com ele.

Nestas áreas de porto e de comunidades litorâneas, ora o mar era utilizado para o trabalho, ora para os incipientes banhos de mar, praticados por aqueles que, acostumados a presenciar o enfrentamento do mar pelos pescadores, aventuravam-se a enfrentar suas ondas. Nos primórdios da ocupação do Brasil, a instituição de jurisprudências pela Coroa Portuguesa, “não impediam a atividade da pesca, indicando abertura à exploração baseada nesta atividade e possibilitando o surgimento das primeiras comunidades de pescadores no litoral”. (DANTAS, 2002, p. 18).

A formação destas comunidades marítimas é diretamente relacionada ao ambiente de vivência e prática dos pescadores, constituindo-se, segundo Diegues (1995, p. 19):

[...] num ambiente marcado pelo perigo, risco, mobilidade e mudanças físicas. A constituição histórico-cultural dessas comunidades marítimas está relacionada, de alguma forma, com o distanciamento da “terra” enquanto

lugar de trabalho e vida e com a apropriação econômica e sócio-cultural do meio marinho, onde os pescadores, tanto artesanais quanto os vinculados à pesca empresarial-capitalista, passam uma parte considerável de seu tempo.

Referente aos modos de apropriação do espaço litorâneo e seus recursos afirma Diegues (1995, p. 19) que:

Os homens, ao longo da história, ao explorar, gerir e imaginar o mar e seus recursos elaboram diversos modos de apropriação social, econômica e cultural, ligados ao ambiente marinho. As práticas sócio-culturais da “gente do mar” dão ao ambiente marítimo uma dimensão antropológica e são marcadas pelas propriedades naturais socializadas.

À medida que ocorre a ocupação dos trechos do litoral e, também, das terras de seus antigos moradores (pequenos produtores, pescadores, dentre outras comunidades litorâneas), acontece também a expulsão destes para áreas sempre mais distantes da praia, onde os modos e condições de vida vão ser diferentes daqueles a que estavam habituados. Apesar de todo este embate, o pescador, mesmo sendo “um tipo em ‘vias de extinção’ mostra à sociedade inteira não serem estes espaços feitos unicamente de banhos de mar e de banhos de sol”. (DANTAS, 2005a, p. 277).

No que se refere à presença das comunidades de pescadores ao longo do litoral cearense e na cidade de Fortaleza, Dantas (2002, p. 22) assinala que:

As comunidades de pescadores encontram-se, na totalidade do território cearense, representando outro modelo de ocupação do espaço, baseado essencialmente na pesca. Tal atividade engendra a criação de verdadeiras comunidades marítimas no litoral, e até nas regiões vizinhas de Fortaleza. Nesta cidade, elas constituem o germe de formação das comunidades do Mucuripe e do Meireles (atualmente integradas na zona urbana de Fortaleza).

É útil lembrar neste momento que alguns fatores contribuía para o pouco desenvolvimento do Estado e de sua sede, Fortaleza. Além da forte ligação que Fortaleza mantinha com as principais cidades do Estado, a Capitania do Ceará esteve subordinada à invasão dos holandeses, ao domínio do Estado do Maranhão e Grão-Pará, e depois a Pernambuco, além de ter sido alvo da cobiça colonialista européia, fatos que impediam seu crescimento e desenvolvimento.

O Ceará ficou praticamente esquecido por Portugal durante todo o século XVI. No que diz respeito aos fatores que contribuía para o afastamento dos

portugueses das terras cearenses, ressalte-se os fortes ventos que dificultavam o acesso à costa, a aversão dos índios à presença dos conquistadores, as condições climáticas e a presença constante de outras nacionalidades na região (principalmente franceses e holandeses). Segundo Linhares (1992, p. 132), “é bom lembrar que, ao contrário das outras cidades litorâneas coloniais, as condições naturais de Fortaleza não foram as mais indicadas para a ação do colonizador”.

No século XVII, duas expedições holandesas estiveram no Ceará. Em 1637, chega a primeira expedição, ocupando o semi-abandonado Forte de São Sebastião, onde permaneceu por sete anos explorando sal e âmbar gris², até que seus integrantes foram dizimados pelos índios.

Outra expedição holandesa, esta comandada por Matias Beck, desembarcou em 1649 no Mucuripe quando construiu o Forte Schoonenborch, na embocadura do rio Pajeú, onde atualmente localiza-se a 10ª Região Militar de Fortaleza. Um dos objetivos da construção do forte era defender-se dos nativos. Entre 1660 e 1698, surgiu um pequeno povoado, no qual foi erigida uma capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção. No século seguinte, o povoado foi elevado à condição de vila.

Conforme Aquino (2003, p. 42-43), “nas proximidades da zona litorânea existiam poucas edificações, a maior concentração estava na direção contrária. Isso porque as zonas praianas eram consideradas pontos de defesa, daí a presença do Forte Schoonerborch”. Matias Beck, após aportar nas terras cearenses, dá início à construção deste forte e, anos depois, com a expulsão dos holandeses, o forte é reaproveitado pelos portugueses. “Após sua reconstrução em 1660, passa a ser chamado de Forte de Nossa Senhora da Assunção. Conforme os historiadores este é o verdadeiro marco das origens da cidade de Fortaleza”. (Ibid., p. 42).

² Âmbar cinza, âmbar pardo, âmbar gris ou âmbar de baleia, é uma substância sólida, gordurosa e inflamável, em geral de cor cinza fosco ou enegrecido, podendo, contudo ter cor castanho escuro ou ser variegada com aspecto marmóreo (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).



Foto 01 – 10ª Região Militar de Fortaleza
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)



Figura I – Planta do Forte Shoonenborch
Fonte: Prefeitura M. de Fortaleza (1982, p. 38)

A gênese principal da ocupação da costa brasileira nos primeiros dois séculos foi objetivando a proteção ao ataque de invasores, principalmente franceses e holandeses, configurando assim sua função preponderantemente estratégico-militar.

O Forte Shoonenborch expressava o papel que a Cidade desempenharia durante os primeiros anos da ocupação do Ceará, com apenas um pequeno povoado, comércio incipiente e servindo basicamente à guarda da costa contra os invasores estrangeiros.

Sem despertar o interesse lusitano pela costa cearense até o século XVIII, Fortaleza continua com seu povoamento ocorrendo de forma bastante lenta, numa época em que “correspondia a um período de verdadeira decadência nacional, traduzido pelo domínio espanhol. Assim, a faixa praiana do Ceará ficaria terra de ninguém, ora pertencendo ao chamado Estado do Maranhão ora ao Estado do Brasil”. (CASTRO, 1977, p. 24).

Conforme Castro (Ibid., p. 25) somente “em 1726, a Fortaleza passa a usar o título de vila, que não lhe muda o aspecto de abandono e pobreza em que mergulhava, quase ilhada num ‘montão de areia’, segundo a expressão de um dos futuros dirigentes da Capitania”.

A Vila de Fortaleza³ foi instalada a 13 de abril de 1726, mas a Cidade continuaria por muito tempo vinculada ao sertão através da ligação e dependência com as cidades do interior. Mesmo assim, ocupava a posição de sede do Governo cearense, apesar de não possuir expressividade de ocupação ou de relações comerciais com outras cidades em âmbito regional, pois o que era produzido nas demais cidades era enviado através de seus portos diretamente para outros estados nordestinos, sem passar por Fortaleza.

Conforme Dantas (2002, p. 16):

No Ceará colonial, o litoral não constitui ponto de penetração. Embora a ocupação inicial ocorra sobre esta parcela do território, aspectos tecnológicos, naturais e simbólicos apresentaram-no como quadro impróprio à penetração e justificador do fraco desenvolvimento desta zona, em relação ao sertão. O litoral mostra-se como presa fácil para o sertão, evidenciando-se como tributário e dependente desse espaço.

Os fortes ventos da costa de Fortaleza também contribuíam para sua fraca ocupação, permanecendo por um longo período à espera de “outros ventos” que mudassem a “sorte” ou o “destino” reservado a este pedaço do território do Nordeste. Castro (1977, p. 24) relata que:

O mar, em frente das terras cearenses, principalmente mais para o noroeste da Fortaleza, sofre calmarias temporárias. Os ventos sopram semestralmente em sentidos contrários. Assim, uma caravela que do Pará demandasse a Pernambuco teria muitas vezes de esperar seis meses para partir. Em algumas ocasiões, seria mais rápido ir a Lisboa, para de lá retornar às outras partes do Brasil. Por consequência de tal fenômeno, nasceria o interesse de se manter uma povoação fortificada na costa cearense, se de prever apoio logístico, como se diz hoje, onde as naus pudessem fazer eventual aguada ou, em caso extremo, descer-se a terra, continuar viagem, palmilhando a praia pelo menos até o Punaré, que é o rio Parnaíba, entre o Piauí e o Maranhão. A essa condição especial de LOCAL DE BALDEAÇÃO é que a Fortaleza deve sua existência. A ela, mais que a tudo, como a comprovar a afirmação de Marcel Poète, teórico e urbanista, de que as cidades nascem onde se troca de transporte.

Por ser local de acesso difícil e considerando a presença e importância de outras cidades como Aquiraz e principalmente Aracati, que era o maior centro de produção e exportação das charqueadas cearenses, sendo economicamente mais

³ “No papel, por carta régia em 1726, Fortaleza é elevada à categoria de vila, chamando-se Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Somente em 1799, ocorre o desmembramento da Capitania do Ceará da Capitania de Pernambuco. No dia 17 de março, finalmente, a vila é elevada à categoria de cidade recebendo o nome de Fortaleza de Nova Bragança”. (LINHARES, 1992, p. 138).

representativa do que a Capital questionava-se o porquê de Fortaleza estar nesta posição administrativa.

Nesse cenário da disputa entre Fortaleza e Aracati, prevaleceu a primeira, pois em virtude de se tratar da capital da província, atraía investimentos por parte do governo central e, também por ser o local onde se realizavam as transações comerciais do algodão. Com isso, Fortaleza acabou predominando sobre as demais cidades e consolidando-se como a capital do Estado.

No que diz respeito às condições de ocupação da Capital cearense, é mister destacar neste momento os relatos feitos pelo inglês Henry Koster, em seu livro intitulado *Viagens ao Nordeste do Brasil*, tendo sua primeira edição em 1816, na cidade de Londres.

No relato de Koster (2002, p. 220) que chega à Vila de Fortaleza a 16 de dezembro de 1810:

A Vila de Fortaleza do Ceará é edificada sobre terra arenosa, em formato quadrangular, com quatro ruas, partindo da praça e mais outra, bem longa, do lado norte desse quadrado, correndo paralelamente, mas sem conexão. As casas têm apenas o pavimento térreo e as ruas não possuem calçamentos, mas n'algumas residências, há uma calçada de tijolos diante. Tem três igrejas, o palácio do governador, a Casa da Câmara e prisão, Alfândega e Tesouraria. Os moradores devem ser uns 1.200. A fortaleza, de onde esta Vila recebe a denominação, fica sobre uma colina de areia, próxima às moradas, e consiste num baluarte de areia ou terra, do lado do mar, e uma paliçada, enterrada no solo, para o lado da Vila.

A descrição de Koster (Ibid., p. 220) a respeito das condições naturais de nosso litoral corrobora o que foi expresso anteriormente por Castro e revela como estas condições causavam nos visitantes, e mesmo nos moradores, um sentimento de receio naqueles que necessitam do mar para chegar à costa fortalezense:

Não é muito para compreender-se a razão de preferência dada a este local. Não há rio nem cais e as praias são mais e de acesso difícil. As vagas são violentas e o Recife oferece proteção bem diminuta aos navios, viajando ou ancorados perto da costa. A fundação antiga estava localizada a três léguas ao norte sobre um pequeno riacho e só existe a ruína do velho Forte. A costa é escarpada, determinando uma ressaca perigosa para os barcos que procuram ancoragem perto do litoral.

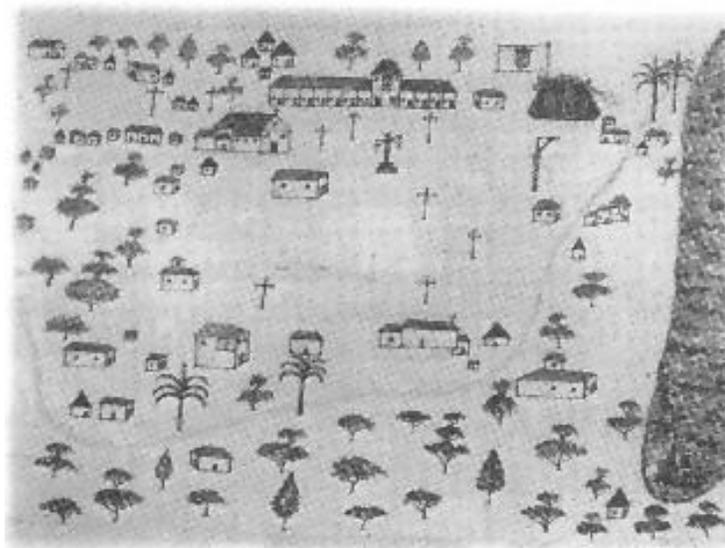


Figura II – A Primeira Planta de Fortaleza (1726)
Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza (1982, p. 41)

Koster (2002, p. 222) continua seu relato sobre suas impressões sobre a Vila de Fortaleza:

Não obstante a má impressão geral, pela pobreza do solo em que esta Vila está situada, confesso ter ela boa aparência, embora escassamente possa este ser o estado real dessa terra. A dificuldade de transportes, terrestres, particularmente nessa região, e falta de um porto, as terríveis secas, afastam algumas ousadas esperanças no desenvolvimento de sua prosperidade. O comércio do Ceará é limitado e, provavelmente, não tomará grandes impulsos. Os longos créditos, que se é obrigado a conceder aos negócios locais, fecham os cálculos de rápidos pagamentos como estão habituados os comerciantes ingleses.

Após a leitura dos relatos de Koster, é possível perceber que a cidade de Fortaleza, apesar de acanhado desenvolvimento inicial, já apresentava indícios de uma cidade que se tornaria centro de absorção do comércio no Estado, além de já possuir muitos dos equipamentos de ordem administrativa necessários à prosperidade das terras cearenses.

Para continuar desvelando os caminhos da maritimidade em Fortaleza e consubstanciar o estudo ora proposto importa ter a clareza de que, conforme nos alerta Castro (1977, p. 20), “a cidade é uma obra coletiva que transcende os limites da contemporaneidade. É a maior criação dos homens. Sua existência não pode ser creditada a um homem”. Portanto, devemos perceber outras questões que nos levem à compreensão, o mais próximo possível, dos encaminhamentos referentes a

todo o período de constituição do território cearense, em especial à constituição de sua capital e sua área litorânea.

A cidade de Fortaleza iniciou o contato com o mar timidamente. Durante longo período, permaneceu voltada para o sertão, sendo produzida de costas para o mar. Assim, não desperta cedo para o uso de sua maritimidade e, principalmente, para o uso de sua zona de praia como opção de lazer.

De acordo com Dantas (2003, p. 225-226):

Tal quadro de dominação do litoral pelo sertão, que culminou na constituição de sua capital de uma forma modesta e desarticulada do sistema das principais cidades do estado, só é sobreposto no século XIX com o conjunto de mudanças de ordem político-administrativa e tecnológica.

No início do século XIX, Fortaleza cresce em atividades comerciais e se constitui como cidade litorânea com forte influência interiorana. Esta especificidade da Fortaleza é revelada através das primeiras plantas e planos urbanísticos que são elaborados para a cidade, pois as ruas foram definidas do mar em direção ao sertão.

A planta da Vila de Fortaleza elaborada por Antônio da Silva Paulet em 1813 mostra prédios diversos nas margens do Pajeú e na Prainha (hoje avenida Pessoa Anta) e os caminhos que chegavam do interior do Estado.

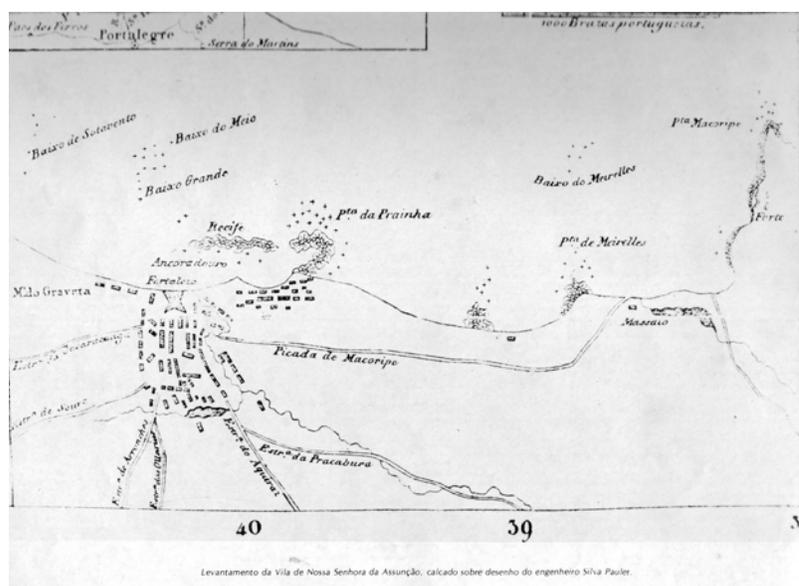


Figura III – Planta da Vila de Fortaleza (1813), de Silva Paulet com destaque para os caminhos que direcionavam o crescimento da cidade.
Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza (1982, p. 46)

Segundo Costa (1988, p. 64), “Fortaleza cresceu, com seu traçado acompanhando os antigos caminhos que demandavam o interior – caminhos de Arronches, de Aquiraz, de Soure, de Jacarecanga, de Messejana, Picada do Macoripe, da Precabura”.

No período da Guerra da Secessão nos Estados Unidos (1860-1865), aumenta a demanda pelo algodão produzido no Ceará. Com o aumento das exportações, ocorre maior desenvolvimento do Estado, mas especificamente na cidade de Fortaleza. Ao passo que seu porto exportava o algodão diretamente para a Inglaterra, a cidade se consolidava como capital e sede do Governo estadual. Os negócios de importação e exportação fizeram a Cidade prosperar e o comércio local cresceu.

Já posteriormente, por meio do urbanista Adolfo Herbster, houve a continuidade do traçado de Silva Paulet. Herbster continuou ignorando a faixa litorânea da cidade, excetuando-se o transporte de mercadorias para o porto do Mucuripe. O plano urbanístico de Adolfo Herbster (1875) foi o elemento basilar para a expansão da cidade de Fortaleza.



Figura IV – Planta da cidade de Fortaleza levantada por Adolfo Herbster em 1875.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

O embelezamento de Fortaleza nesta segunda metade do século XIX caracterizava-se: pelo realinhamento de ruas, com a inserção de novas edificações na cidade; a tentativa de implantação do código de disciplinamento urbano, pois havia uma grande influência européia na cidade, principalmente francesa e o trabalho do Barão de Haussmann, em Paris, servia como modelo à Província, que queria inserir-se no modelo evolutivo europeu (ABREU JÚNIOR, 2005, p. 63).

Na final do século XIX e início do século XX, Fortaleza crescia em número de habitantes e em equipamentos urbanos. Assim, os governantes passaram a tomar medidas de higienização social, saneamento ambiental, além de serem elaborados outros planos urbanísticos, tendo em vista o forte crescimento da urbe.

Era preciso um novo porto para o escoamento da produção do Estado. Iniciou-se então a construção do Porto do Mucuripe, na década de 1920, tendo suas obras concluídas no final da década de 1950. “Aproveitando-se de crise de abastecimento internacional, com a guerra civil americana, a abertura de Fortaleza para o mar potencializou a cultura algodoeira no estado, reforçando o fluxo de barcos que ligavam a capital diretamente à Inglaterra”. (DANTAS, 2003, p. 227).

Um dos fatores que contribuíam para que Fortaleza mantivesse sua ligação com o sertão foram as constantes migrações das pessoas que fugiam das secas. Com isso mantinha-se um sentimento interiorano no litoral, pois, mesmo migrando para áreas litorâneas, as pessoas não deixavam de utilizar seus vínculos com o interior do Estado. Isto se refletia no modo como eram construídas as casas em Fortaleza e nos costumes interioranos praticados na Cidade.

Com o passar dos anos, esta população migrante vai sofrer os impactos da urbanização de Fortaleza. Seus hábitos e costumes terão que se adaptar ao modo de vida urbano. Segundo Costa (2001, p. 103), a urbanização que alterou o comportamento dos migrantes ao chegar em Fortaleza:

[...] é um processo social e não espacial que se refere às mudanças nas relações comportamentais e sociais que ocorrem na sociedade, como resultado de pessoas morando em cidades. Essencialmente, isso se refere às mudanças complexas do estilo de vida, que decorrem do impacto das cidades sobre a sociedade.

As classes mais abastadas residiam no centro da Capital, enquanto a zona de praia era ocupada pelas populações pobres e pelos migrantes. Conforme Costa (Ibid., p. 100), as secas de 1915 e 1958, “além dos sérios prejuízos sociais e

econômicos para o Ceará, contribuíram para o crescimento de várias cidades litorâneas, principalmente de Fortaleza”. Assim “a população indigente vai se alojando em barracos em terrenos próximos à ferrovia, às indústrias, à zona de praia e às margens dos rios, áreas desprezadas pelos grupos sociais de maior poder aquisitivo”. (COSTA, 2005, p. 71).

Mesmo se instalando no litoral de Fortaleza, os migrantes não se adaptaram às condições de sobrevivência praticadas pelos pescadores que lá moravam. Conforme Dantas (2005a, p. 270), Fortaleza foi uma cidade “onde o fluxo imigratório inviabiliza a absorção dos egressos do sertão nas atividades de pesca, como ocorria anteriormente”. Os migrantes que se encontravam em Fortaleza não eram acostumados com a pesca, pois realizavam atividades vinculadas aos trabalhos do sertão, sendo difícil sua adaptação à pesca litorânea em Fortaleza.

Fortaleza foi sendo construída no sentido do sertão e, até meados do século XX, possuía vínculo muito arraigado com o que se produzia no interior, tanto em termos de cultura quanto de produtos comercializáveis.

A cidade foi construída no sentido do sertão, escolha marcada por imaginário interiorano que impedia de ver o mar diferentemente, ou seja, como ponto de exportação e importação de produtos. Nasce, portanto, a cidade litorânea-interiorana cujas particularidades diferem daquelas que caracterizam a cidade comerciante, aberta para o mar por intermédio de seu porto. (DANTAS, 2002, p. 33).

Diz Castro (1977, p. 25) que “o século vê povoar-se, a pouco e pouco, o Ceará. Praticamente do interior para o mar, no entanto”. Construía-se uma cidade de caráter eminentemente interiorano, apesar de encontrar-se geograficamente localizada em ambiente litorâneo. Mesmo nos dias atuais, verifica-se que as pessoas oriundas do interior do Ceará não perderam os vínculos com a cidade de onde migraram. É comum a realização de festas e encontros em Fortaleza utilizando como motivação a reunião das pessoas destes municípios.

Tratando das influências interioranas e das marcas que iam se imprimindo na cidade de Fortaleza que “esquecia” seu litoral. Dantas (2003, p. 231-232) esclarece que:

As marcas da simbiose entre sertão e litoral são evidentes em Fortaleza. [...] essa simbiose forjou uma cidade litorânea possuidora de alma sertaneja,

cidade que se volta para o interior esquecendo parcialmente o litoral, e que é marcada por imaginário exclusivamente interiorano. Em suma, a construção da “Capital do Sertão”, cuja racionalidade só será questionada no final do século XX, com um processo de valorização de espaços litorâneos evidenciando uma cidade litorânea-marítima que se nutre das novas práticas marítimas associadas ao lazer, veraneio e turismo.

Além dos egressos do sertão, havia aqueles que se dirigiam à Capital em busca de trabalho, influenciados pelo crescimento das atividades comerciais que começavam a ganhar destaque com o aumento das exportações de produtos para a Europa (principalmente o algodão), momento de grande dinamismo na área portuária da capital. Em Fortaleza, estas áreas próximas aos portos também eram ocupadas por pescadores a partir das primeiras ocupações da Capital.

Com o desenvolvimento das atividades na zona portuária, pela oportunidade de o Ceará comercializar diretamente com o mercado europeu, sua área de porto passar a servir, também, como portão de entrada de costumes e práticas produzidos na Europa. Isto favorecerá a reversão da imagem negativa que os fortalezenses tinham do mar, como tentativa de incorporação das práticas marítimas modernas praticadas pelos europeus.

Assim, por volta das décadas de 1920 e 1930, bairros como Jacarecanga, Praia de Iracema e Aldeota passam a ser habitados pelas elites que começam a valorizar a proximidade com o litoral. A forma como foram praticados estes contatos iniciais dos moradores de Fortaleza com o mar será tratada no próximo item, tendo em vista dar continuidade à discussão sobre a maritimidade na Capital cearense.

1.1 Do desprezo pelo mar às práticas marítimas modernas

É necessário compreender que nem sempre o mar causou encantamento e admiração nas pessoas nos moldes observados atualmente nas praias ou ambientes litorâneos. No cerne do debate, o mar ganha espaço na discussão e revela outras possibilidades de análise.

Compreenda-se que até o século XVI o mar e sua costa possuíam uma carga negativa de imagens impedindo a aproximação das pessoas nesse ambiente, ao passo que o enfrentamento com o mar significava verdadeiro desafio.

As raízes do medo e repulsa pelo mar são muito anteriores ao desejo do contato e da admiração. Assim, o medo deste enfrentamento contribuiu para o atraso na incorporação deste sentimento, fazendo com que o mar fosse utilizado durante longo período da história da humanidade apenas para fins comerciais, transporte, segurança da costa e, também, meio de sobrevivência através da pesca.

Para os europeus que evitavam esse contato direto com o mar e a aventura de navegar em mares mais distantes, este quadro de imagens negativas era forte o suficiente para deixá-los por muito tempo com uma navegação restrita apenas às proximidades de seu litoral. De acordo com Dantas (2002, p. 11), “para eles, longe da costa, encontrava-se o desconhecido, vinculado constantemente a representações místicas as quais falavam de obstáculos intransponíveis: o abismo que engolia os navios, o mar habitado por monstros e deuses coléricos”.

O mundo conhecido pelos europeus até o século XV resumia-se à própria Europa, parte da Ásia e norte da África. Havia uma visão do mar como ligação a fatos religiosos e as impressões diluvianas, levando as praias a serem locais, por muito tempo, repulsivas para a população. A visão teocêntrica, bastante arraigada até a Idade Média, só irá mudar gradativamente a partir do século XVII.

A imagem negativa em relação ao mar, porém, não se dava de maneira homogênea em todas as partes da Europa e do mundo. Algumas sociedades há muito já utilizavam o mar para navegação, transporte e comércio. Portanto, não se pode dizer que o medo e repulsa pelo mar ocorriam em todas as partes do mundo. Conforme Diegues (2003):

O mar e os oceanos, desde os primórdios da humanidade foram objetos de curiosidade, de conhecimento, de ricas simbologias e de práticas culturais antigas, ligadas à pesca, à coleta e à navegação. Todas essas atividades foram exigindo um conhecimento crescente do mar e seus fenômenos, a partir das práticas culturais que foram se acumulando durante vários milênios. A partir desse contato e do conhecimento acumulado desenvolveram-se sociedades que construíram uma maritimidade marcante, tais como os fenícios e os gregos, na antiguidade ocidental. [...] a

maritimidade não é um conceito ligado diretamente ao mundo oceânico enquanto entidade física, é uma produção social e simbólica.

De acordo com Dantas (2004, p. 68), “Prevelakis (1996) também menciona o exemplo dos gregos, considerados rara exceção entre os europeus por apreciarem plenamente o charme do mar e da praia”. Cidades como Gênova e Veneza, ainda na Idade Média (476-1453), se destacavam no comércio por terra e pelo mar Mediterrâneo, comprando dos árabes, em Constantinopla e Alexandria, produtos do Oriente distante (Japão e China).

Alan Corbin, em sua obra *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental* (1989), trabalha de maneira minuciosa as raízes da repulsa e das representações existentes em relação ao litoral. Além disto, explica como ocorre a reversão desta imagem negativa e como sucede o desejo inicial dos homens pelas praias e do contato direto com o mar.

Nessa obra, de caráter profundo e indispensável a quem se propõe analisar as relações estabelecidas entre as pessoas e o mar, Corbin (1989, p. 7), no prefácio desse livro, ressalta que “não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado seus olhares, vivendo suas emoções; somente uma tal submissão permite recriar o desejo da beira-mar”. Com esta afirmação, Corbin revela um pouco de sua metodologia de trabalho, além de propiciar um aporte maior de detalhes quanto aos primeiros contatos com o ambiente litorâneo.

Ressalta o autor (1989, p. 18) que as impressões relacionadas à praia e ao ambiente marinho indicavam uma série de imagens repulsivas ao mar e sua costa e “[...] se enraízam num sistema de representações anterior à emergência do desejo da beira-mar [...] e a literatura religiosa sempre concedeu um lugar importante à simbólica do mar e de suas praias”.

No relato das imagens negativas, Corbin faz uma análise da influência dos escritos bíblicos, principalmente os que se referem ao dilúvio, como sendo uma das fontes para disseminação das imagens repulsivas, onde o oceano é situado como lugar de castigo e destinado à reparação dos erros dos homens sobre a terra.

No tempo clássico, uma série de imagens repulsivas impede a emergência do desejo da beira-mar, ignorando o encanto das praias e o prazer proporcionado pelo contato com os ambientes marinhos, apenas com raras exceções.

Segundo esse autor, “essa leitura repulsiva corresponde à certeza de um mundo em declínio. Por mais que se esforcem, os homens jamais saberão recriar essa terra antediluviana, em cuja superfície se inscreviam os traços legíveis do paraíso terrestre”. (Ibid., p. 16).

O oceano é sempre descrito como um lugar repleto de monstros e criaturas abomináveis e malditas, um lugar condenado à obscuridade e ao mistério, moradia de monstros marinhos, abismos que “engoliam” navios, tempestades que produziam naufrágios e cheio de piratas cruéis. A literatura antiga, ao tratar do mar, com destaque para o oceano Atlântico, apresenta-o como lugar carregado de mistério e de símbolos. Assim, “[...] não faltam episódios na mitologia e na literatura clássica que reforçam a visão negativa do litoral. O lugar da esperança e do êxito pode tornar-se uma fria terra de exílio, um local de infelicidade”. (Ibid., p. 23).

Torna-se fundamental inserir nesta discussão o papel das grandes navegações para a disseminação das imagens negativas relacionadas ao mar e seus mistérios ainda por explorar. Existia uma trama política e ideológica, por trás do interesse dos países europeus em divulgar estas imagens repulsivas, que tornavam cada vez mais complicada a tarefa de conseguir reunir interessados em se aventurar pelo tenebroso oceano Atlântico em busca de novas terras. A respeito disto adverte Corbin (1989, p. 26) que:

De fato, as representações do oceano e de suas costas sofrem a influência das práticas da navegação moderna; mas convém, a esse respeito, precaver-se do exagero. Até por volta de 1770, pelo menos, as lembranças colhidas na literatura antiga e na leitura da Bíblia pesam mais sobre o imaginário que os relatos de viagens exóticas. Para compreendê-lo, basta pensar no número de horas dedicadas por um indivíduo culto às leituras edificantes e às obras gregas e sobretudo latinas; superam em muito aquelas que poderia então consagrar aos livros de viagem, cuja contribuição, aliás, se acha integrada a esquemas mais antigos, fortemente enraizados. Paradoxalmente, as histórias dos homens do mar e da navegação, por mais prestígio que tenham, não constituem a melhor via de acesso à compreensão e à análise das imagens do mar e de suas praias; contudo permanecem indispensáveis”.

1.1.1 Reversão das imagens repulsivas e o início da admiração

As imagens repulsivas do mar e todas as associações negativas referidas aos ambientes litorâneos, no entanto, passarão por um momento de reversão, ao passo que ocorre na Europa uma série de acontecimentos e modificações no contexto simbólico, econômico e tecnológico dos europeus, propiciando significativas mudanças quanto à maneira de ver e sentir o mar. De acordo com Corbin (Ibid., p. 28-29):

Desde o século XVII, porém, opera-se uma mudança que viria possibilitar o novo olhar. Entre 1660 e 1675, os mistérios do oceano dissipam-se graças aos progressos realizados, na Inglaterra, pela oceanografia. No mesmo período, opera-se a retirada de Satã da história mental do ocidente. Sobretudo três fenômenos, após a efêmera atenção dada por um grupo de poetas barrocos às maravilhas marinhas, preparam a partir daí a mutação do sistema de apreciação: os cantos idílicos dos profetas da teologia natural, a exaltação das praias fecundas da Holanda, abençoada por Deus, e a moda da viagem clássica às margens luminosas da baía de Nápoles.

Algumas obras irão contribuir para o início da reversão das imagens repulsivas em relação ao mar. Diz Corbin (Ibid., p. 13) que *A Teoria da Terra*, de Thomas Burnet, reveste-se de uma importância particular. O livro, referência constante ao longo de todo o século XVIII, revela-se ao mesmo tempo passadista e premonitório". A obra de Burnet vai ser contemporânea ao surgimento da Teologia Natural⁴, que, em breve, modificará as imagens do mar e de suas praias e fornecerá os primeiros indícios da mutação na ordem estética, que conduzirá à apreciação das zonas de praia.

Segundo Aragão (2005, p. 19), "abre-se caminho, neste sentido, para o surgimento de um sistema de apreciação da natureza fundamentado pela Teologia Natural e pelo movimento romântico que dava ênfase à intensidade da emoção e da sensação, ao mistério poético, à contemplação". A Teologia Natural apresentava Deus para os homens em uma imagem mais humana e imagens menos repulsivas do mundo, indicando a terra como algo criado a serviço dos homens e os espaços litorâneos como áreas paradisíacas e propícias a grandes navegações.

⁴ Momento de difusão das belezas da natureza como obra do desejo e da bondade divina.

Pari passu, os médicos começam a indicar o contato com o mar para tratamentos terapêuticos e, assim, aliava-se este espaço de cura física e mental a momento de descanso e deleite da paisagem, transformando uma realidade de pavor em uma realidade de contemplação e deleite da natureza.

Com isso, surgem na Europa as estações balneárias para o atendimento de uma população cada vez mais ávida pelo contato com os prazeres marítimos e pelos tratamentos de saúde à beira-mar.

Conforme Corbin (1989, p. 238), em meados do século XVIII e início do século XIX, a praia passa a ser lugar de mistério e imaginação:

A praia, até então deserta, povoa-se de seres fantasmáticos que convidam a reencontrar a disponibilidade da infância, a partilhar com o povo pueril suas crenças primitivas. Aqui confluem e se confundem, num mesmo processo de regressão social e de involução psicológica, a lenda popular e o conto infantil. A revelação desse imaginário acarreta um novo modo de deleitação, aviva a sensibilidade ao contato do elemento.

Todos estes aspectos mencionados demonstram o quanto se modificou a visão dos espaços marinhos mediante a evolução das ciências. Inicialmente por meio da Oceanografia, na Inglaterra no século XVII, e, posteriormente, com a utilização da poesia dos poetas barrocos que enalteciam as belezas marinhas, foram suscitadas as primeiras impressões positivas quanto ao ambiente litorâneo e sua possível apreciação no imaginário ocidental.

1.1.2 O *Grand Tour*

As viagens feitas nos dias atuais são bastante comuns e significam um momento importante àqueles que desejam entretenimento e lazer fora de seu cotidiano. São viagens de férias, de final de semana, viagens temáticas, com roteiros preestabelecidos ou de roteiro improvisado, mas todas são viagens que

proporcionam sair da cidade onde se mora em busca do novo, do desconhecido e, principalmente, de momentos que proporcionem diversão e lazer.

As primeiras viagens, no entanto, realizadas no período do *Grand Tour*⁵, que tinham como objetivo principal conhecer diversos lugares do mundo e a cultura dos povos apresentavam um caráter, de certa forma, diferenciado, destas realizadas atualmente.

Apesar de ainda aparecerem em determinados momentos do *Grand Tour* os resquícios deixados pela carga simbólica negativa do ambiente litorâneo, elas tiveram papel importante na reversão destas imagens negativas.

A partir da Reforma Protestante, no século XVI, iniciou-se uma mudança na mentalidade do homem europeu, originando grande interesse em conhecer o mundo que o cercava. Com isso, os filhos dos nobres, burgueses e comerciantes ingleses deveriam completar seus conhecimentos culturais em países com maior fonte cultural, atingindo assim o estatuto intelectual imposto pela sociedade.

O *Grand Tour*, como foram denominadas essas viagens dos jovens ingleses, começou no século XVI, atingindo o auge no século XVIII. Era restrito principalmente aos filhos de famílias ricas, com propósitos educacionais. Os jovens deveriam percorrer o mundo, ver como era governado e se preparar para ser um membro da classe dominante. Por volta da metade do século XVIII, tornou-se comum entre as elites britânicas.

Os jovens saíam com a missão de aprender outras línguas, edificar-se e distrair-se. A viagem não possuía nenhuma ligação com o trabalho. Buscava conhecer a cultura estrangeira, monumentos importantes e a história dos lugares, a fim de que o jovem adquirisse o máximo de conhecimento sobre outras partes do mundo. Muitas vezes esse mundo era restrito apenas ao Continente Europeu.

As viagens ao moldes do *Grand Tour* foi um fenômeno social típico da cultura europeia do século XVIII. Salgueiro (2002, p. 290-291) explica que esta expressão denominava:

⁵ As viagens realizadas pelo que se convencionou chamar de *Grand Tour* possuem um caráter diferenciado das viagens de turismo nos dias atuais.

[...] as viagens aristocráticas pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo. Nele são pontuados aspectos intimamente ligados a esses pioneiros fluxos de viagens por prazer, os quais constituem matrizes remotas dos fluxos de turismo de lazer e cultural do nosso tempo atual.

Dada a dificuldade de comunicação na época e a precariedade dos meios de transportes, as viagens eram verdadeira aventura, principalmente quando o deslocamento era feito por mar. Em virtude das imagens repulsivas atribuídas ao ambiente litorâneo, significavam um verdadeiro martírio para muitos viajantes.

A empreitada de viajar pela Europa não era tarefa simples, principalmente pela dificuldade de atingir grandes distâncias, numa época que ainda desconhecia a navegação marítima a vapor e o trem de ferro. O gosto pela arte e a arquitetura dos povos antigos, o culto à ruína e aos valores estéticos sublimes para contemplação da paisagem eram as motivações principais, encorajando os jovens a se aventurarem longe de sua pátria.

Conforme Salgueiro (2002, p. 292, grifo nosso) o *Grand Tour* envolvia:

[...] além de uma viagem a Paris, um circuito pelas principais cidades italianas — Roma, Veneza, Florença e Nápoles, nessa ordem de importância. Se considerarmos as dificuldades envolvidas na viagem devido às precárias condições de superação da distância entre os lugares, chegar até Roma no século XVIII era uma façanha absolutamente corajosa. Para os que partiam da Inglaterra, o cruzamento do Canal da Mancha constituía parte realmente crítica da viagem. Ventos, ondas altas e cais precários tornavam o embarque e o desembarque uma aventura aterrorizante, acompanhada por náuseas, vômitos, sustos e até ferimentos na troca de embarcações maiores por barcos menores, necessários em vista de ancoradouros inadequados para as embarcações de maior porte. Não havia ainda o navio a vapor no século XVIII, sendo a travessia do Canal da Mancha feita ainda por embarcações à vela — uma aventura verdadeiramente apavorante para muitos que pela primeira vez em suas vidas estavam vendo o mar e, simultaneamente, tendo de enfrentá-lo.

Como então encontrar prazer numa viagem que muitas vezes causava temor e apreensão? Com o tempo, o caráter da própria excursão modificou-se, e do *Grand Tour* clássico, com base em observações e registro de galerias, museus e artefatos culturais, passou-se ao *Grand Tour* romântico, visando à valorização das paisagens.

Ao passo que estas viagens foram se tornando mais conhecidas, surgiu a necessidade da construção de casas de hóspedes, pousadas e alojamentos para

acolher os viajantes. O papel da imprensa nesta época foi importante, publicando os primeiros textos que falavam destas viagens. Distribuídas em todos os locais da Europa, as primeiras publicações serviam para despertar o interesse de viajar nas pessoas, embora nem todas pudessem realizá-las, haja vista o caráter elitizado que apresentavam, pois só viajavam aqueles que pertenciam à nobreza.

Corbin (1989, p. 23, nota nossa) assinala que “não há turista⁶, no final do século XVIII, que não sonhe em visitar os estreitos da Sicília e ali se deparar com as terríveis criaturas homéricas”. Diz ainda que aos olhos de um estrangeiro, “o litoral é também o lugar da descoberta ansiosa da surpreendente realidade dos seres que o povoam; o teatro perigoso em que se irá resolver a hesitação entre os prazeres da hospitalidade e a bestialidade dos monstros, entre a aparição de Náusica⁷ e a irrupção de Polifemo⁸” (Ibid., p. 25).

Em consequência do contato com o mar propiciado pelas viagens do *Grand Tour*, da admiração das paisagens iniciada pelo movimento romântico da Teologia Natural e do processo de expansão das conquistas territoriais feitas pelos europeus ao longo do mundo, outros povos incorporaram estes novos costumes e práticas relacionadas ao mar e assim foram disseminados para outros continentes os novos modos de ver e sentir o mar.

⁶ Segundo Coriolano (2004, p. 20-21) “o turismo é um fenômeno dos tempos modernos, portanto, relativamente recente. Surgiu quando o homem descobriu o prazer de viajar, quando a viagem deixou de ser necessidade e peso e passou a ser uma forma de buscar a sonhada felicidade. O conceito de turismo, embora tenha aflorado no século XVII, na Inglaterra, foi somente no século XIX que se instaurou como idéia moderna, sendo que suas principais teorias datam do pós-2ª Guerra Mundial”.

⁷ Personagem da Mitologia Greco-Romana, era filha de Alcino, rei feácio. Recebeu Ulisses quando este herói naufragou em sua ilha, e levou-o ao palácio do seu pai, onde lhe foi dada generosa hospitalidade e, por fim, obteve um navio para transportá-lo a uma enseada de Ítaca, local em que chegou, depois da longa ausência de vinte anos. (Fonte: <http://mithos.cys.com.br>)

⁸ Personagem da Mitologia Greco-Romana, filho de Netuno e da ninfa Thoosa, foi o mais gigantesco e o mais célebre dos cíclopes. Tendo se apaixonado pela nereida Galatéia, e vendo-a nos braços de Acis, esmagou este jovem pastor sob um rochedo. Galatéia conseguiu escapar à sua perseguição, atirando-se ao mar, onde se foi unir às suas irmãs nereidas. Segundo uma outra lenda, havendo uma tempestade atirado a embarcação de Ulisses às costas da Sicília, onde habitavam os cíclopes, Polifemo prendeu-o com os demais tripulantes e rebanhos de carneiro, e os encerrou em seu antro para os devorar. (Fonte: <http://mithos.cys.com.br>)

1.1.3 Fortaleza de costas para o mar

Alguns lugares assimilaram mais rapidamente essa nova maneira de se relacionar com o ambiente marinho, enquanto outras passaram por um processo mais lento no que se refere a esta incorporação, principalmente ao uso relacionado às atividades de lazer e entretenimento. Em Fortaleza, somente no início do século XX passa a ser comum a busca pelo ambiente litorâneo como lugar propício aos momentos de lazer da população local.

Mesmo com esta incorporação, as praias passam durante muito tempo relegadas a segundo plano. Outro aspecto relacionado à dificuldade de assimilação destes ambientes litorâneos é tratado por Corrêa (2001). Segundo esse autor, questões ambientais também interferiram no processo de assimilação destas práticas à vida cotidiana das populações que residiam próximo aos ambientes litorâneos.

A partir das explicações de Corrêa (2001, p. 293), é possível compreender que a valorização dos ambientes litorâneos “[...] se deu com base na reavaliação dos atributos ambientais considerados a partir de então como saudáveis para o homem”.

Com o passar dos anos, a discussão empreendida sobre os benefícios proporcionados aos que residem nas proximidades das praias, principalmente quando se refere àqueles relacionados às amenidades do clima e, também, com a introdução do discurso médico sobre os benefícios à saúde para aqueles que utilizam os ambientes litorâneos, vão contribuir significativamente para a incorporação do mar aos costumes da sociedade.

Afirma Corrêa (Ibid., p. 293-294) que:

Nas cidades do mundo tropical a proximidade da praia ganha uma dimensão adicional associada ao microclima ameno, beneficiada que é pelas brisas marinhas. A mudança na avaliação ambiental foi, sem dúvida, um elemento que induziu a progressiva transferência das elites e classes médias abastadas para o setor litorâneo que, a partir do final do século XIX, como no caso da cidade do Rio de Janeiro, originou um padrão espacial de segregação residencial caracterizado, em parte, por apresentar setores seletivos à *la Hoyt*, como se exemplifica também com, entre outras cidades, Salvador, Recife e Fortaleza.

Inserida na dinâmica mundial da incorporação da maritimidade dos lugares, Fortaleza não será exceção. Acompanhando, mesmo que acanhada ou tardiamente, a dinâmica espacial e temporal da maritimidade mundial, configurar-se-á um novo sistema de uso e aproveitamento do ambiente litorâneo na Cidade.

Conquistando sua particularidade, Fortaleza apresentará, com o passar dos anos, os reflexos de uma cidade que inicialmente dava as costas para o mar, mas, ao assumir este ambiente como parte integrante de seu território, culminará numa série de outros processos, proporcionando maior complexidade à análise de sua história e de seu espaço urbano.

A forma como se estruturou a ocupação do litoral de Fortaleza está inicialmente ligada ao surgimento de suas principais vias de circulação, que durante anos e mais anos desprezaram completamente o litoral quanto aos seus traçados. [...] os estabelecimentos mais importantes dos primórdios da cidade foram construídos com desprezo pela fachada marítima. Outro fato que pode ser demonstrado para ilustrar esse aspecto é a distância do mar de alguns estabelecimentos tradicionais da cidade, tais como o Palácio do Governo, Mercado e principais praças. (SILVA, 1992, p. 61).

A localização das zonas de meretrício próximas às áreas portuárias, nas proximidades da antiga Praia Formosa (hoje Praia de Iracema), e a ocupação das dunas por barracos ao longo do litoral de Fortaleza “foram, sem dúvida, fatores que levaram durante algum tempo ao desinteresse dos fortalezenses pelo litoral, com a finalidade de aí se fixar”. (Ibid., p. 61).

O desinteresse pela faixa praiana em frente ao núcleo central era tão marcante que os serviços mais insalubres eram ali instalados: o velho “Paiol de Pólvora” por muito tempo esteve localizado no Largo da Misericórdia – depois Passeio Público – até seu remanejamento para local próximo ao “Cacimbão da Lagoinha”; o Gasômetro, dos tempos da iluminação a gás (1867), ampla câmara situada entre as ruas Amélia (Sen. Pompeu) e Formosa (Barão do Rio Branco), na encosta que separa a Santa Casa do mar; a descida destas duas ruas era conhecida como “rampa”, por ali se depositar o lixo da cidade; posteriormente a *Light* com sua chaminé fumejante, esteve localizada na área em questão. (ROCHA JÚNIOR, 1984, p. 33).

Acentua Aquino (2003, p. 50) que outro fator a evidenciar a não-valorização do litoral, “refere-se à construção e localização dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade. Estes são construídos de costas para o mar [...]. Esses estabelecimentos quando não são construídos de costas para o mar, estão localizados distantes da orla marítima”.

1.1.4 Fortaleza olha para o mar

Mesmo com todos estes fatores que favoreciam a continuidade da imagem negativa do mar em Fortaleza, começaram timidamente os primeiros contatos com o mar. As primeiras práticas marítimas modernas desenvolvidas em Fortaleza, no início do século XX, foram os tratamentos terapêuticos, os banhos de mar e as caminhadas na praia, simbolizando a demanda de uma sociedade em busca de lazer que até este momento era restrito à área central da Cidade.

Considerando que os tratamentos terapêuticos não obtiveram em Fortaleza o mesmo destaque dos banhos europeus, pois na Cidade estes banhos estavam mais associados ao tratamento da tuberculose, foram rapidamente associados à atividade de lazer. Conforme Dantas (2002, p. 35), no Ceará, a prática terapêutica associada ao mar “perde em importância, se comparada com os discursos versando sobre as qualidades curativas do clima, especificamente no tratamento das doenças respiratórias”.

Em meados dos anos 1920, os banhos de mar, ainda que de modo reservado, começavam a atrair a população como forma de lazer coletivo e gratuito, deixando de figurar apenas como tratamento de saúde recomendado pelos médicos. Na Praia de Iracema, antiga Praia do Peixe, também conhecida como Praia dos Amores, se “desenvolveu o primeiro espaço de sociabilidade com características de uma cultura de praia” (LINHARES, 1992, p. 277) e tendo como referência para a prática de tais atividades a cultura européia.

Outra prática marítima que começou a ser incorporada em Fortaleza foram as caminhadas feitas livremente ao longo da praia, principalmente nas proximidades da Praia Formosa, que ficava próxima ao centro da Cidade.



Foto 02 – Caminhada à beira-mar na Praia de Iracema
Fonte: Arquivo Nirez

Complementando as explicações de Linhares, Rocha Júnior (1984, p. 40) diz que antes da década de 1920 “a cidade utilizava a orla marítima apenas para as atividades portuárias e pesqueiras, com rápidas investidas no campo do lazer traduzidas por serenatas em noite de luar ou pelos banhos eminentemente masculinos”.

No que se refere à presença de mulheres na zona de praia descreve Castro (apud LINHARES, 1992, p. 278) que:

A presença feminina numerosa ocorria aos domingos pela manhã e principalmente, em noites de lua cheia, quando as jovens, de pés descalços na areia úmida, com as saias enfunadas pelo vento e impregnadas de maresia, faziam *footing*, passeando em bandos alegres e despreocupados, na busca de algum *flirt*.

No romance *Mississipi*, de Gustavo Barroso, as personagens, segundo o próprio autor, saíram da vida real. Com esta advertência, Barroso (1996, p. 159) recorda como as famílias aproveitavam as noites de lua cheia para tomar os banhos de mar nas praias de Fortaleza:

Meninas, moças e senhoras acompanhadas de mucamas e moleques, guardadas pelos homens da casa, de cabelos caídos aos ombros, saia e blusa, arrastando chinelas, desciam pelas ladeiras do Gasômetro, da rua de Baixo, do Boris e da Conceição para as praias da Alfândega e do Pocinho. Na primeira, sobre o costão arenoso, alinhava-se uma dezena de barraquinhas de madeira, construídas por gente de recursos, nas quais se operava a mudança de roupas. Quem não possuía um desses refúgios, despia-se e vestia-se na própria praia, por trás duma empanada de lençóis estendida pelas criadas [...]. Os costumes da época obrigavam os homens a se banhassem separados das mulheres.

Conforme Linhares (1992, p. 278-279), com o início dos anos 1930, surgiram na Praia de Iracema “os primeiros bares à beira-mar, a moda de praia cearense deu o ar de sua graça e o hotel Iracema Plaza e o restaurante Lido serviram de local de lançamento de muitas novidades vindas de fora”. Os anos foram passando e por volta “dos anos trinta até o final dos anos cinquenta, a Praia de Iracema reinava absoluta como ‘a praia dos amores’”. (Ibid., p. 279).



Foto 03 – Hotel Iracema Plaza na Praia de Iracema
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

É uma realidade bastante diferente da que se observa atualmente na Praia de Iracema, pois muitos dos elementos que davam charme e beleza àquela praia estão abandonados pelo Poder municipal, restando ao tempo continuar traçando seu destino. O hotel Iracema Plaza, primeiro hotel de luxo, construído em 1950 no modelo do Copacabana Palace, do Rio de Janeiro, e localizado fora do centro de Fortaleza, encontra-se em estado de abandono. Resiste ao tempo, apesar de estar com sua estrutura avariada, comprometendo inclusive a segurança de muitas famílias que moram no lugar.

Quanto ao acesso das populações pobres ao lazer em Fortaleza, Dantas (2002, p. 53) anota que “independente de demanda relacionada a lugares de trabalho e de habitação, interessante denotar, entre os pobres, a necessidade de se apropriar destes espaços como as classes abastadas o faziam”. Este intento de realizar as práticas marítimas efetivadas pela elite da época fazia aumentar a

demanda por espaços de lazer, em virtude do crescimento do número de habitantes da Cidade, ocasionando conflitos de uso nestes espaços entre as classes ricas e pobres.

Quanto a estes conflitos, cabe destacar as reclamações dos freqüentadores da Praia de Iracema no que se refere à presença de possíveis prostitutas que também freqüentavam o lugar. Conforme Campos (1993, apud DANTAS, 2002, p. 54), tentando dar resposta às queixas da população, é feito um documento limitando o uso da praia:

De ordem do Exmo. Sr. Chefe de Polícia e de acordo com os artigos 2 e 5, parágrafo 1 do Regulamento da Inspetoria da Polícia Marítima, que baixou com o decreto nº 819-A, de 20 de dezembro de 1924, e tendo em consideração as reiteradas reclamações recebidas de diversas famílias, torno público que ficou determinado a zona compreendida entre a ponte do mareógrafo e a ponte de o quebra mar para o banho das mulheres de vida alegre no porto desta capital, restando a zona oposta, da ponte metálica em direção ao Mucuripe, para as famílias.

Outra prática marítima diz respeito às serenatas sobre as dunas próximas à área central da Cidade, em noites de lua cheia, logo após o momento em que a iluminação de Fortaleza era apagada, para que a lua prateasse com seu brilho as areias brancas das dunas, clareando o lugar. As serenatas eram atividades pontuais de recreação e de lazer.

Aragão (2005, p. 23) nos diz que:

Os espaços litorâneos deixam de ser de uso livre como âmbito de trabalho, provisão de alimentos e lugar de embarque e desembarque de pescadores, e passaram a ser apreciados pela alta aristocracia e posteriormente pela burguesia, transformando-se em território a ser freqüentado tanto para os banhos como para caminhadas, cavalgadas e temporadas – verdadeiros efeitos indicadores de moda e da “invenção da praia”.

Criticando a maneira como ocorreram as primeiras práticas marítimas modernas no Brasil, refletindo diretamente na forma como foram praticadas em Fortaleza, Linhares (1992, p. 114) expõe que:

Na Europa, o passeio a pé pela praia, que já havia tido regular difusão, transforma-se, com os românticos, em errância ao longo da praia. No Brasil, D. Pedro II inicia a utilização de banhos de mar como prática terapêutica, e o romântico daqui, como os de lá, começa a propor um cenário do que se chamou *pathetic fallacy*, uma falsa interpretação da natureza, quando contemplada sob o impacto de fortes emoções.

As primeiras práticas marítimas modernas em Fortaleza, entretanto, vão ser rapidamente modificadas e o veraneio, os banhos de mar e o turismo comporão um quadro mais atualizado destas práticas na Cidade.

Em Fortaleza, o veraneio, que se inicia na Praia de Iracema em torno dos anos 1920, só ganhará impulso de crescimento para outras áreas do Estado a partir dos anos 1970. Hoje é comum ao longo do litoral cearense a construção de residências secundárias, para onde as pessoas se dirigem durante os fins de semana e férias. Dantas (2002, p. 77-78) assinala que:

Os amantes de praia, não satisfeitos com o estado das zonas de praia fortalezense – poluídas ou ocupadas por atores indesejáveis –, podem, após a chegada do carro, utilizar as vias de circulação para se deslocar às praias distantes de Fortaleza. Aproveitando-se da frágil infra-estrutura desenvolvida para garantir o transporte de produtos provenientes das comunidades litorâneas, o veraneio ocupa, inicialmente, as praias vizinhas de Fortaleza, notadamente a do Icarai e de Cumbuco, em Caucaia, e a praia de Iguape, em Aquiraz.

Conforme Dantas (Ibid., p. 77) “após os anos 1970, a valorização das zonas de praia pelo veraneio provoca movimento peculiar na escala da estrutura urbana do Ceará”. Em Fortaleza e região metropolitana, esse movimento será o reflexo das inovações técnicas e culturais adquiridas pela sociedade urbana, servindo de suporte ao deslocamento das pessoas a distâncias maiores.

O litoral cearense só absorveu de maneira mais intensa as atividades ligadas ao veraneio após a instalação de infra-estrutura, haja vista que as casas construídas para dar suporte a esta nova prática litorânea não poderiam ficar isoladas da Capital, local onde os veranistas residiam, trabalhavam e exerciam seus negócios.

É justamente pela presença das estradas de acesso a paragens mais distantes, energia elétrica, telefonia fixa e água que as classes de maior poder aquisitivo encontraram motivação para investir nas áreas mais afastadas de Fortaleza.

A exigência da construção da infra-estrutura necessária à absorção da procura por outras praias não ocorrerá somente por conta do veraneio, mas também em virtude da atividade turística auferir cada vez mais lugar de destaque nas

políticas públicas municipais e estaduais, exigindo uma série de investimentos no setor, principalmente para a abertura e pavimentação de vias de acesso e de serviços básicos.

1.2 A migração das atividades de lazer

Outro aspecto a ser analisado refere-se à migração de algumas atividades de lazer em direção da zona de praia de Fortaleza, em virtude da reversão da imagem negativa que a sociedade local tinha do mar, que culminará com seu processo de ocupação e valorização.

Cabe ressaltar que, até meados do século XX, as opções de lazer em Fortaleza localizavam-se no centro da Cidade, onde se destacavam cinemas, praças, teatros, cafés e clubes, freqüentados pela sociedade da época, ao passo que a zona de praia era desprezada e somente com as influências da *belle époque*, a sociedade fortalezense começou a modificar suas opções de lazer, iniciando a valorização do espaço litorâneo.

Conforme Ponte (2002, p. 162-163) *belle époque* significa “(belos tempos), termo francês cunhado para traduzir a euforia européia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante)”. Segundo Aquino (2003, p. 44):

É o início da *belle époque* em Fortaleza, a qual perdura de 1860 até as duas primeiras décadas do século XX. Período marcado por intensos processos de mudanças na estrutura urbana da cidade. Contudo, essas transformações vão além da estrutura física de Fortaleza, elas também passam a ser visíveis nos comportamentos e hábitos da população local.

É necessário restar claro que a intensificação na busca por lazer em Fortaleza ocasionou o deslocamento de muitas atividades da área central em direção à praia, proporcionando, também, nova configuração territorial do espaço urbano de Fortaleza. Com esta reflexão inicial, compreende-se que a procura por

espaços de lazer na cidade de Fortaleza foi um elemento importante que, somado a outros fatores, contribuiu para sua expansão urbana, assim como para sua organização espacial.

Enquanto começavam a ser praticados os primeiros banhos de mar em Fortaleza e ocorria maior procura pelo trecho da Praia de Iracema e proximidades, algumas atividades de lazer começam a se transferir para esta área. As pessoas eram atraídas pela efervescência das novas práticas de lazer ao ar livre e pela novidade vinda dos costumes europeus de utilizar o mar como lazer. Para Pontes (2005, p. 87-89):

Apesar do centro ainda polarizar o comércio e de certa forma o lazer, surgem outras possibilidades de ocupação do solo urbano, tendência que se verifica desde a década de 1940. Agremiações pioneiras que se originaram ainda no perímetro central (Diários e Iracema) para aí migraram, compondo um conjunto com outras instituições mais recentes (Ideal, Líbano, AABB, Comercial, Massapeense, Náutico).



Figura V – Localização das praias de Fortaleza
Fonte: <http://www.ceara.com.br>

Nos anos da década de 1940, muitos clubes se transferem do centro da Cidade para se instalar na zona de praia de Fortaleza. Anota Pontes (Ibid., p. 116) que:

À expansão da malha urbana e o anseio de modernidade, não encontravam no entanto, correspondência no aumento de serviços de infra-estrutura e

opções de lazer. Esse quadro de carências na área do divertimento possivelmente constituiu o fator que mais influenciou para emergência e fortalecimento dos clubes sociais como forma prevalente de sociabilidade.

Segundo a Prefeitura Municipal de Fortaleza (1982, p. 28), até 1950 a cidade “mantinha estrutura monocêntrica, embora já apresentasse os primeiros indícios vacilantes de descentralização, evidenciados com a instalação de clubes sociais na orla marítima, em pontos distantes da Praça do Ferreira” que era conhecida como o “coração da cidade”.

Neste período, a classe média de Fortaleza amplia seu poder de consumo e busca novas áreas para a construção de suas residências. Em 1963, ocorre a construção da avenida Beira-Mar, valorizando o bairro do Meireles e atraindo as classes abastadas.

A construção da avenida Beira-Mar, prevista no Plano Diretor de Fortaleza, “constituía uma decisão oficial contra a hegemonia urbana da Praça do Ferreira no campo do lazer e o fim da estrutura urbana monocêntrica polarizada pelo núcleo central. É quando os conflitos entre os distintos agentes sociais produtores e consumidores do espaço urbano vão se intensificar na orla marítima”. (ROCHA JÚNIOR, 2000, p. 90).



Foto 04 – Avenida Beira-Mar (Fortaleza-Ce)
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

A avenida Beira-Mar é hoje um dos importantes pontos turísticos da Cidade. Sendo um dos principais corredores de animação de Fortaleza, oferece belo

conjunto visual, formado pelo movimentado calçadão, bares, barracas, coqueiros e os imponentes edifícios da orla. No final da tarde e à noite, transforma-se em ponto de *cooper*, ciclismo, manifestações culturais, compras na feira de artesanato e passeios informais. Quadras de esportes, pistas de *skate*, patinação e anfiteatro para *shows* ao ar livre próximos da Volta da Jurema atraem os transeuntes e proporcionam uma dinâmica na área.

Ao longo de sua extensão, concentram-se inúmeros hotéis e *flats*. Sua construção é resultado das intervenções do setor público em algumas áreas da Cidade. Segundo Rocha Junior (Ibid., p. 90), “a construção da Avenida, prevista no Plano Diretor de Fortaleza, de 1963, constituía uma decisão oficial contra a hegemonia urbana da Praça do Ferreira no campo do lazer e o fim da estrutura urbana monocêntrica polarizada pelo núcleo central”.

Assim, a construção da avenida Beira-Mar acompanhava a nova ordem urbana em emergência que invertera a área residencial de alto poder aquisitivo de oeste para leste e “torna-se a região de mais alto valor imobiliário da Cidade. Mesmo assim assume a condição de espaço hegemônico no campo do lazer, permitindo o uso da praia a grande parte da população”. (Ibid., p. 90-91).

Conforme Linhares (1992, p. 290), na beira-mar de Fortaleza, “a faixa de praia sofre também interferência do Estado que a normaliza, urbanizando-a com calçadões, barracas padronizadas, áreas de esporte, destinadas a outros públicos e áreas destinadas à venda de artesanato para turistas”.

Nesta área da Cidade a rede de turismo pôde ser implementada e fortalecida a partir das intervenções do Poder público em alguns setores, com isso, intensificando, e, até mesmo, fazendo surgir um conjunto de serviços necessários ao funcionamento da atividade turística em Fortaleza.

Conforme Costa e Almeida (1998, p. 276), “a construção da avenida Beira-Mar (1963) valorizou muito o bairro do Meireles, atraindo novas edificações e clubes e favorecendo o surgimento de pequenos restaurantes de pescadores”. Rocha Junior (2000, p. 91) ressalta que esta avenida “[...] vai proporcionar visuais

completos para o mar, pela inexistência de edificações entre o mar e o seu lado norte, e vai estabelecer pontos de junção com as vias inseridas à malha urbana”.

A Avenida acompanhava a nova ordem urbana surgida – que invertera a área residencial de alto poder aquisitivo de oeste para leste – e torna-se a região de mais alto valor imobiliário da cidade. Mesmo assim assume a condição de espaço hegemônico no campo do lazer, permitindo o uso da praia a grande parte da população”. (Ibid., p. 90-91).

A construção da avenida Beira-Mar valorizou o bairro do Meireles, atraindo novas edificações, clubes e favorecendo o surgimento de pequenos restaurantes, onde eram feitas as peixadas típicas do Ceará. A maioria destes restaurantes situava-se nas proximidades da ponta do Mucuripe, onde havia a colônia de pescadores.

Outro fator que contribuiu significativamente para o deslocamento das atividades de lazer do centro de Fortaleza para os bairros próximos à orla marítima foi a introdução do automóvel, que facilitou o acesso a lugares mais distantes do Centro. A população de Fortaleza continuava a crescer e a carência pelos serviços, principalmente os de transporte, aumentava cada vez mais, pois os bairros estavam ficando sempre mais distantes, dificultando os deslocamentos. Conforme Costa (1988, p. 75):

O desenvolvimento dos meios de transporte liberou os moradores da necessidade de viverem no núcleo central, favorecendo a expansão urbana. Essa situação teve início a partir da implantação dos bondes puxados a burro, depois os bondes elétricos, os trens e, atualmente, os ônibus, automóveis e outros meios de transporte comuns às cidades modernas.

Assim novos locais vão surgir como opção de lazer para o fortalezense a partir da possibilidade de se deslocar de maneira mais tranqüila e rápida. Segundo Silva (2005, p. 125), “registra a história que Fortaleza conheceu seu primeiro automóvel em 1910, no meio de grande curiosidade”. O autor complementa suas idéias, dizendo ser “verdade que o automóvel se impõe enquanto necessidade de consumo e, sozinho, contribui para a maior alteração fisionômica já identificada pela cidade em seu processo histórico”. (Ibid., p. 126).

O advento do automóvel fez com que a Cidade, que já se expandia para o bairro Aldeota e região de praia, aumentasse mais o seu espaçamento urbano em todas as direções, propiciando maior segregação das áreas por meio da

especulação dos terrenos que estavam em pousio. As imobiliárias que colocavam à venda terrenos em lugares mais distantes do Centro se utilizavam da introdução do automóvel como facilidade de deslocamento das pessoas mais ricas a estas áreas de expansão da Cidade, pois o sistema de transporte coletivo ainda era incipiente.

Em meio à intensificação do crescimento territorial de Fortaleza, verifica-se um gradual esvaziamento do Centro, *locus* inicial da vida urbana, e, como parte desse movimento, muitas das práticas de lazer que ali se exercitavam transferem-se para outros lugares, ou simplesmente deixam de existir. Trata-se de uma mudança não só na dinâmica espacial do lazer, mas também do próprio modo de vida urbano.

As práticas de lazer e sociabilidade representadas pelos cinemas, pelas conversas de calçada, pelos passeios nas praças, persistiriam, em maior ou menor grau, ao longo da história de Fortaleza. Conforme a natureza e o ritmo do seu crescimento, algumas foram se intensificando e outras perdendo força ou sofrendo adaptações, se apresentando de outras maneiras. O nível de permanência das mesmas, no entanto, atrela-se ao caráter dos diversos espaços da cidade, sendo uma decorrência das características culturais e das preferências dos grupos que os ocupam (PONTES, 2005, p. 115-116).

Com todo esse panorama constituído em Fortaleza, as áreas próximas ao mar vão aos poucos sendo incorporadas ao cotidiano da população e se apresentando como importante opção de lazer para a Cidade, agregando cada vez mais equipamentos e locais destinados às opções de lazer dos seus moradores. Assim, houve crescente movimento de migração das opções de lazer que antes eram oferecidas no Centro, em direção à zona de praia. Com o passar dos anos, os equipamentos de lazer e entretenimento vão se instalando ao longo de toda a orla e atraindo um contingente cada vez maior de freqüentadores.

A Praia do Futuro, objeto central deste trabalho, vai aparecer muito tardiamente nas opções de lazer de Fortaleza, ocorrendo sua consolidação apenas nas últimas décadas do século XX, hoje se apresentando como espaço de uso e dinâmica diferenciada das outras praias da Capital, adquirindo com o passar dos anos maior evidência dentro das opções de lazer disponíveis aos fortalezenses, principalmente pela diversidade de atrativos que oferece e da infra-estrutura disponível no local.

Longo percurso ainda seria transcorrido para que a Praia do Futuro fosse inserida na dinâmica das atividades de lazer em Fortaleza e, também, apresentasse a configuração espacial atual. Sendo uma das últimas áreas de lazer incorporadas ao espaço urbano de Fortaleza, ela aparece como área relevante para o estudo dos espaços de lazer da Cidade e de sua expansão urbana. A análise aqui empreendida caminha nesse sentido, procurando deixar transparente este percurso.

Com esta breve análise sobre o desenvolvimento das práticas marítimas modernas na cidade de Fortaleza, direciona-se a discussão ao estudo dos banhos de mar, inseridos na temática da maritimidade fortalezense, conduzindo o estudo à análise da incorporação da Praia do Futuro como área que será intensamente procurada para a prática desta atividade.



Ângela Maria Falcão da Silva

2

Os banhos de mar em Fortaleza

2 OS BANHOS DE MAR EM FORTALEZA: DE PRÁTICA TERAPÊUTICA À VALORIZAÇÃO DAS ZONAS DE PRAIA

O modo de apreciar o mar, o olhar dirigido às populações que freqüentam suas margens, não resultam apenas do tipo, do nível de cultura, da sensibilidade própria do indivíduo. A maneira de estar junto, a convivência entre turistas, os signos de reconhecimento e os procedimentos de distinção condicionam igualmente as modalidades de fruição do lugar.

(CORBIN, 1989, p. 266).

Ao observar as pessoas tomando banho de mar, pode-se imaginar que este tenha sido um costume freqüente daqueles que procuravam os ambientes litorâneos. Aprofundando a análise desta prática, aparentemente “tão comum”, perceber-se-á a existência de verdadeira carga histórica e simbólica que a acompanha, possuindo raízes profundas quanto ao contato das pessoas com o mar.

Portanto, para compreender como foram praticados os primeiros banhos de mar em Fortaleza e na Praia do Futuro, percebe-se a necessidade de entender um pouco mais detalhadamente a origem dos primeiros banhos de mar, a partir de um cenário mais amplo.

Ao longo desta discussão, será possível inserir o caráter excludente e segregado desta atividade em Fortaleza. Duas formas diferenciadas de praticá-la podem ser expostas neste momento. A primeira será aquela executada pelas pessoas pobres que, sem acesso à cultura e costumes de outros povos, fazem uso do mar como atividade diária de trabalho ou de lazer.

A segunda será aquela empreendida pelas classes abastadas da sociedade que só realizaram tais atividades a partir do contato com os costumes vindos da Europa. A análise se deterá um pouco mais nesta segunda, haja vista serem escassos os registros das práticas dos banhos de mar como lazer entre as classes pobres.

Lembra Moraes (1999, p. 18) que “a atual visão dos espaços litorâneos, ancorada na ótica do lazer e da recreação, é um produto cultural recente”. Acrescenta ainda que “o litoral também particulariza-se, modernamente, por uma apropriação cultural que o identifica como um espaço de lazer, por excelência, e os espaços preservados são, hoje, ainda mais valorizados nesse sentido”. (Ibid, p. 18).

Até o século XIX, o mar e as praias, causavam medo e repulsa. A prática dos banhos de mar pelas classes mais abastadas não se deu inicialmente como lazer, mas sim como indicação médica ao tratamento de problemas de saúde. As razões desta repulsa pelas águas do mar e sua posterior incorporação às atividades de lazer serão apresentadas com base nos estudos de Corbin (1989) e Urry (1996).

2.1 Os banhos terapêuticos

A prática dos banhos de mar desenvolveu-se no século XVIII na Europa, onde surgiram numerosos balneários, inicialmente com fins terapêuticos e curativos. As praias tornaram-se mais procuradas, sendo a saúde e o prazer de estar em contato com o mar as maiores atrações. Conforme Urry (1996, p. 35):

Um certo dr. Wittie começou a preconizar o uso de se tomar a água do mar e de banhar-se nela. Durante o século XVIII houve considerável aumento do hábito dos banhos de mar, à medida que as classes mercantis e profissionais, então em desenvolvimento, começaram a acreditar em suas propriedades medicinais, que davam conta de todos os males.

Nesta época não era comum a presença de crianças nestes balneários. Os banhos de mar eram recomendados mais especificamente para os adultos, só devendo ser praticados após devida preparação e prescritos apenas àqueles que se encontravam em grave estado de saúde. “A praia era mais um lugar ‘de cura’ do que ‘de prazer’”. (Ibid., p. 35).

Segundo Corbin (1989, p. 69), o aumento do número de doentes que procuravam as praias de mar inicia-se por volta de 1750, e “[...] visa aliviar uma

angústia antiga; faz parte das táticas de luta contra a melancolia e o *spleen*, mas responde também ao desejo de acalmar as novas ansiedades, que, ao longo do século XVIII, se propagam e se revezam no interior das classes dominantes”. Corbin (1989, p. 96) demarca, entretanto, que em algumas áreas do Mediterrâneo eram comuns os banhos de mar entre os populares:

Nas praias geralmente repulsivas do Mediterrâneo, o povo também toma banho, mas trata-se de um exercício bem diferente, que, por enquanto, encontra poucos adeptos entre os membros das classes dominantes. Os banhistas mediterrâneos, que freqüentemente são ao mesmo tempo mergulhadores, não vão em busca de energia; não lhes passa pela cabeça provocar nem combater o mar; apenas brincam na transparência das águas refrescantes. Essa prática, raramente solitária, tem sempre um aspecto lúdico, grupos de banhistas ficam horas mergulhando e vindo à tona, como um bando de golfinhos.

Nos escritos de Burton⁹, ele privilegia a cena campestre em detrimento da beira-mar. Burton “reconhece que o litoral proporciona um clima salutar, um reconfortante panorama, mas não pensa ainda em fazer dele um lugar de passeio ou de vilegiatura”. (Ibid., p. 71).

Corbin (Ibid., p. 74) afirma que este período esboça verdadeiro paradoxo “sobre o qual se funda a moda da praia: o mar se faz refúgio, causa esperança porque causa medo. Esperança de gozá-lo, de experimentar o terror que inspira, mas desarmando seus perigos: tal será a estratégia da vilegiatura marítima”.

Enquanto ocorre a “invenção da praia”, o discurso médico indicando os banhos de mar como tratamento terapêutico é acompanhado de toda uma série de recomendações ao doente:

Aconselha, por exemplo, que o mergulho em uma água a menos de dez graus centígrados seja acompanhado de exercícios num ar frio; prega a marcha e a equitação. [...] o banho de mar inscreve-se na evolução lógica das práticas. A moda do banho frio desenvolve-se, com efeito, a partir de 1732 (Ibid., p. 76-77).

Além destas recomendações iniciais, o paciente devia repousar antes de enfrentar as ondas, procurando banhar-se um pouco antes do pôr-do-sol, se possível num lugar que tivesse sombra. Deveria lançar-se ao mar com vivacidade e coragem, saindo da água ao sentir pela segunda vez arrepios, o que ocorreria em torno de meia hora. Após o banho, o banhista necessitava da ajuda de pessoas

⁹ Escreveu um imenso catálogo sobre os lugares do mundo (CORBIN, 1989, p. 71).

prontas a socorrê-lo caso fosse necessário, devendo se dirigir imediatamente a uma cama para repousar.

No uso terapêutico do mar, fazia parte da tradição mergulhar brutalmente nas ondas as vítimas que tivessem hidrofobia. Nas praias, muitos gritos eram contidos pelos acompanhantes dos curistas. “O banho nas ondas participa da estética do sublime: implica enfrentar a água violenta, mas sem riscos; gozar do simulacro de ser engolido: receber a vergastada da onda, mas sem perder o pé”. (CORBIN, 1989, p. 85). Por isso havia a necessidade de um acompanhante.

Havia uma atitude diferenciada no que se refere a homens e mulheres quando necessitavam recorrer às águas do mar em busca de cura para seus males. Destaca Corbin (Ibid., p. 89-90) que:

Para uma mulher da burguesia, há algo de extraordinário em deixar a *privacy*, ainda que seja uma carruagem de banho, e deparar-se no espaço público, os cabelos soltos, os pés descalços, os quadris à mostra, ou seja, em trajes que se reserva para aquele com quem se escolheu partilhar a intimidade. [...] O homem, ao contrário, protagoniza uma cena de coragem; almeja o heroísmo de ter enfrentado as invectivas do mar, de ter sentido na pele a flagelação da água salgada, e de sair como vencedor. A exaltação viril que experimenta antes de se lançar à água tem a ver com a ereção, avivada pela proximidade das mulheres, eventuais espectadoras do assalto, excepcionalmente oferecidas ao olhar em uma seminudez.

O controle social e as imposições de conduta, tão cobradas na sociedade da época, se refletiam nos banhos de mar quanto às vestimentas dos banhistas ou o desprovemento destas:

A justaposição social dos costumes determina às vezes a intervenção das autoridades. A nudez masculina, por exemplo, coloca um problema. No século XVIII, ela continua por muito tempo sendo admitida, antes de começar a ser aos poucos reprimida pelas novas modalidades do banho terapêutico. Ainda em 1778, os turistas procedentes de Haia banham-se nus em Scheveningen, enquanto mocinhas do local guardam suas roupas, massageiam-nos ao saírem da água e os ajudam a vestir-se novamente. Segundo Pilati, o cheiro nauseabundo dessas jovens marca tão nitidamente a distância social que nenhum banhista tenta seduzir essas filhas de pescadores (Ibid., p. 96).

Assim, fica bastante clara a distinção social que se estabelecia na época e que perdura até os dias atuais quando as pessoas simples que residem em áreas litorâneas são discriminados pela maneira como vivem ou pelas condições

socioeconômicas em que se encontram. Assim, não se alterou muito a forma de fazer a discriminação dos povos que moram à beira-mar.

Nesse momento, a praia de Scarborough na Inglaterra era muito recomendada para os tratamentos terapêuticos com os banhos de mar. Segundo Corbin (1989, p. 77), “já por essa época, os curistas de Scarborough associam a absorção dessa água salgada com os passeios na praia e no estirâncio descoberto pela maré; esboçam assim uma das praticas principais da futura vilegiatura marítima” que seriam as caminhadas na praia.

Somente com o início do movimento romântico e da Teologia Natural, seu uso passa a ser diversificado e se verificam os primeiros sinais de admiração aos ambientes marinho e litorâneo, ganhando força as atividades realizadas no mar. Diz Urry (1996, p. 39) que “o romantismo não apenas conduziu ao desenvolvimento do ‘turismo da paisagem’ e da apreciação de magníficos trechos do litoral. Encorajou também os banhos de mar”. Esta admiração e apreciação dos elementos da natureza são utilizadas na contemporaneidade para o deleite de pessoas que desejam estar em contato com a natureza, embora que este contato se torne, em diversos lugares do mundo, um momento de agressão e destruição desta mesma natureza.

Na primeira metade do século XIX, o banho de mar começou a deixar de ter esse caráter terapêutico, passando a ser uma nova opção de lazer e tornando-se realizável graças aos empreendimentos e serviços que eram oferecidos à beira-mar.

Urry (Ibid., p. 36) salienta que “uma pré-condição para o rápido crescimento dos balneários marítimos, no final do século XVIII e, sobretudo, no século XIX, era o espaço”. Comenta que “o desenvolvimento desses balneários foi espetacular. Na primeira metade do século XIX os balneários marítimos mostraram uma taxa mais rápida de crescimento populacional do que as cidades manufatureiras”. (Ibid., p. 36).

2.2 Os banhos de mar no Brasil

No Brasil, os primeiros banhos de mar começaram a ser praticados em meados do século XIX, atraindo aqueles que desejavam realizá-los com fins terapêuticos. Estes banhos se diferenciavam dos praticados na Europa em virtude da diferença de temperatura da água oceânica, pois, enquanto naquele continente os banhistas se obrigavam a entrar nas águas geladas do Atlântico, a latitude local favorecia banhos um pouco mais agradáveis.

O primeiro Estado a adotar o banho de mar foi o Rio de Janeiro, ficando conhecida internacionalmente a lendária praia de Copacabana. Conforme Macedo e Pellegrino (1996, p. 156):

[...] o bairro de Copacabana, construído à beira-mar é valorizado dentro do contexto urbano como balneário e onde os banhos de mar diários se tornam hábito popular. O hábito dos banhos de mar é no Brasil típico do século XX, apesar de em alguns países europeus, como Inglaterra e França, remontar ao final do século XV. Tal hábito, à medida que se torna prática urbana da capital federal, se espalha pelos principais centros urbanos costeiros brasileiros e, a partir da segunda metade do século, por toda a costa do país [...]. Essas práticas sociais induzem a formalização de dois tipos de ocupação urbana de característica residencial no litoral – o bairro ou subúrbio – inserido dentro de um contexto urbano complexo”.

Desde sua ocupação, a Praia de Copacabana se apresenta como símbolo das cidades litorâneas brasileiras, em virtude das belezas naturais que possui, sendo objeto do desejo de muitos turistas conhecer os seus encantos.

Com a vinda da Família Real, de Portugal para o Brasil, trazendo com eles os costumes e práticas européias, deu-se início ao uso do mar para o tratamento da saúde. Pires (2002, apud ARAGÃO, 2005, p. 32) diz que:

O início do prestígio das águas para a saúde e dos banhos de mar começou com a própria vinda da Família Real e, ao que parece, foram seus membros os maiores propagandistas, na proporção em que, por exemplo, outros integrantes do Palácio e a população em geral se dispuseram a tomar águas minerais e banhos salgados.

Com a implementação de políticas higienizadoras e de remodelação urbana por que passam algumas cidades brasileiras, pela influência do modelo

francês, a praia também passa a ser utilizada para a prática de esportes náuticos, encarados agora como um hábito saudável e de efeitos benéficos para o corpo.

Com o passar dos anos, a praia foi se tornando comum e os banhos de mar, ainda de modo reservado, começaram a atrair a população como forma de lazer coletivo e gratuito. Aos poucos, o discurso médico que indicava a cura de certas doenças por contato com o mar vai deixando de figurar como aspecto central e as atividades de lazer nos ambientes litorâneos vão se intensificar.

2.3 Os primeiros banhos de mar em Fortaleza

Somente a partir da segunda metade do século XX, as classes mais abastadas começaram a praticar os banhos de mar, muito embora já fizessem parte da vivência diária dos pescadores da costa brasileira, não na forma de lazer como se conhece atualmente, mas como parte de seu cotidiano. Com a urbanização das cidades do litoral brasileiro e a incorporação de outros elementos ao dia-a-dia das cidades, os banhos de mar tornaram-se uma prática urbana comum.

Em Fortaleza, a partir dos anos 1920, a praia vai começar a ser efetivamente utilizada para fins de lazer, ganhando força na prática dos banhos de mar. A praia passa a ser lugar de passeios, caminhadas, apreciação da brisa marinha e, sobretudo, para os banhos de mar.

Nas crônicas de Raimundo de Menezes, em seu livro *Coisas que o tempo levou*, publicado originalmente em 1930 e reeditado no ano 2000 pelas Edições Demócrito Rocha, podem ser encontrados relatos de alguns momentos de lazer praticados à beira-mar em Fortaleza.

Trazendo em suas recordações as peraltices da época, o autor relembra os inesquecíveis momentos em que podiam entrar em contato direto com o mar:

A baladeira era a diversão predileta. Qual o peralta daquelas épocas que não possuía o seu estilingue? Armados assim, percorriam eles, aos bandos, as margens sombreadas do Pajeú ou então, à beira-mar, na chácara anexa à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, ou no Mucuripe, à cata de pobres passarinhos para derrubá-los a uma pedrada certa. Quando faltavam as pequeninas aves indefesas, os calangos e os sapos pagavam o pato. Depois, à hora da canícula mais forte, eram os banhos intermináveis no córrego, ou na praia! (MENEZES, 2000, p. 134).

Com as crônicas de Menezes, percebe-se que, mesmo incipientes e isolados, os banhos de mar já se faziam presentes. Eram praticados pela população pobre de Fortaleza e incorporados pela classe rica da sociedade um pouco mais tarde.

Passando a interferir no comportamento das classes abastadas da Cidade, os costumes europeus influenciaram a maneira de vestir, de falar, de se comportar e, inclusive, as práticas de lazer e entretenimento produzidas na Capital cearense. “No passado, o imperador mandava vir da Europa, profissionais habilitados, escritores, artistas com o objetivo de ‘civilizar’ a população brasileira. E ‘civilizar’ significava vestir-se, pensar, ler, falar de acordo com o modelo europeu”. (COSTA, 2001, p. 115).



Foto 05 – Roupas de banho usadas nos anos 1920 na Praia de Iracema
Fonte: Ponte (1999, p. 156)

A maneira como foram praticados os primeiros banhos de mar em Fortaleza, como uma prática marítima moderna, confirma esta discussão, principalmente no nível de assimilação dos banhos terapêuticos pelos habitantes de Fortaleza, pois, mesmo influenciados pelas práticas terapêuticas que se produziam na Europa, não tiveram aqui a mesma expressão. Conforme Dantas (2004, p. 70):

Apesar de sua importância na época, esta prática marítima moderna não adquiria as dimensões dos banhos de mar no Ocidente, provavelmente em virtude da fraca eficácia que o discurso médico local lhe atribuía. A importância aos banhos de mar variava de acordo com o discurso sobre as qualidades curativas atribuídas ao clima, notadamente no tratamento de doenças respiratórias.

Alguns modelos de cultura podem não ser assimilados, enquanto outros são rapidamente incorporados ao cotidiano do modo de vida urbano. Esclarece Claval (1999, p. 13) que "os modelos que a cultura oferece não são, então, imutáveis. Inovações intervêm. Algumas são rejeitadas ou levam tempo para se imporem. Outras são rapidamente adotadas. As culturas são realidades mutáveis".

Como os banhos de mar terapêuticos tiveram pouca expressão nas praias de Fortaleza, rapidamente as classes mais abastadas começaram a praticá-los como forma de lazer, inserindo esta atividade às outras disponíveis.

Aragão (2005, p. 41) afirma que:

Foi a nova forma de valorização do litoral a trazer mudanças significativas na relação entre a elite local e o mar, influenciada pela cultura ocidental [...]. Deste modo, de único tipo de maritimidade, ligada às comunidades de pescadores, vê-se o estabelecimento de novas relações da sociedade apegada a uma tradição terrena, a qual começa a desenvolver novo tipo de maritimidade peculiar à Fortaleza.

No mesmo período, a abertura de um sistema de avenidas, em 1927, ligando o Centro à antiga Praia de Iracema (Praia do Peixe até 1925), já anunciava o destino que teria a região leste de Fortaleza, dos anos 1930 em diante, como área residencial nobre e lugar de uma nova fonte de lazer, mediante a prática dos banhos de mar.

Com isso assiste-se a uma mudança na maneira de pensar e buscar o ambiente litorâneo pelos integrantes da sociedade na Capital cearense. É neste quadro que se pode inscrever o desejo pelo ambiente litorâneo em Fortaleza que, por meio da prática dos banhos de mar, vai se tornar cada vez mais consolidado.

Assim, no final da década de 1960, inicia-se a grande procura de populares com interesse significativo pelos banhos de mar. Dantas (2004, p. 73) afirma que "o desenvolvimento das primeiras práticas marítimas no Ceará, os banhos de mar, as caminhadas e o veraneio, respondiam à demanda de uma

sociedade de lazer que se construiu e cresceu em Fortaleza”; uma sociedade que desprezava o litoral, mas à medida que seu contato com os costumes europeus se intensifica, passa a utilizar algumas de suas práticas.

De acordo com Dantas (2002, p. 47-48) essa transformação se materializa em Fortaleza:

[...] cidade a exercer papel preponderante no desenvolvimento das novas práticas marítimas no Ceará. É na capital que essas práticas surgem, com os banhos de mar de caráter terapêutico, substituídos, com o tempo, por práticas vinculadas à sociedade de lazer em emergência (sobretudo os banhos de mar e o veraneio), práticas que, em oposição às primeiras, condicionam urbanização sensível das zonas de praia e se expandem na totalidade dos espaços litorâneos cearenses, com o veraneio.

No contexto da cidade de Fortaleza, uma das praias de destaque na procura inicial pelos banhos de mar foi a Praia de Iracema. Somente depois, entram em cena as praias de Meireles, Beira-mar, Mucuripe e, mais recentemente, a Praia do Futuro. Com a expansão urbana de Fortaleza e a mudança dos valores culturais em relação ao uso do mar, a Cidade começou a desenvolver-se, também, ao longo de seu litoral.

É mister assinalar o fato de que a sociedade de Fortaleza absorveu apenas em parte o modelo europeu de praticar os banhos de mar e que as camadas mais pobres da sociedade fortalezense que residiam à beira-mar também praticavam tal atividade, todavia não tivessem as mesmas características dos que eram praticados pela elite.

De acordo com Linhares (1992), a cultura do ir à praia, como forma de lazer e descontração, não é originária das camadas populares, pois foram as classes mais ricas da sociedade de Fortaleza no final do século XVIII e início do século XIX que tiveram a oportunidade de tomar conhecimento destas práticas na Europa, passando a incorporá-las às atividades de lazer da sociedade local. Assim, foram os primeiros a ver na praia um espaço de atratividade, lazer e sociabilidade.

Conforme Jucá (2003b, p. 77), “as opções de lazer e os limites impostos aos menos favorecidos retratavam os contrastes sociais, que se manifestavam na cidade em crescimento”. Até a década de 1920, os banhos de mar ainda não faziam parte do programa dos finais de semana, pois Fortaleza valorizava outro tipo de

lazer, sendo a praia lugar para os pobres e para o despejo de todo tipo de materiais que a Cidade desprezava.

Mesmo quando se intensifica a procura pela zona de praia em Fortaleza, por volta dos anos 1950-1960, o interesse dos fortalezenses pela região praieira limitava-se às praias de Iracema e Meireles, que não ficavam distantes do Centro.

Na década de 1950, “a afluência aos banhos de mar cresceu e foram instalados dois postos de salvamento de banhistas, situados na Praia do Meireles”. (JUCÁ, 2003a, p. 135). Isso demonstra que rapidamente os habitantes de Fortaleza foram incorporando essa prática de lazer como mais uma opção disponível para momentos de entretenimento e descontração.



Foto 06 – Banhos de Mar na Praia de Iracema
Fonte: Arquivo Nirez

A valorização do mar acontecia à medida que chegavam, por meio do porto, as mercadorias vindas da Europa e, com elas, novas idéias, dentre as quais a de que possuir saúde era interagir com o mar, favorecendo os primeiros banhos da elite fortalezense na orla da Cidade. A Capital deixou de olhar para o mar, apenas como um local de chegada e saída de mercadorias e, sob a influência francesa, passa a ser local valorizado pelo aspecto ambiental e paisagístico que possuía.

Neste contexto, ainda levaria alguns anos para que a Praia do Futuro fosse incorporada por estas atividades à beira-mar. Nesta época, não se imaginava procurar esta praia, pois, além de haver grande dificuldade para o deslocamento, ela era distante do Centro, possuindo apenas pequenos indícios de ocupação.

Assim, a população de Fortaleza procura fixar-se nas praias mais próximas do Centro. A Praia de Iracema, sendo uma das mais chegadas à área central, passou a ser valorizada com a construção de residências, e cada vez mais era procurada para a prática dos banhos de mar. As obras de construção do Porto do Mucuripe, entretanto, ocasionaram o avanço do mar sobre esta praia, diminuindo sua extensão e prejudicando o espaço ocupado pelos adeptos destes banhos.



Foto 07 – Panorâmica da Praia de Iracema - 2005

Fonte: <http://weballiance.com.br/ceara/common/jul99-praiadeiracema-panorama.htm>

Com a continuidade das obras de implantação do porto (década de 1950) limitava-se ainda mais uma das poucas opções de lazer da Cidade e, mesmo com a instalação dos diques de pedras para evitar que o mar continuasse avançando sobre a Praia de Iracema, o espaço para os banhistas diminuiu, uma vez que a área de praia freqüentada se prolongava somente até a praia do Meireles, pois a do Futuro, situada além do porto, ainda estava fora das opções de lazer, em virtude da distância e do seu isolamento da área urbana.

Costa (2005, p. 72) fala de questões importantes sobre as implicações socioespaciais pelas quais passa a Praia de Iracema após o processo de erosão:

A praia de Iracema não apenas perde sua função de lazer, como reduz seu dinamismo econômico. Banhistas, clubes e restaurantes buscam outras praias, como Meireles e Volta da Jurema. A população de maior poder aquisitivo ocupa as áreas mais amenas da zona leste. Começou a ficar mais visível, a partir da década de 30, o processo de diferenciação espacial e segregação residencial. A distribuição da população no espaço urbano de Fortaleza, aos poucos, vai sendo determinada pelo nível de renda.

A Praia de Iracema reserva atualmente poucos elementos conservados arquitetonicamente do período em que era o destino certo dos fortalezenses em

busca de lazer nesta praia. Muitos prédios construídos na época foram substituídos por construções mais modernas, por edifícios, prédios comerciais, bares, restaurantes ou simplesmente foram demolidos. O descaso para com a preservação do patrimônio arquitetônico e cultural desta área se revela em alguns prédios que resistem à ação do tempo, mas que se encontram esquecidos por aqueles que deveriam zelar pela história da construção espacial da Cidade.

A Igreja de São Pedro, o Estoril, a Ponte dos Ingleses e o Iracema Palace merecem destaque, pois são alguns dos lugares da Praia de Iracema dentre os que continuam resistindo à força avassaladora do capital imobiliário, principalmente nesta área onde já ocorre um estrangulamento de espaços disponíveis para novas construções, direcionadas principalmente a *flats*, hotéis e pousadas que absorvem parte da demanda turística.

O Estoril era considerado uma ousadia arquitetônica quando sua construção foi finalizada em 1925. Era conhecido como Vila Morena, localizada no então Porto das Jangadas. A escada de ferro em caracol que conduz ao andar superior da casa foi trazida diretamente da Inglaterra. Na época da Segunda Guerra Mundial, o proprietário do Estoril arrendou o espaço para norte-americanos, que nele instalaram um cassino. Reduto da boêmia de Fortaleza durante anos, a história do Estoril se confunde com a própria história da Praia de Iracema.



Foto 08 – Estoril
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)



Foto 09 – Igreja de São Pedro
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

Apesar de tão rica história porém, sua estrutura encontra-se comprometida pelo desgaste de longos anos. Atualmente funciona apenas uma pequena galeria, para exposição dos trabalhos de artistas locais e apresentação de grupos teatrais nos finais de semana. É grande a necessidade de reforma deste prédio que está sob a administração da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

As mudanças pelas quais passou a Praia de Iracema já foram utilizadas por diversos artistas e músicos na composição de suas obras. Segundo Araújo (2004), o samba do compositor Luiz Assunção (1902-1987) intitulado *Adeus, Praia de Iracema* é considerado verdadeira obra-prima, tendo sido o maior sucesso do carnaval de 1954 na cidade de Fortaleza:

*Adeus, adeus,
Só o nome ficou...
Adeus, Praia de Iracema
Praia dos amores
Que o mar carregou*

*Quando a lua te procura
Também sente saudade
De tudo que passou
De um casal apaixonado
Entre beijos, abraçado
Que tanta coisa jurou.
Mas a causa do fracasso
Foi o mar enciumado
Que da praia se vingou.*

“Adeus, Praia de Iracema”
Composição de Luiz Assunção

Este samba entrou para a história, ao cantar o bairro que começava a enfrentar as contradições do progresso, em virtude dos estragos que o mar havia causado por conta do quebra-mar construído para as obras do Porto do Mucuripe que posteriormente ocasionou a erosão da praia.

Conforme Araújo (2004), Luiz Assunção sempre falava em suas entrevistas que *o mar é indomável e se você o aperta aqui, ele estoura mais adiante. De quebra-mar em quebra-mar destruíram as belezas das nossas praias e, hoje, o que se vê é esta caricatura de balneário com águas poluídas pelo progresso.*

Mesmo com a erosão da Praia de Iracema, muitas residências modernas continuavam a ser construídas na área e também nas praias vizinhas a esta,

fazendo com que a população pobre que residia nestas áreas fosse “empurrada” para novas áreas. Assim aconteceu até meados do século XX:

Na Praia do Meireles, os casebres se alongavam entre a Praia de Iracema e o Mucuripe, sendo condenados pela Prefeitura, em virtude do aumento de residências modernas que iam sendo construídas. Os moradores pobres das praias de Iracema, do Meireles, da Volta da Jurema iam sendo pressionados a ocupar o espaço situado além do porto do Mucuripe. (JUCÁ, 2003b, p. 72).

Com efeito, o quadro de negação do mar pelos habitantes de Fortaleza “[...] começa a modificar-se com o fenômeno de valorização das praias pela elite. Esta valorização insere-se numa lógica mais ampla de modificação de mentalidade originária na Europa e que permite a criação de novas práticas litorâneas”. (DANTAS, 2005a, p. 270).

No Ceará, a relação entre o homem e o litoral se desdobra em função de três dinâmicas: a primeira resulta de uma estratégia colonial de ocupação do espaço (séculos XVII e XVIII); a segunda deriva do movimento de abertura do Ceará ao mercado internacional, possibilitando o acesso da elite fortalezense à cultura Européia, o que alimenta um movimento de freqüência às praias (final do século XIX – início do século XX); a terceira mais recente, orienta a valorização das zonas de praia como mercadoria turística. (Campos, 2003 apud ABREU JÚNIOR, 2005, p. 61-62).

Dessa forma, três aspectos de valorização da zona de praia em Fortaleza podem ser enunciados: a) trata-se de um processo em construção, resultante da interiorização ou da recusa dos sinais emitidos do Ocidente; b) representa um fator de diferenciação social; e c) engloba, com o advento das inovações tecnológicas no domínio da comunicação (notadamente a televisão), progressivamente outros grupos e indivíduos. (DANTAS, 2004).

Esse autor alerta, entretanto, para a noção de que, “contrariamente ao que pensam alguns cientistas, a adoção das novas práticas marítimas não representa simples transferência dos costumes ocidentais para os trópicos, pois ela acaba suscitando um quadro diferente daquele que lhe serviu de matriz”. (Ibid., p. 69). As particularidades da sociedade de Fortaleza em relação à sociedade européia possibilitou o diferencial dado à incorporação destes novos costumes e valores vindos da Europa. “Esta diferenciação resulta diretamente da possibilidade de os indivíduos poderem recusar ou criar dificuldades na incorporação de certas inovações” (Ibid., p. 69) e, assim, interferindo no modo como ocorreu a valorização do espaço litorâneo da Cidade.

De práticas litorâneas que não impõem grandes transformações na paisagem (refere-se neste caso às práticas relacionadas ao tratamento de saúde e aos passeios nas noites de lua cheia), passa-se à adoção de novas práticas pela elite (notadamente as banhos de mar e o veraneio) que norteiam a ocupação e urbanização das zonas de praia. (DANTAS, 2005a, p 270).

Sobre a prática dos banhos de mar na área da Praia do Futuro, torna-se fundamental para o entendimento desta questão compreender que sua ocupação e conseguinte valorização ocorrem posteriormente ao acontecido nas praias de Iracema, Meireles, Beira-mar e Mucuripe, locais onde sucederam os primeiros banhos à beira-mar, sendo exíguos os registros da prática desta atividade na Praia do Futuro.

2.4 Vendendo o “belo” – aspectos da expansão e valorização do litoral de Fortaleza

Com a valorização dos espaços à beira-mar e sua ocupação pelas residências e estabelecimentos comerciais, ocorre um direcionamento da expansão de Fortaleza para outras áreas. Segundo Costa (2005, p. 84):

A capital, a partir da década de 70, teve acentuada expansão para a zona leste da cidade, em direção à Praia do Futuro, ultrapassando o ramal ferroviário Mucuripe-Parangaba e o rio Cocó, antes considerados como barreiras ao crescimento urbano. A ação do poder público mediante elaboração de planos, construção de grandes obras, abertura de vias, instalação de infra-estrutura e de equipamentos urbanos, incorporou à cidade novas áreas.

À expansão natural da Cidade e à procura por lazer no espaço da Praia do Futuro somar-se-ão o crescimento e o fortalecimento da atividade turística no Estado do Ceará, com a implementação de infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento destas atividades bastante intensificada nas últimas décadas do século XX, mediante políticas públicas para consolidação do litoral cearense como área de lazer e de turismo.

Com este conjunto de modificações que passaram a ter lugar em Fortaleza, mediante o surgimento de uma sociedade de lazer, a incorporação das zonas de praia se amplia. O poder de intervenção do Estado vai ser de primordial importância para a concretização dos interesses do capital no que se refere à liberação ou incorporação de áreas favoráveis ao desenvolvimento das atividades de consumo em Fortaleza. Carlos (2001, p. 16) diz que:

Cada vez mais o espaço, produzido como mercadoria, entra no circuito da troca, atraindo capitais que migram de um setor da economia para outro de modo a viabilizar a reprodução. As possibilidades de ocupar o espaço são sempre crescentes, o que explica a emergência de uma lógica associada a uma nova forma de dominação do espaço que se reproduz ordenando e direcionando a ocupação, fragmentando e tornando os espaços trocáveis.

As áreas litorâneas de Fortaleza que eram utilizadas de maneira natural e espontânea pelos seus habitantes tinham um valor de uso. Entretanto, a chegada da atividade turística de massa, viabilizada pelos investimentos do setor público e privado, propiciaram a valorização das terras do litoral de Fortaleza e a especulação do solo, assimilando as razões do valor de troca.

Demonstrando esse processo, a especificidade do clima cearense tem sido utilizado de diversas formas e o *slogan* “Terra do Sol”, apresentado nas campanhas publicitárias das empresas envolvidas na atividade turística nacional, é um exemplo. Com isso, as intensas horas de sol do Ceará são transformadas em importante quesito nas propagandas do *marketing* turístico.

O homem, na sociedade moderna, transforma a própria natureza numa mercadoria, isto é, num produto a ser vendido, comercializado e as intensas horas de sol do litoral cearense continuam sendo vendidas nos pacotes turísticos de muitas agências de viagem, apresentando o Ceará como verdadeiro “paraíso tropical”. Segundo Moraes (1999, p. 22-23), “os fenômenos de criação do gosto e da moda influem diretamente nas ‘leituras das paisagens’ e na ‘valorização subjetiva do espaço, sendo, portanto elementos atuantes na valoração dos lugares e em seus enquadramentos mercadológicos”.

Assim, o *marketing* funciona como importante meio para divulgação dos lugares ao mundo, além de apresentá-los como atrativos turísticos. Com isso, na sociedade de consumo, mediada pelo mercado, a paisagem transforma-se em

mercadoria. Segundo Rodrigues (1999, p. 113), “a natureza tornou-se mercadoria e é vendida como capaz de devolver ao homem a paz e a tranqüilidade roubadas pela vida cotidiana nas cidades”.

Compreendemos assim o que nos explica Carlos (2001, p. 19), ao dizer que “nesse processo se delinea a tendência à submissão dos modos de apropriação do espaço ao mundo da mercadoria; conseqüentemente, o esvaziamento das relações sociais, pela redução do conteúdo da prática socioespacial”.

Harvey (2004, p. 208) destaca que “a progressiva monetização das relações na vida social transforma as qualidades do tempo e do espaço. A definição de um ‘tempo e lugar para tudo’ muda necessariamente, formando uma nova estrutura de promoção de novos tipos de relações sociais”.

Dessa forma, dos incipientes banhos de mar, os habitantes de Fortaleza passam a valorizar intensamente seu espaço litorâneo, sendo este cada vez mais procurado para os investimentos direcionados ao lazer, ao turismo e ao entretenimento, que buscam nas singularidades do litoral cearense o espaço adequado para o desenvolvimento destas atividades.

Continuando a trilhar o entendimento da maritimidade em Fortaleza, enfocando as modificações ocorridas na relação das pessoas com o mar, destaca-se a incorporação da Praia do Futuro à malha urbana de Fortaleza, como parte deste processo, revelando um quadro complexo a ser desvelado na continuidade deste ensaio.



Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982

3

*O espaço da
Maritimidade na
Praia do Futuro*

3 O ESPAÇO DA MARITIMIDADE NA PRAIA DO FUTURO

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canais hortos, depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes[...].

(CALVINO, 1990, p. 34)

Fortaleza, ao voltar-se para o mar, abre-se também para os investimentos do capital nacional e internacional, despontando para o mundo como um destino “certo” e cheio de possibilidades para “bons e lucrativos negócios”.

Esta “nova” Fortaleza proporcionará aos seus moradores o confronto com uma imensidão de outras situações. Possuindo ainda muitos elementos que lembram o sertão, seus habitantes são agora direcionados a absorver esta relação com o mar na perspectiva de seu aproveitamento como atividade econômica e não apenas na forma de lazer descontraído à beira-mar, como nos tempos de outrora.

A Capital se insere numa nova lógica, ligada diretamente à valorização de sua zona de praia incorporando-a cada vez mais ao lazer na Cidade. Estas áreas são agora utilizadas como espaços dedicados ao turismo e ao lazer, onde se desenvolvem as atividades e os serviços a eles relacionados.

Assim, de sua pequenez, Fortaleza cresce, não só para o Ceará, mas também para o mundo. Na compreensão de Silva (2002, p. 123):

Fortaleza desponta com força arrebatadora num momento crucial, quando, sob a égide da reestruturação produtiva do país, ajustando-se aos ditames da globalização, o capital selecionou os territórios capazes de compor a teia metropolitana brasileira na geração de fluxo e refluxo de mercadorias, de capital e de pessoas.

Silva (2002, p. 126) esclarece ainda que:

Fortaleza é uma cidade enorme, uma das maiores do Brasil. Até pouco tempo não aparecia em muitos mapas; agora [...] está em todos. Esta cidade exerce excepcional papel polarizador com expressiva preponderância sobre as demais cidades integrantes de sua rede urbana, especialmente nas imediações de sua região metropolitana.

Isso ocorre, dentre muitos outros fatores, pelo crescimento da atividade turística na cidade de Fortaleza, pois, ao adentrar a rota do turismo nacional e internacional fortalece a rede metropolitana, passando a influenciar inclusive municípios vizinhos que também possuem potencial para o turismo. Fortaleza é, muitas vezes, apenas o ponto de chegada, o marco inicial para quem deseja desfrutar das paisagens do Ceará. Possui, portanto, um papel fundamental para o fortalecimento da atividade turística no Estado.

A Capital cearense encontra lugar de destaque dentro da Região Nordeste, compondo a rede urbana brasileira, apesar de revelar em muitos pontos as marcas do contraste social adquirido na urbanização do País e na própria constituição da Cidade. De areal a metrópole, Fortaleza possui como característica principal de sua história a especificidade de ter sido uma urbe construída do sertão para o mar.

Conforme a Prefeitura Municipal de Fortaleza (1982, p. 28), até o censo federal de 1920 “no município viviam 78.536 moradores, número logo depois acrescido com as populações de Parangaba e Messejana, vilas incorporadas à Capital, em 1921”. Assim, de um pouco mais de 78 mil habitantes até as duas primeiras décadas do século XX, Fortaleza fecha o século contabilizando mais de 2 milhões de habitantes, revelando a intensa dinâmica pela qual passou, mesmo que muitos aspectos relacionados à qualidade de vida da população não tenham acompanhado seu mesmo ritmo do crescimento.

A configuração atual de seu espaço urbano retrata as desigualdades socioespaciais por meio do acesso e forma de apropriação da terra e no uso citadinos. Com um número cada vez maior de moradores, estes passam a exigir dos seus governantes municipais um número maior de lugares e equipamentos destinados às atividades de lazer, não só para aqueles que chegam para conhecer a

Cidade, como também para os próprios moradores, pois estes também necessitam de lazer.

Assim ganham força as atividades econômicas que estão diretamente ligadas ao lazer e ao turismo. Conforme a Prefeitura Municipal de Fortaleza (1982), destacando-se como núcleo hegemônico das atividades econômicas no Estado, o Município de Fortaleza “apresenta na sua estrutura econômica a primazia do setor terciário, de comércio e serviços com ênfase para o comércio varejista e o turismo, seguida pelo setor secundário em que se ressaltam a indústria de transformação e da construção civil”.

Muitas praias de Fortaleza passam a ter importante destaque na participação e na complementação do lazer praticado em outras áreas. Nesse sentido, constituem-se como atrativo para os visitantes e lugar de lazer para os autóctones. Inicialmente, esta ampliação da procura pela orla marítima de Fortaleza amplia-se principalmente para o trecho que corresponde da Praia de Iracema até o Mucuripe, tendo dinâmica bastante intensa a partir das primeiras décadas do século XX.

A incorporação de novos espaços para as atividades de lazer no litoral da cidade de Fortaleza ocorrerá apenas nas últimas décadas deste mesmo século, ampliando-se até a área da Praia do Futuro, situada depois do Porto do Mucuripe em direção ao rio Cocó. Aliado a isto, uma série de outros fatores também contribuiram para a incorporação desta praia à malha urbana de Fortaleza.

Desse modo, para entender a continuidade do processo de expansão urbana no litoral de Fortaleza, toma-se a Praia do Futuro uma das mais freqüentadas, como elemento principal da análise aqui empreendida. Administrativamente está dividida, segundo a Prefeitura Municipal de Fortaleza, em Praia do Futuro I e Praia do Futuro II.

Os limites da Praia do Futuro I são: avenida Renato Braga até a praça 31 de Março; oceano Atlântico até a rua Trajano de Medeiros. A Praia do Futuro II tem seus limites na praça 31 de Março até o rio Cocó e oceano Atlântico e a rua Trajano de Medeiros (rever Mapa I, p. 23).

Esta divisão tem como objetivo definir as equipes de atendimento do Programa de Saúde da Família pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e será utilizada como delimitação oficial para a área de estudo, inserida na Secretaria Executiva Regional II.

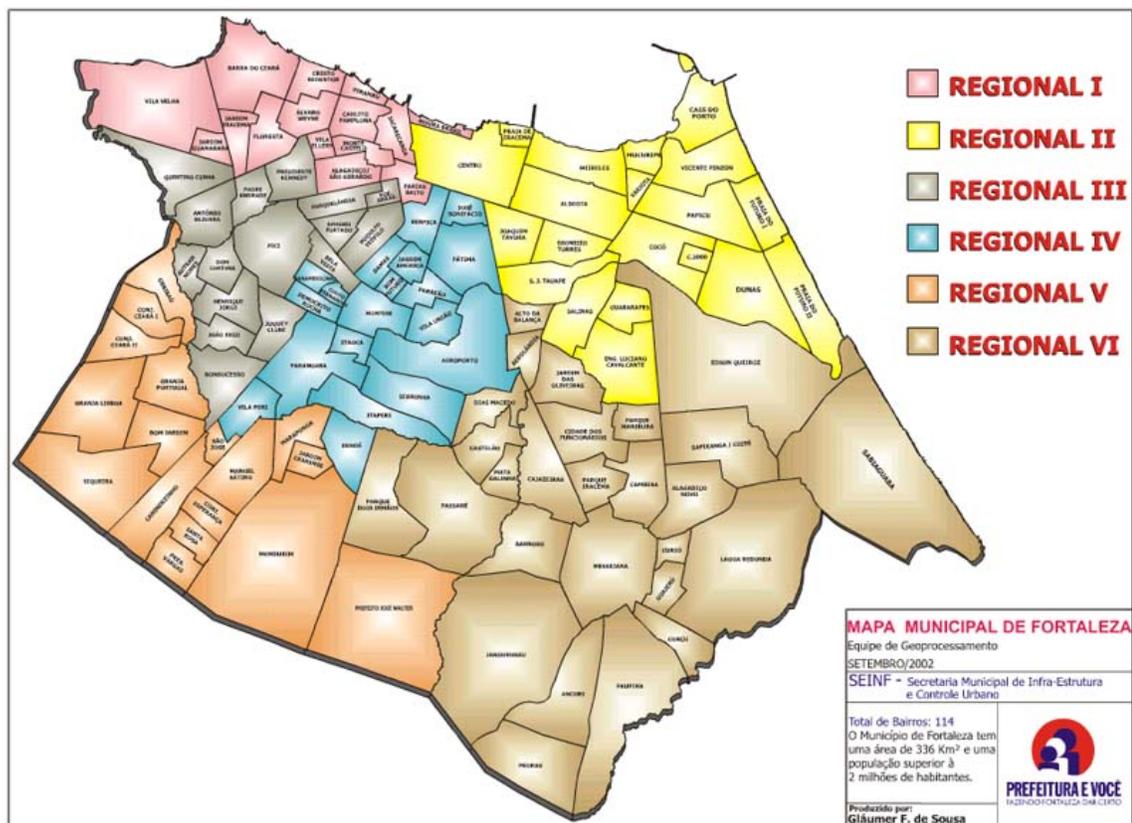


Figura VI – Divisão dos bairros de Fortaleza
 Fonte: <http://www.seinf.fortaleza.ce.gov.br/>

É importante ressaltar que a área correspondente ao bairro Vicente Pinzón (localizado entre o bairro do Mucuripe e a Praia do Futuro) possui fortes vínculos com a área de estudo, inclusive em razão da existência de alguns dos equipamentos destinados ao lazer – as barracas de praia. Será utilizada, entretanto, a divisão territorial por bairros da Prefeitura Municipal de Fortaleza.



Figura VII – Divisão administrativa da Secretaria Executiva Regional II
 Fonte: <http://www.seinf.fortaleza.ce.gov.br/>

Nas fotografias apresentadas ao longo deste capítulo, constará a indicação desta divisão como Praia do Futuro I (PF I) e Praia do Futuro II (PF II), a fim de prover melhor localização dos itens apresentados.

Entrando na rota de diversão dos cearenses a partir das décadas de 1970-1980 e para os turistas, um pouco mais tarde, a partir dos anos 1990, a Praia do Futuro foi aos poucos sendo incorporada às atividades de lazer de Fortaleza. Sua ocupação data do começo dos anos de 1950, momento de incorporação de novas áreas à Cidade.

O crescimento de Fortaleza, a valorização das terras do seu litoral, assim como a melhoria da infra-estrutura de acesso e serviços na área, contribuíram para um aumento significativo do número de freqüentadores nesta praia, na qual se pode observar um uso misto de seu território (residencial, comercial, turístico e lazer), tornando-a mais diversa do que outras praias urbanas.

Conforme Abreu Júnior (2005, p. 129), a Praia do Futuro nos últimos 40 anos “caracterizou-se como uma área de lazer despojada, desorganizada, utilizada por poucos fortalezenses [...]; um lugar que gradativamente, na medida que foi sendo ocupado, fez e faz parte do lazer dos fortalezenses e dos que moram na Região Metropolitana”.

Na década contemporânea ao início da ocupação da Praia do Futuro (década de 1950), o espaço-símbolo do “morar bem” em Fortaleza era o bairro da Aldeota. Este estava no auge de sua ocupação e para lá se deslocava a burguesia fortalezense que morava no Centro. Mesmo com seus problemas, configurou-se num local buscado pelas famílias que não desejavam mais residir no Centro. A Aldeota possuía atrativos e infra-estrutura de suporte à fixação destas famílias e o Centro se transformava em bairro eminentemente comercial.

Fugindo da poluição das indústrias e da proximidade das favelas, a população de mais alto padrão de vida transferiu-se do bairro de Jacarecanga para a Aldeota, do outro lado da cidade (leste), que, em 1930, não passava de um extenso areal. Assim, começava a ficar mais visível, a partir da década de trinta, o processo de diferenciação espacial e segregação residencial. A distribuição da população no espaço urbano de Fortaleza ficou nitidamente determinada pelo nível de renda. (COSTA, 1988, p. 78).

Tratando dos privilégios concedidos ao bairro da Aldeota, em detrimento dos bairros situados na zona oeste de Fortaleza, Linhares (1992, p. 166) diz que “[...] se a ocupação do solo urbano obedeceu a um claro processo de segregação social, o espaço de praia, por suas características de equipamento urbano público, teve ocupação e destinos completamente diferentes, o que em determinados momentos gerou um irônico contraste”. É uma oposição claramente verificada nas áreas de praia da zona mais a oeste, onde se encontram vários bairros pobres.

Neste mesmo período de valorização da Aldeota, os bairros do litoral oeste considerados pobres, como Pirambu e Arraial Moura Brasil, aumentavam seu adensamento urbano, na grande maioria representado por favelas. Estes bairros, desde os primórdios da ocupação de Fortaleza, sempre foram considerados pelas elites da Capital cearense como a área destinada à moradia de pescadores e dos pobres que, não tendo condições econômicas de residir no Centro, continuavam se aglomerando nestes bairros, tornando-os cada vez mais desaconselháveis àqueles que intentavam fazer investimentos imobiliários, em vista de sua baixa valorização no mercado.

Assim, a procura pela Praia de Iracema, Meireles e Aldeota se justificava, em grande parte, pela presença, no litoral da zona oeste de Fortaleza (trecho Moura Brasil - Barra do Ceará), de elevado número de população de baixa renda, além da carência de infra-estrutura, fazendo com que as classes mais abastadas e os

investidores imobiliários dessem preferência à zona leste do litoral, por possuir melhores condições de infra-estrutura e serviços, além da elevada concentração demográfica com maior renda.

A partir desta diferenciação dos lugares destinados à moradia de pobres e ricos na Cidade, começam a se consolidar a segregação e a diferenciação social estabelecida em Fortaleza, ocasionando diversas conseqüências na constituição de seu espaço urbano.

Destaca Linhares (1992, p. 274) que estes bairros mais pobres ficam esquecidos “enquanto na Beira-Mar, Praia do Futuro e outras regiões onde a especulação imobiliária tem importância existe uma preocupação com a estética ambiental”, fator que será importante quesito na composição do quadro de valorização destes espaços.

A partir da melhoria nas linhas de transporte coletivo, os habitantes das áreas mais distantes de Fortaleza passam a ter a oportunidade de chegar às zonas de praia com menor dificuldade. Com a intensificação da procura por lazer nas praias de Iracema e Meireles, os primeiros sinais da poluição das águas do mar começam a aparecer. O grande número de populares presentes nestas praias incomodava a elite local, pois achavam que os populares tinham um comportamento incompatível com a boa higiene e os costumes praticados pela elite.

Conforme Jucá (2003a, p. 141):

Em virtude da crescente afluência de usuários, em 1956, as praias já eram consideradas sujas, com lixo acumulado. Reclamava-se da “molecagem e mulheres de má reputação que invadem trechos para onde se deslocam as famílias”. O foco de atração chegava ao late Clube, onde a praia tornara-se muito concorrida, “a Capcabana em miniatura”. A praia de Iracema perdera o seu brilho com casas estragadas e o espaço do antigo balneário diminuía. A praia Formosa ia sendo tomada por casebres de zinco e de palha, pelos prostíbulos e o lixo se acumulava.

Com o estabelecimento destes conflitos de uso no trecho mais procurado para os banhos de mar em Fortaleza, a elite se vê na iminência de perder este lazer praiano que já fora objeto de uma redução significativa a partir dos problemas ocasionados com a construção do Porto do Mucuripe. Com isso, é despertado nos estratos mais abastados da sociedade fortalezense o intento de procurar uma nova

área para a prática dos banhos de mar, sem este tipo de “incômodo” e poluição. Um das áreas incorporadas ao lazer desta elite foi a área da Praia do Futuro.

Linhares (1992, p. 273) mostra que:

Os jogos, o ritual sensual de mostrar o corpo no espaço à beira-mar, e o banho de mar, o seu domínio são características das culturas urbanas burguesas. O acesso a estas regras pelas camadas populares é sempre um acesso marginal. Daí porque a festa popular na praia é uma festa de “esquecimento” e não de pleno domínio racional de códigos. É por isso que as camadas médias e ricas urbanas repelem tanto o pobre na praia. Para eles é uma invasão [...]. A democratização “forçada” que ocorreu com os espaços praianos no Rio, em Salvador, Recife, Fortaleza foi por este motivo sempre vista como invasão dos “bárbaros”.

Em analogia ao que ocorreu nas praias à beira-mar de Fortaleza em seus momentos de uso pelas classes abastadas da Cidade e sua relação com as classes mais pobres, convém lembrar a letra da música *Nós vamos invadir sua praia*, do grupo Ultraje a Rigor, composta no ano de 1985, que trata de maneira muito clara dos conflitos de uso existentes nestes espaços:

*Daqui do morro dá pra ver tão legal
O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo, nós queremos é mais
Do alto da cidade até a beira do cais
Mais do que um bom bronzeado
Nós queremos estar do seu lado
Nós 'tamo' entrando sem óleo nem creme
Precisando a gente se espreme
Trazendo a farofa e a galinha
Levando também a vitrolinha
Separa um lugar nessa areia
Nós vamos chacoalhar a sua aldeia
Mistura sua laia
Ou foge da raia
Sai da tocaia
Pula na baia
Agora nós vamos invadir sua praia
Agora se você vai se incomodar
Então é melhor se mudar
Não adianta nem nos desprezar
Se a gente acostumar a gente vai ficar
A gente tá querendo variar
E a sua praia vem bem a calhar
Não precisa ficar nervoso
Pode ser que você ache gostoso
Ficar em companhia tão saudável
Pode até lhe ser bastante recomendável
A gente pode te cutucar
Não tenha medo, não vai machucar.*

“Nós vamos invadir sua praia”
Grupo Ultraje a Rigor

Com a continuidade das obras do Porto do Mucuripe, um loteamento criado em 1950 pela imobiliária Antônio Diogo, na área da Praia do Futuro, surge como possibilidade de suprir as necessidades desta elite que buscava outro local para diversão, lazer e entretenimento. Segundo Costa (1988) a expansão em direção a esta praia, ultrapassou o ramal da estrada de ferro Parangaba-Mucuripe onde se encontrava o chamado Sítio Cocó, estendendo-se desde o ramal ferroviário até a margem esquerda do rio Cocó.

Conforme Costa (Ibid., p. 128-129), a transposição da barreira física da via férrea e a incorporação dos terrenos de praias, dunas e mangues do Sítio Cocó¹⁰ tiveram “[...] início quando a Prefeitura Municipal de Fortaleza autorizou, em 1954, o processo de parcelamento do Sítio Cocó e o loteamento da praia Antônio Diogo, a chamada Praia do Futuro”.

Com os trabalhos do porto do Mucuripe em andamento, mesmo em um ritmo lento, os terrenos situados nas suas proximidades foram sendo valorizados. A imobiliária Antonio Diogo, em 1950, loteou uma área, que se estendia do farol do Mucuripe até a barra do rio Cocó. Compreendia 7 quilômetros de comprimento por 600 metros de largura. Cada uma das quadras, divididas em 12 lotes, tinha 20 metros de frente por 40 de fundo. (JUCÁ, 2003a, p. 134).

Criam-se, com efeito, “grandes vazios urbanos e se desenvolveu um ‘crescimento aparente’ da cidade, com a realização de uma série de loteamentos ditos urbanos. Este processo está associado à presença do rio Cocó, da área das salinas e das dunas da Praia do Futuro”. (COSTA, op. cit., p. 123).

Conforme Macedo e Pellegrino (1996, p. 156), no Brasil em toda a sua extensão:

[...] os conflitos ambientais são muitos e a transformação da paisagem drástica. Os principais agentes dessa transformação são os grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, Santos, Salvador, Recife e Fortaleza com suas extensas áreas, seus portos e parques industriais, as regiões de portos e sobretudo os loteamentos de finalidade turística, que se estendem linearmente por grande parte da costa, ocupando áreas urbanas ou não, apresentando-se como as áreas significativas de transformação ambiental e paisagística do litoral brasileiro.

¹⁰ O loteamento do Sítio Cocó foi aprovado em 1954, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, iniciando-se a fragmentação desta área de uso agrícola e de salinas.

Sobre a incorporação da área da Praia do Futuro, Dantas (2002, p. 69) assevera que este foi o último trecho de praia incorporado à zona urbana de Fortaleza:

[...] na qual predominavam usos tradicionais, e que, a exemplo de outras praias, incorporou-se ao espaço urbano, ora como periferia de zona portuária (o Porto do Mucuripe), ora como lugar ocupado para responder à demanda das classes abastadas que freqüentavam a praia do Meireles.

No início da ocupação da Praia do Futuro, surgem inúmeros mitos quanto ao porvir daquelas novas terras. No ano de 1968, já era procurada como opção de lazer em Fortaleza, momento da divulgação, na mídia cearense, da idéia de que a Praia do Futuro poderia se transformar numa “Copacabana”, como ocorria no Rio de Janeiro. Relata Abreu Júnior (2005, p. 182) que:

A partir de finais da década de 1970 e início da década de 1980, os terrenos na Beira-Mar, no bairro do Mucuripe até o estuário do rio Cocó, passaram a ser cada vez mais valorizados em função de uma crescente divulgação que existia uma área em Fortaleza que seria a futura “Barra da Tijuca do Ceará”, referindo-se à Praia do Futuro. Estes fatores foram determinantes para um grande movimento imobiliário em Fortaleza, em direção a essa área. Aliado a isso, algumas intenções do poder público, timidamente e só no papel, de melhorar a infra-estrutura do local e de instalar equipamentos urbanos, ajudaram a criar o mito, no final da década de 1970, que a praia do Futuro realmente seria uma nova Barra da Tijuca.

Em virtude do aumento do número de freqüentadores, especulava-se que esta área possibilitaria a grande explosão imobiliária da zona leste da Cidade, suscitando nos jornais locais a publicação de inúmeras matérias sobre a necessidade de se iniciar o ordenamento da área. A matéria do jornal *O Povo*, de 22 de abril de 1968, intitulada *A avenida do futuro*, se referia inclusive à necessidade do alargamento e iluminação de uma das vias de acesso à área, chamada Dioguinho¹¹:

Hoje, os “Chez Pierre, os Drive-in Bar, os Sombra Amena”, vão povoando de cumeiras leves ou portáteis o antigo deserto de dunas e ventos fortes. Praticamente, os banhos de mar de Fortaleza se mudaram com armas e bagagens para o lado do velho Farol. Por que não iluminar a Praia do Futuro? A municipalidade deve acompanhar o povo, criando-lhe novas área de respiração.

11 Para um estudo mais aprofundado sobre as matérias dos jornais de Fortaleza quanto aos acontecimentos que envolveram a Praia do Futuro a partir da década de 1960 ver ABREU JÚNIOR, Pedro Itamar. *Praia do Futuro – formas de apropriação do espaço urbano*. 227f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2005. Este autor faz um resgate através das matérias dos jornais de Fortaleza sobre uso e ocupação do solo na Praia do Futuro a partir da década de 1960.

Assim, a década de 1960 foi marcante na ocupação da Praia do Futuro, momento em que as atenções dos moradores de Fortaleza se voltam para os inúmeros acontecimentos na área, principalmente sobre o crescimento da Cidade nesta faixa litorânea. Foi neste momento que, segundo Abreu Júnior (2005, p. 38-39):

[...] a Praia do Futuro passou a ser motivo de questionamentos por parte da população de fortalezenses, fruto do natural expansionismo da cidade para leste, que já era previsto com o pleno funcionamento do Porto do Mucuripe, em finais da década de 50 e a construção do Hospital Geral de Fortaleza e Cervejaria Astra (Brahma) no início da década de 60. [...] local onde a necessidade da presença do poder público era importante, deixando gradativamente, a partir do início desta década, de ser um local distante, para ser uma fronteira a ser alcançada pela expansão imobiliária.

Neste contexto, as atividades de lazer foram aos poucos se ampliando até a Praia do Futuro, consolidando-a como nova área de lazer para a Cidade. De esquecida faixa de praia durante longo período de expansão, passa a ser o alvo central da especulação imobiliária quando o fluxo de pessoas se intensifica.

Foi a partir da década de 1970 que a elite de Fortaleza passou a incorporar de fato a Praia do Futuro como área destinada aos novos investimentos financeiros. No ano de 1976, é feita a continuação da avenida Santos Dumont até esta praia, possibilitando, também, o acesso ao Conjunto Cidade 2000, localizado nas suas proximidades.

Costa (1988, p. 134) informa que, “desde 1972, estavam previstos no PLANDIRF¹² o prolongamento da avenida Santos Dumont até a Praia do Futuro e a construção da praça 31 de Março e da avenida Zezé Diogo”. Com a execução destas obras, em 1976, ocorrem de imediato a abertura de inúmeros loteamentos e ruas e a construção de residências nos bairros Papicu e Cocó.

¹² Plano Diretor de Fortaleza



Foto 10 – Avenida Santos Dumont, nas proximidades da Praia do Futuro
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

A continuação da avenida Santos Dumont até a Praia do Futuro facilitou o acesso, por meio das linhas de ônibus, da população da periferia de Fortaleza a este trecho do litoral. Durante muito tempo, esta área não era procurada em virtude das dificuldades de deslocamento. A aquisição de automóveis pela classe média, também, favoreceu o acesso à área. Na década de 1980 foi construído o calçadão da Praia do Futuro e feito o alargamento da avenida Zezé Diogo.

Após a expansão do sistema viário para o leste, ocorreu acelerada especulação imobiliária, abrindo-se novos loteamentos, sem nenhuma fiscalização do Poder municipal e com infra-estrutura precária. Foram construídas residências de alto padrão, em lotes de grandes extensões.

Com isso, passam a ocorrer os problemas sociais provocados pela especulação imobiliária, com a expulsão dos contingentes de baixa renda para periferias distantes, surgindo também problemas ambientais, decorrentes da degradação ocasionada por aterros de riachos e pelo desmonte de dunas.

Mesmo com todos estes problemas, a possibilidade de fácil acesso a mais uma área de lazer em Fortaleza contribui para um aumento da procura por esta área, tornando-a cada vez mais conhecida e sendo buscada por aqueles que tencionavam tomar banhos de mar.

Com a freqüência dos populares na Praia do Futuro para praticar esta atividade, entretanto, as pessoas das camadas mais abastadas não se sentem mais

atraídas por este tipo de lazer, pois têm de compartilhá-lo com os pobres que lá se encontram. Desse modo, para a elite de Fortaleza praticar os banhos de mar na Praia do Futuro vai perder o seu “encanto”, pois não encontraram a tranquilidade e o isolamento esperados quando “fugiam” dos populares que começaram a freqüentar as praias entre os bairros de Iracema e Mucuripe e que agora procuravam, também, a Praia do Futuro para seus momentos de lazer.

Segundo Russell (1957, p. 9), “a idéia que o pobre devia ter lazer molestou a muitos homens ricos. Na Inglaterra, logo no princípio do século XIX, quinze horas era o dia comum de trabalho para um homem”. Esse autor (Ibid., p. 9) reforça sua argumentação, tecendo suas críticas sobre o anseio da elite em se ver longe dos pobres, acrescentando o seguinte relato:

Lembro-me, perfeitamente, de uma velha duquesa dizer: “Que vai fazer o pobre com oito feriados? O que ele deve é trabalhar”. Hoje em dia as pessoas são menos francas mas esse modo de sentir persiste, e é fonte de boa parte da nossa confusão econômica, que alimenta a luta de classe.

Ressalta Marcellino (1996, p. 25) que para “[...] democratizar o lazer implica em democratizar o espaço. E se o assunto for colocado em termos da vida diária, do cotidiano das pessoas, não há como fugir do fato: o espaço para o lazer é o espaço urbano”. De acordo com Certeau (1994, p. 202), “o espaço é um lugar praticado” e as práticas nele realizadas são diferenciadas uma das outras. Os conflitos gerados entre pobres e ricos na busca por espaços de lazer na cidade de Fortaleza ao longo dos anos, refletem como estas práticas podem se materializar no espaço.

Em paralelo a estes conflitos de uso no espaço da Praia do Futuro, muitos investimentos eram direcionados às melhorias da praia e, com isso, outras finalidades de uso foram se estabelecendo, elaborando-se um novo espaço de consumo e especulação imobiliária. Assim, a Praia do Futuro surge como nova opção na Cidade, que servirá como complemento às atividades de lazer anteriormente realizadas nas praias compreendidas entre a Praia de Iracema e o Mucuripe.

A implementação de vias de acesso à zona litorânea, não só de Fortaleza, como também de todo o Estado do Ceará, favorece a expansão e o aumento da

ocupação desta área do litoral, pois, ao serem relacionadas como prioridades na criação de infra-estrutura necessária à instalação de muitos equipamentos no litoral, as vias de circulação passam a ter destaque no âmbito do cenário turístico.

Na perspectiva de Lima (2005), percebe-se que este incentivo viabiliza/consolida a urbanização destes espaços turísticos, requalificando e elevando o consumo do próprio espaço e dos serviços oferecidos, o que induz ao surgimento de novos padrões de uso e ocupação do solo. A partir das intervenções do Poder público em infra-estrutura nas áreas mais afastadas de Fortaleza, pôde ser favorecido um estímulo maior ao surgimento de novas áreas de absorção das atividades de lazer e turismo litorâneo.

Entende Moraes (1999, p. 19) que, “os terrenos á beira-mar constituem pequena fração dos estoques territoriais disponíveis, e abrigam amplo conjunto de funções especializadas e quase exclusivas”. A raridade de espaços à beira-mar será cada vez mais intensificada com a ampliação da especulação imobiliária e a implementação de infra-estruturas que possibilitem a fixação de residências e estabelecimentos comerciais.

Dessa forma, há também um entrelaçamento entre a abertura de grandes vias e a criação de oportunidades para os investimentos do setor imobiliário, pois a lógica do seu traçado não se reduz apenas à necessidade de melhorar os transportes, mas está diretamente relacionada à dinâmica de abrir localização para o mercado imobiliário de alta renda.

Refletindo esta dinâmica, outras importantes vias de acesso e circulação na área da Praia do Futuro – como as avenidas Zezé Diogo, que acompanha toda extensão da linha de costa da praia e a Dioguinho, localizada de forma paralela a anterior – servirão de suporte para a ampliação destes espaços. Estas duas vias permitem maior circulação de veículos, em virtude de sua intensificação nos últimos anos.

Assim, com a incorporação de novas áreas à Cidade, suas feições vão se modificando, passando a interferir inclusive no território de municípios circunvizinhos a Fortaleza, como Caucaia, Maracanaú, Pacatuba, Itaitinga, Euzébio e Aquiraz que,

em razão da continuidade da ocupação física e fenômeno da conurbação¹³, típica dos grandes aglomerados urbanos, passam a estreitar o nível de relacionamento com a Capital cearense.

No que se refere às atividades de turismo e lazer, a relação entre Fortaleza e alguns destes municípios vai ser mais intensa, notadamente com os Municípios de Aquiraz e Caucaia. A proximidade cada vez maior em relação a estes municípios, procurados não somente pelos turistas, como também pelos moradores da Capital cearense à procura de suas praias para passar o domingo, um fim de semana ou mesmo uma temporada de férias nas casas de veraneio, torna-se cada vez mais constante.

Com a intensificação dos fluxos em busca de lugares para descanso e diversão, amplia-se a dinâmica espacial. Isto é observado nos pontos turísticos do Ceará, parte integrante de uma rede maior, o sistema do turismo mundial. A Praia do Futuro encontra-se neste âmbito, como espaço buscado por aqueles que se deslocam de outros pontos do Território nacional ou mesmo internacional, ampliando ainda mais sua dinâmica espacial.

Assim, a área da Praia do Futuro será considerada o novo *point* do lazer na Cidade, mesmo continuando intensa a procura pelas praias de Iracema, Meireles e Mucuripe, que dão suporte à atividade turística na Capital, por intermédio dos inúmeros hotéis, *flats*, pousadas e outros equipamentos urbanos lá existentes.

3.1 Do esquecimento aos cartões-postais

De área isolada da Capital aos cartões-postais, a Praia do Futuro ganha notoriedade mundial como lugar da sociabilidade e entretenimento àqueles que procuram este espaço para lazer e turismo, representando também as mudanças

¹³ Conurbação refere-se a uma extensa área urbana surgida do encontro ou junção de duas ou mais cidades. Ao longo do tempo os seus limites geográficos perdem-se em virtude do seu crescimento horizontal. Associado à outros processos que contribuem para a expansão urbana das cidades, proporciona a formação de regiões metropolitanas.

urbanas ocorridas em Fortaleza nas três últimas décadas. A Praia do Futuro insere-se neste âmbito de maneira concreta, à medida que é alvo e/ou cede à pressão do capital internacional, das grandes empresas nacionais e internacionais do setor turístico, tornando-se, destarte, um destino turístico mundial. O turismo exhibe-se com uma atividade propiciadora de crescimento econômico em muitos lugares do mundo. Isto ocorre pela adoção de inovações técnicas nos meios de transporte e outros instrumentos de comunicação, contribuindo para elevar o fluxo de pessoas e informações entre estes lugares.

Investidores são atraídos para valorizar – com equipamentos, infraestrutura e serviços – ambientes favoráveis ao lazer, comumente potencializados pelas peculiaridades naturais e pela riqueza da história humana. A partir da implementação destes elementos, vai se construindo o espaço da Praia do Futuro.

Em Fortaleza, em especial na Praia do Futuro, os investidores acham-se particularmente seduzidos em virtude da divulgação das belezas da área nas campanhas publicitárias, elaboradas por incentivos do Poder público. Os media nacionais e internacionais participam deste fato ao situar Fortaleza como “porto seguro” tanto para investimentos financeiros quanto para aqueles que pretendem encontrar descanso, lazer e entretenimento.

Percebe-se, com efeito, que essas transformações urbanas ocorridas na Capital cearense proporcionam a constituição e a organização de seu território. Isto, porém, não ocorre de maneira isolada ou arbitrária, pois a este agregam, a dinâmica espacial mundial, a propagação do uso de inovações tecnológicas, a mundialização das empresas hegemônicas apoiadas pelo capital financeiro e a explosão do consumo pelas classes média e alta, mesmo em países de capitalismo periférico.

A intensa valorização das áreas litorâneas na busca pela reprodução do capital tornou-se uma constante nestes países e isso contribui para a exploração dos ambientes litorâneos. Compreende Dantas (2002, p. 102) que as “cidades voltam-se para a exploração do litoral propriamente dito, utilizando suas potencialidades naturais e culturais para se inscrever no mercado turístico nacional e/ou internacional”. A partir dos investimentos direcionados à melhoria do acesso à Praia do Futuro, outras finalidades de uso se estabeleceram. As expectativas de

valorização do solo vão propiciar a construção de residências e equipamentos turísticos.

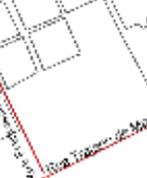
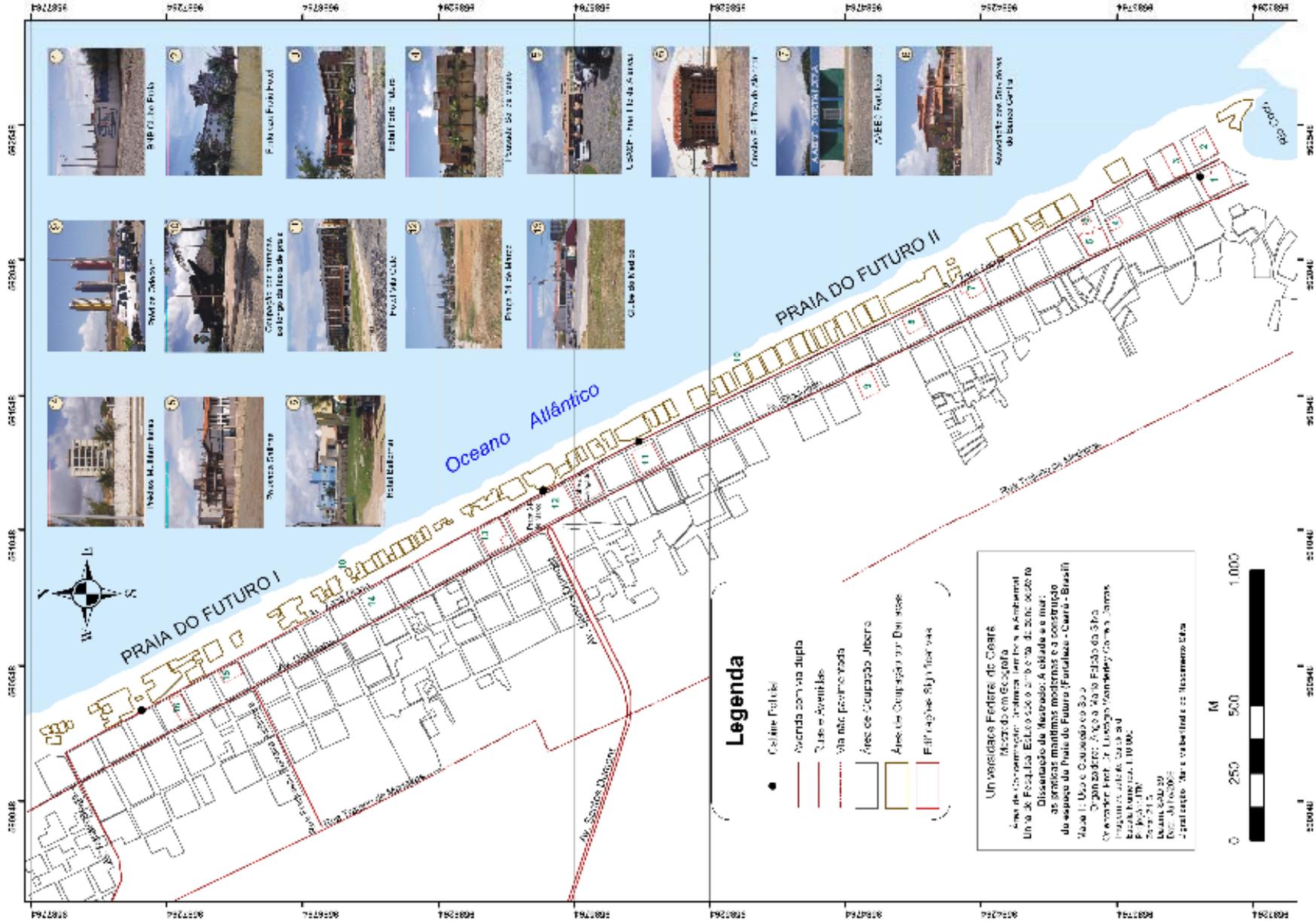
No início de sua ocupação, a Praia do Futuro servirá como complemento das atividades de lazer e de turismo da orla, no trecho Praia de Iracema-Mucuripe até consolidar-se como importante espaço de lazer na Cidade, ganhando características próprias. Assim, compreende-se o espaço da Praia do Futuro como lugar “escolhido” pela alta sociedade fortalezense que freqüentava a Praia de Iracema, Meireles e Mucuripe, a partir da procura pelas práticas dos banhos de mar, quando buscava uma área com água sem sinais de poluição e livre da presença “incômoda” da classe pobre.

3.1.1 Construindo o espaço da Praia

Com a inserção da Praia do Futuro na rota da atividade turística de Fortaleza, iniciaram-se as construções destinadas à absorção de um novo público, os turistas. Assim, esta área não possui um caráter apenas residencial ou de lazer para os fortalezenses, mas também absorveu as mudanças adquiridas com a introdução do turismo na área.

Neste aspecto, esta praia apresenta uma dinâmica espacial diferenciada das outras praias da Capital e, para um melhor entendimento do objeto em discussão, acrescentam-se à análise algumas questões relacionadas ao uso e ocupação do solo na área de estudo (MAPA II, p. 95), na tentativa de melhor compreender a elaboração de seu espaço.

Quanto ao uso e ocupação, a análise direciona-se aos aspectos diretamente vinculados às atividades de lazer e turismo: hotéis, pousadas, barracas, clubes, espaços públicos, barracas de praia etc., pois, diante da complexidade que a Praia do Futuro apresentou durante o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que não seria possível dar conta de todos os aspectos relacionados à sua ocupação, portanto, serão destacados aqueles relacionados mais diretamente às atividades há pouco mencionadas.



Oceano Atlântico

PRAIA DO FUTURO II

PRAIA DO FUTURO I

Legenda

- Calçada Pedestre
- Rua com via dupla
- Ruas e Avenidas
- Via não pavimentada
- Área de Ocupação Urbana
- Área de Ocupação para Desporto
- Edifícios 8/10/12m

Um pesquisador Federal do Ceará
 fez um estudo sobre o desenvolvimento
 urbano e ambiental da Praia do Futuro
 em Fortaleza. Ele chegou a conclusão de que
 as estruturas modernas e a construção
 do espaço da Praia do Futuro/Praia de
 Copacabana são semelhantes às de
 Copacabana e Barra de São João.
 O pesquisador é o arquiteto e urbanista
 brasileiro, professor de Arquitetura e Urbanismo
 na Universidade Federal do Rio de Janeiro
 e pesquisador do Laboratório de Planejamento
 Urbano e Regional da Universidade Federal
 do Rio de Janeiro.



987764 987774 987784 987794 988004 988014 988024 988034 988044 988054 988064 988074 988084 988094 989004 989014 989024 989034 989044 989054 989064 989074 989084 989094

987764 987774 987784 987794 988004 988014 988024 988034 988044 988054 988064 988074 988084 988094

987764 987774 987784 987794 988004 988014 988024 988034 988044 988054 988064 988074 988084 988094



A primeira intervenção urbanística feita na área da Praia do Futuro foi na administração do prefeito César Cals Oliveira Neto (1983-1985), mediante a elaboração de um projeto denominado Pólo Atlântico Sul feito em 1982, mas só executado em 1984 sob seu governo. Segundo Correia (2004, p. 74), “o projeto de urbanização da Praia do Futuro incluía uma série de barracas, um passeio padronizado, arborização, banheiros públicos e algum mobiliário urbano”. A área deste projeto compreendia a faixa de praia entre as avenidas Renato Braga e Santos Dumont.

As intervenções urbanas desta época, aliadas à recente construção da av. Dr. Aldy Mentor (prolongamento da av. Pe. Antonio Thomaz) e a ponte do rio Cocó em direção à praia da Sabiaguaba, servem como incentivos à continuidade das atividades imobiliárias, pois, mesmo sendo uma área de grande valorização paisagística e *locus* do lazer urbano em Fortaleza, não conseguiu atingir a “explosão” de construções imobiliárias que era esperada para este setor no início de sua ocupação. A av. Dr. Aldy Mentor foi o local escolhido para construir a “Cidade Fortal¹⁴”.



Foto 11 – Avenida Dr. Aldy Mentor
(continuação da avenida Pe. Antonio Thomaz, prolonga-se até a avenida Dioguinho na Praia do Futuro II, nas proximidades dos prédios Odecon)
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

¹⁴ Fortal é o nome do carnaval fora de época em Fortaleza que acontece todo mês de julho há mais de 10 anos. Antes de ser transferido para esta avenida, o evento acontecia na avenida Beira-Mar.

Uma das novidades que surgiram na cidade de Fortaleza na administração do Prefeito Lúcio Alcântara (1979 a 1982) foi a construção de pólos de lazer, edificadas na Barra do Ceará, na Lagoa do Opaia, no Alagadiço e na Praia do Futuro. Com isso, a concentração de populares nestes espaços de lazer coletivo distancia-os das elites, desejosas de um total isolamento destas massas nos espaços à beira-mar. Conforme Costa (1988, p. 97-98):

Na verdade os pólos de lazer tiveram menos papel na criação de alternativas de diversão para o proletariado do que em evitar que os chamados espaços burgueses fossem invadidos pela periferia. Isto de fato ocorreu na gestão municipal seguinte, de César Cals Neto, que criou o programa “Vamos a Praia”, colocando ônibus especiais ligando os bairros periféricos às praias da elite.

Mesmo demonstrando seu caráter excludente, assinala Costa (2005, p. 83) que “a descentralização de espaços de lazer, mediante construção de pólos, com a urbanização da avenida Beira-Mar e a implantação do Parque Ecológico do Cocó – Adail Barreto, na administração do prefeito Lúcio Alcântara, animou a vida de alguns bairros”.

Quanto às tentativas de urbanização e melhoramentos na Praia do Futuro nos últimos quarenta anos, desde a primeira realmente executada no período da administração do prefeito César Carls Neto até a mais recente, no mandato do prefeito Juraci Magalhães, salienta Abreu Júnior (2005, p. 140) que:

[...] todas pecaram pela falta de manutenção; e, no caso da última tentativa de urbanização das pracinhas, de aceitação por parte da comunidade, principalmente de barraqueiros [...] Quanto ao pólo de lazer 31 de Março no final da av. Santos Dumont, a idéia era transformar o local em grande espaço lúdico e ambiental. O que se observa hoje é um total abandono, pois as pessoas preferem ficar junto à praia nas barracas do que ficar no local do pólo, portanto, mesmo com algumas tentativas de comércio nos quiosques o pólo de lazer não foi e não é viável nessas condições.

No dia 29 de janeiro de 2006, foi realizado na praça 31 de Março, na Praia do Futuro, um *show* intitulado “*show* de domingo”, tendo sido promovido por duas emissoras locais de rádio e televisão. Este evento reuniu em torno de 15 mil pessoas na praça e chamou a atenção pública para o estado de conservação em que se encontra esta área de lazer em Fortaleza.



Foto 12 – Quiosques do pólo de lazer abandonados na praça 31 de Março
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

Refletindo sobre a situação desta área de domínio público, que já foi espaço de lazer e diversão de muitos fortalezenses, conclui-se que o abandono instalado neste local reflete a intensidade dos investimentos públicos ao lazer dos “populares” da Cidade. Este pólo não foi criado para o lazer da elite na Praia do Futuro ou para os turistas que procuram esta praia e sim para o lazer dos pobres.

Outro aspecto a destacar sobre o uso e ocupação da Praia do Futuro refere-se aos extensos vazios (sem ocupação urbana) que a área apresenta. Revendo a imagem do Mapa I (p. 23), é possível observar com clareza esses vazios. Alguns deles foram ocupados por favelas, principalmente na área das dunas, onde também pode ser registrada a presença de mansões luxuosas, demonstrando o nível de desigualdade no acesso à habitação ao longo dos anos, não só na área de estudo, mas também em toda a Fortaleza.

Assim, aos extensos vazios da área vão se somando as ocupações irregulares, as edificações residenciais, comerciais e as destinadas ao suporte das atividades de turismo e lazer.

Segundo Sposito (1999, p. 16), “a descontinuidade do tecido urbano é, ao nosso ver, uma das determinantes do processo de fragmentação da cidade e pode ser vista como uma das formas contemporâneas, através das quais se origina ou se acentua a segregação sócio-espacial”.

Dessa forma entram na discussão os interesses fundiários e imobiliários que “têm impulsionado as cidades a um constante processo de extensão de suas áreas. O crescimento territorial urbano dá-se através da produção de novas localizações urbanas (ao menos no plano jurídico) que ao se apresentarem no mercado, alteram o preço de todas as outras localizações”. (SPOSITO, 1999, p. 13).

Alguns fatores são destacados por esta autora (Ibid.) como impulsionadores da descontinuidade do tecido urbano e expansão dos espaços nas cidades, dentre os quais merecem destaque a difusão do uso de veículos automotores; a invenção da eletricidade; o uso do elevador, que ofereceu condições favoráveis à verticalização em algumas áreas, capaz de reforçar a concentração urbana em alguns pontos do território das cidades e as telecomunicações e a informática, permitindo a ligação cada vez mais veloz entre as pessoas, independentemente de deslocamentos territoriais de pessoas e objetos.

Conforme Sposito (Ibid., p. 17), “a cidade assim produzida é uma amálgama entre concentração e vazios, pois é, ao mesmo tempo, compacta e diluída, densa e dispersa, dependendo do ângulo a partir do qual a observamos”.

Mesmo contando com estes vazios em sua ocupação, a Praia do Futuro se destaca dentre as praias de Fortaleza, por apresentar uma dinâmica de uso intensa, principalmente nas atividades de lazer. Praticamente todas as praias de Fortaleza se destacam dentro da atividade turística na Cidade, no que se refere a infra-estrutura e serviços oferecidos. Inúmeros hotéis, restaurantes e locais para atração de visitantes foram construídos para dar suporte a esta atividade. Mesmo que esta infra-estrutura se mostre precária em alguns setores, são feitas diversas intervenções urbanas em toda a orla.

Assim, com o sol brilhando praticamente o ano inteiro, a Praia do Futuro é um dos lugares procurados por aqueles que fazem turismo em busca de belezas naturais e pelos fortalezenses à procura de lazer e entretenimento.

A existência de hotéis, restaurantes, bares e barracas na Praia do Futuro constitui elemento de infra-estrutura criado para dar suporte a estas atividades,

proporcionando maior comodidade à permanência dos freqüentadores durante todo o dia e também no decorrer da noite.

Dentre os hotéis que podem ser encontrados na Praia do Futuro estão: Vila Galé Resort Fortaleza, Lisboa Praia Hotel, Golden Beach Hotel, Hotel Porto Futuro, Fortaleza Praia Hotel, Hotel Bellomar, Hotel Marbelo Ariaú, Hotel Praia 2000, Leme Mar Hotel, Hotel Mar Aberto, Hotel Happy Living e Hotel Cartier.

A partir de investimentos do capital português na cidade de Fortaleza, concretizados na área da Praia do Futuro, foram instalados o Vila Galé Resort Fortaleza, único *resort* na área urbana da Cidade, e o Lisboa Praia Hotel.

Destinado ao público de maior poder aquisitivo, principalmente aos turistas internacionais, o Vila Galé Resort Fortaleza possui categoria 5 estrelas e conta uma estrutura diversa de lazer e serviços. O estabelecimento conta com 285 apartamentos, além de 5 suítes juniores. Em frente a este *resort*, pode ser encontrada a barraca Vila Galé, que lhe dá suporte, oferecendo uma série de serviços e atrações aos hóspedes do hotel ou aos freqüentados da barraca.

O Lisboa Praia Hotel é outro exemplo de grande hotel destinado aos turistas internacionais. Além de possuir 141 apartamentos (02 quartos adaptados para deficientes físicos), 03 suítes executivas e 01 suíte presidencial, disponibiliza um espaço para a realização de eventos com salão de convenções e *business center*.

Conforme Coriolano (2004, p. 99):

Outras territorialidades turísticas são encontradas no litoral, com a presença dos grandes hotéis, dos *resorts*, dos parques aquáticos que se apropriam de espaços expropriados dos residentes, privatizam, constroem e direcionam aos turistas. Numa leitura aparente do espaço cearense, poder-se-ia falar da existência de dois Cearás e duas Fortalezas, mas sabe-se que essa produção é resultado de um mesmo processo desigual e combinado que produz contradições socioespaciais.



Foto 13 – Vila Galé Resort Fortaleza (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 14 – Lisboa Praia Hotel (PFII)
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

Explica Cruz (2003, p. 49) que “no litoral do Nordeste a expansão da infraestrutura turística cresce exponencialmente, tendo como carro chefe a infra-estrutura hoteleira. Com isso pretende-se captar maior parte das demandas turísticas nacional e estrangeiras”.

A revitalização destes equipamentos hoteleiros na área da Praia do Futuro passou a ser destaque nos jornais de Fortaleza nos últimos anos. Os jornais locais destacam os investimentos internacionais na área através de matéria sobre o assunto, dentre elas :

Dois hotéis desativados renasceram da visão empresarial de investidores internacionais e mudaram o cenário da Praia do Futuro. O Dunas, construído há mais de dez anos (sem ser concluído), ganhou vida nova com uma temática que homenageia o índio brasileiro e com o simpático nome de Vila Galé. A denominação é de um grupo português que tem 12 hotéis naquele país, além de dois em construção. O Vila Galé Fortaleza é o primeiro do grupo fora de Portugal. [...] O Hotel Praia Verde, que funcionou alguns anos e ficou desativado por igual período, também nasceu da iniciativa de um grupo luso-brasileiro e retornou ao mercado com o nome de Lisboa Praia Hotel. (HOTÉIS..., 2001).

Algumas pousadas também oferecem suporte à hospedagem dos turistas na Praia do Futuro. Dentre elas, destacam-se a Pousada Sol de Verão, Pousada Sonho de Família, Pousada Salinas, Pousada Águas de Fortaleza, dentre outras de menor tamanho. Estas pousadas absorvem o público de menor poder aquisitivo, haja vista o alto custo de hospedagem nos hotéis.



Foto 15 – Pousada Salinas (PF I)
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)



Foto 16 – Pousada Sol de Verão (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

Para Falcão (1996, p. 65):

O turismo, qualificado como nova modalidade de consumo de massa, desenvolve-se no âmbito da emergente economia das trocas invisíveis em escala nacional e internacional. Esta modalidade se expande com a produção de bens (infra-estrutura, construções, alimentos e produtos diversos) e serviços (transportes, hospedagem, alimentação etc.) que se integram para o consumo final. Esse conjunto de bens e serviços oferece ao mercado de consumo as “condições de acessibilidade” a determinado lugar. O espaço, na dimensão do lugar, assume caráter de objeto de consumo e, como tal, é (re)produzido e comercializado.

Com os investimentos imobiliários direcionados à Praia do Futuro, muitos clubes profissionais e associações de classe também foram construídos na área, dentre eles: Clube dos Advogados, dos Médicos, BNB Clube Praia, AABEC Fortaleza, Associação dos Servidores do Banco Central (ASBC), dentre outros.

É importante destacar a presença destes clubes e associações de classe, pois eles se integram ao espaço da Praia do Futuro, constituindo lugar para o reduto daqueles que, por meio de uma identidade social de grupo, buscavam a área da Praia do Futuro para o estabelecimento de suas sedes, tendo em vista a prática de esportes, o lazer, o descanso e o estreitamento das relações sociais entre seus membros.

Durante a realização dos trabalhos de campo, identificou-se o fato de que o Clube dos Advogados, localizado nas proximidades da praça 31 de Março (rever

Mapa II, p. 95), encontrava-se aparentemente abandonado, não havendo ninguém no local para confirmar a situação atual do clube.

O Clube dos Médicos, também localizado ao lado da praça 31 de Março, continua com seu funcionamento ocorrendo normalmente, assim como o BNB Clube Praia, a Associação dos Servidores do Banco Central e a AABEC Fortaleza.



Foto 17 – BNB Clube Praia (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 18 – AABEC Fortaleza (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 19 – Clube do Médico (PF I)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 20 – Assoc. dos Serv. Banco Central (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)

Alguns destes clubes tinham suas sedes em outras áreas de Fortaleza, mas, em virtude da forte valorização da Praia do Futuro nas décadas de 1960-1970, deslocaram-se para esta praia ou construíram sua primeira sede e ainda hoje se cogita na possibilidade de transferência da sede de alguns clubes de Fortaleza para a Praia do Futuro.

Como exemplo, a sede do Clube dos Diários, localizada anteriormente na avenida Beira-Mar, foi transferida em 2003 para uma área localizada nas dunas da Praia do Futuro.



Foto 21 – Nova sede do Clube dos Diários na Praia do Futuro (PFII)
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

A exemplo do que ocorreu com a sede do Clube dos Diários, uma matéria do jornal *O Povo*, publicada no dia 14 de fevereiro de 2006, trata da situação financeira que enfrenta a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) de Fortaleza, situada na avenida Abolição (Bairro Meireles), que se encontra em vias de venda, sendo cogitada a possibilidade da posterior construção da nova sede também na Praia do Futuro. A matéria diz o seguinte:

[...] além de pagar as dívidas, o dinheiro arrecadado com a negociação servirá também para a construção de uma nova sede. O presidente antecipa que será contratada uma empresa para realizar uma pesquisa entre os associados e possíveis novos sócios, com o objetivo de saber onde a nova sede deverá ser instalada. Em conversas informais, a maioria das pessoas fala na Praia do Futuro, mas também pode ser em alguma praia da Região Metropolitana. [...] para evitar outro endividamento, a nova sede deverá se auto-sustentar. Entre as medidas a serem tomadas, está a construção de chalés para alugar, tanto para sócios como não sócios. (AABB..., 2006).



Foto 22 – Sede da ABB Fortaleza na avenida Beira-Mar
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

O Clube de Engenharia e o Clube dos Oficiais da Polícia e Bombeiros, no Bairro Vicente Pinzón, também foram visitados nos trabalhos de campo, pois se localizam nas proximidades da área de estudo, mas se encontravam fechados e sem nenhuma indicação para obtenção de informações. A situação atual dos clubes e associações de classe em Fortaleza é bastante relevante, entretanto, mesmo que alguns deles tenham sede na Praia do Futuro, não terão seus históricos aprofundados no momento, haja vista o foco da análise ora apresentada¹⁵.

Desse modo, as sedes destes clubes vão aos poucos cedendo à força do capital financeiro à medida que sua permanência em áreas de alto valor imobiliário vai sendo ameaçada. Nestes espaços da cidade de Fortaleza, há uma crescente demanda por mais espaços para a construção de empreendimentos hoteleiros.

Na avenida Beira-Mar, de Fortaleza, esta pressão se concretiza no momento em que prédios residenciais, edifícios de arquitetura histórica e sedes de clubes são comprados, não para valorizá-los, mas para demoli-los a fim de serem erguidas as grandes torres dos hotéis com bandeiras internacionais.

¹⁵ Para o aprofundamento sobre a história dos clubes na cidade de Fortaleza ver PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

A procura inicial da classe média em direção à Praia do Futuro favoreceu o surgimento do lazer diurno, com a implantação das primeiras barracas na linha de praia, servindo como suporte àqueles que buscaram a Praia do Futuro para tomar os banhos de mar. Após alguns anos e com a melhoria de alguns serviços, principalmente os relacionados ao acesso e segurança na área, tornou-se possível a prática do lazer noturno, por meio da diversão em bares, barracas, *shows* musicais e de humor.

Segundo Costa (2005, p. 89), “na década de 90, depois de projetos de urbanização, na primeira administração do prefeito Juraci Magalhães (1988-1991), esta praia passou a atrair a classe média para o lazer diurno e noturno”. Outros aspectos quanto às modificações pelas quais passaram estas barracas e os conflitos gerados pela sua presença na Praia do Futuro serão tratados mais adiante.



Foto 23 – Estrutura das barracas da Praia do Futuro em 1960
Fonte: Arquivo Nirez



Foto 24 – Estrutura em 2006 de algumas barracas situadas entre a avenida Zezé Diogo e o mar
Fonte: www.diariodonordeste.globo.com.br

Na década de 1970, a Praia do Futuro cresceu de maneira mais acelerada no aspecto da incorporação imobiliária, mesmo que de maneira desorganizada e/ou desordenada. As construções de prédios multifamiliares, a abertura de ruas e avenidas e as construções das sedes de alguns clubes marcaram esta década, ocasionando forte expectativa no setor imobiliário quanto aos desdobramentos que esta dinâmica teria na área.



Foto 25 – Prédio multifamiliar (PF I)
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)



Foto 26 – Prédio multifamiliar (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)

Mesmo com esta dinâmica ocorrida entre as décadas de 1960 e 1970, a Praia do Futuro começa a apresentar uma sutil diminuição dos empreendimentos imobiliários no início da década de 1980. A falta de infra-estrutura e urbanização, aliada à ausência de um ordenamento por parte da Prefeitura, além do aumento das construções irregulares de casas e barracas, conduzia a Praia do Futuro à decadência.



Foto 27 – Construções sobre as dunas (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)

Segundo Rolnik (1989, p. 52), “quem tem dinheiro se apodera de amplos setores da cidade, quem não tem precisa dividir um espaço pequeno com muitos”. Afirma, a autora que, “do ponto de vista político, a segregação é produto e produtora do conflito social. Separa-se porque a mistura é conflituosa e quanto mais separada

é a cidade, mais visível é a diferença, mais acirrado poderá ser o confronto”. (1989, p. 52).

Referente a este processo de segregação espacial no acesso às condições de moradia no espaço da Praia do Futuro, concorda-se com Villaça (1998, p. 148) quando diz que:

A segregação é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros. Segue a mesma dialética do escravo e do senhor.

Falar em segregação espacial é falar também da ausência e/ou má distribuição dos investimentos dos poderes públicos na área urbana da Cidade. Em Fortaleza, enquanto alguns bairros são dotadas de infra-estrutura que proporciona a qualidade de vida de seus moradores (água, luz, telefone, saúde, educação etc), outros bairros (principalmente os mais afastados do corredor turístico, industrial e comercial) não possuem o mínimo de serviços necessários ao bem-estar dos habitantes. Segundo Rolnik (op. cit., p. 52):

Quando falamos do crescimento e transformação da cidade-capital, nos referimos à intervenção e investimento do poder público no espaço. Quando falamos em regiões nobres e regiões pobres, nos referimos a espaços equipados com o que há de mais moderno em matéria de serviços urbanos e espaços aonde o Estado investe pouquíssimo na implantação destes mesmos equipamentos.

Com a série de problemas que a Praia do Futuro apresentava, o sonho do setor imobiliário em construir uma nova “Copacabana” estava preste a desmoronar. Refletindo a polêmica envolvendo este momento, algumas reportagens que tratavam deste assunto começaram a ser publicas na década de 1980, em um dos jornais de Fortaleza, a fim de chamar a atenção sobre o futuro desta praia. Dentre elas pode-se destacar: *Praia do Futuro em decadência deixa de ser ponto de atração* (O Povo de 06/04/1981); *Não existe projeto para a Praia do Futuro* (O Povo de 03/06/1981); *Praia do Futuro tem crescimento anárquico* (O Povo de 04/06/1981); *Falta de público levou o caos a Praia do Futuro* (O Povo de 26/08/1981); *A Praia do Futuro não é mais aquela* (O Povo de 08/02/1982); *Crescimento da Praia do Futuro deve ser ordenado* (O Povo de 29/05/1982).

Outro importante ponto a ser destacado quanto ao uso e ocupação do solo na área da Praia do Futuro refere-se à verticalização desta praia, pois não possui a

mesma intensidade e ritmo de outras áreas da Cidade, como é o caso dos bairros Praia de Iracema, Meireles e Mucuripe, onde a verticalização é intensa, demonstrando a escassez de espaços disponíveis para a construção de empreendimentos imobiliários.

A Praia do Futuro, entretanto, não acompanha o ritmo de edificações e verticalizações destas áreas ocorrente na beira-mar de Fortaleza que, ao longo dos anos, consolida o *slogan* da valorização dos imóveis localizados neste setor nobre: o privilégio de ver “o mar pela janela”.



Foto 28 – Únicos prédios com mais de 10 andares em toda a Praia do Futuro (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

Na mesma lógica da incipiente ocupação desta praia, muitos prédios comerciais da avenida Santos Dumont, nas proximidades da Praia do Futuro, encontram-se à venda ou com placas de locação. Passando por esta avenida com um olhar mais atento para estes prédios é possível identificar a grande quantidade de imóveis nesta situação.

A imagem observada na Praia do Futuro é, de um lado, barracas fechadas, falta de iluminação pública, resíduos sólidos, relatos de violência e vazios de ocupação. Do outro, hotéis luxuosos, noites de caranguejada, estacionamento privativo, demarcação de área pública para acesso privado etc.

Com efeito, a esperada expansão urbana em direção ao bairro não ocorreu. O Poder público municipal investiu no acesso à área, mas deixou de lado a manutenção de outros serviços básicos necessários. Além do mais, a iniciativa privada recuou diante dos altos índices de maresia da Praia.

3.1.2 O discurso da maresia

As investidas da especulação imobiliária na Praia do Futuro confrontaram-se com a questão ambiental pelos níveis de salinidade da área, que se apresentam como um entrave à continuidade das construções nesta praia. Assim, os aspectos relacionados à alta maresia da Praia do Futuro ganham espaço na discussão.

Comumente havida pela população de Fortaleza como causa principal para a pouca ocupação da Praia do Futuro, a maresia segue corroendo eletrodomésticos, componentes da construção (ferro das vigas e pilares), postes de iluminação pública, fiação de energia de ruas, placas de trânsito, carros, computadores, dentre outros. A maresia toma o lugar de “vilã” para a fraca ocupação da Praia do Futuro. Assim, “considerada uma das áreas mais atingidas pela maresia no mundo, a Praia do Futuro está ficando inviável como projeto imobiliário e transforma-se cada vez mais em um bairro de fim de semana”. (MAREZIA..., 2000).



Foto 29 – Edifício da Praia do Futuro passando por reforma por ter sua estrutura comprometida pela maresia.
Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com> (Foto de Kid Júnior)

De acordo com estudos do Centro de Pesquisa da Eletrobrás (CEPEL), Fortaleza possui o segundo maior índice de poluição salina do mundo, também conhecida como maresia, ficando atrás apenas da região do Mar Morto, em Israel (MAREZIA..., 2000). Esta matéria do jornal Diário do Nordeste de 14 de maio de 2000 fala desta questão e acrescenta outros detalhes:

De acordo com a Gerência de Comunicação da Coelce¹⁶, na Praia do Futuro, a taxa de corrosão é altíssima e o índice de maresia é de 1.832 mg/m³/dia. “Isso obriga a Coelce a utilizar tecnologias especiais, como ferragens em liga de alumínio, que chegam a custar o dobro do que é utilizado em áreas não atingidas pela poluição salina”, explica a Gerência. A vida útil de um poste, normalmente em torno de 25 a 30 anos, ali na Praia do Futuro é reduzida para 2 ou 3 anos, cerca de 10% apenas. “A corrosão também atinge os transformadores e demais equipamentos do sistema elétrico, que têm que passar por um processo de manutenção constante, a partir dos dois anos de uso, quando deveriam durar pelo menos 20 anos”, conclui o comunicado enviado pela Coelce. (Ibid., 2000).

Na maioria dos prédios, as pessoas já desistiram de instalar aparelhos de ar-condicionado e os pontos destinados à colocação destes estão fechados. Os postes apresentam rapidamente sinais de corrosão e as portas dos elevadores também mostram as marcas da destruição. É raro o edifício que não tenha passado ou não esteja passando por uma reforma geral por causa dos estragos da maresia.

Segundo Costa (2005, p. 89), “a Praia do Futuro ainda tem ocupação rarefeita. Nela permanecem muitos vazios urbanos, pois a excessiva maresia prejudica as construções e corrói os metais”. Considerando que a corrosão de materiais continua causando problemas para comerciantes e moradores da Praia do Futuro, está sendo realizado um estudo científico, iniciado em 2001, para tentar ajudar as pessoas a combaterem os efeitos da maresia.

O projeto, intitulado “Corrosão e Degradação Atmosférica de Materiais Elétricos”, foi destaque na matéria do jornal Diário do Nordeste de 21 de outubro de 2003 e tem como missão definir o grau de agressividade do desgaste e degradação de materiais na área da Praia do Futuro.

Esta pesquisa sobre a maresia na Praia do Futuro está sendo desenvolvida pelo Núcleo de Tecnologia Industrial (NUTEC) e pelo Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC), tendo como objetivo melhorar as especificações e

¹⁶ Companhia Energética do Ceará

padronizações no uso de materiais expostos à maresia, aumentando a vida útil deles e reduzindo os efeitos da corrosão. O estudo, que custará R\$ 1,6 milhão, tem duração de cinco anos, sendo custeado pela Companhia Energética do Ceará. (ESTUDO..., 2003).

Mito ou constatação, a maresia da Praia do Futuro continua a interferir no uso e ocupação do solo, embora este aspecto não seja o único responsável pela situação imobiliária em que se encontra esta praia.

Mesmo com a incipiente verticalização e ocupação por edificações, podem ser registradas atualmente na Praia do Futuro algumas construções de prédios comerciais e alguns edifícios multifamiliares, demonstrando que o bairro, apesar de todos os problemas apresentados, continua a crescer.

Estas construções estão sendo feitas na área mais próxima às barracas de praia e são direcionadas mais especificamente à reconstrução de barracas, reforma e/ou ampliação de bares e restaurantes e à construção de pousadas e hotéis para atender a demanda turística no local.



Foto 30 – Exemplo de área em construção na Praia do Futuro I
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)

Outro aspecto que pode favorecer a retomada da construção do setor imobiliário na área da Praia do Futuro é a construção da ponte sobre o rio Cocó que ligará esta praia à da Sabiaguaba.

Desconsiderando uma série de conseqüências ambientais que podem vir a ocorrer na área, dentre elas a erosão da Praia do Futuro, a Prefeitura Municipal iniciou a construção da ponte, muito embora já tenha sido por diversas vezes paralisada por conta de decisões judiciais que impedem de a obra continuar. A maioria das paralisações decorre, além da escassez das verbas, pela falta do licenciamento expedido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em virtude de alterações feitas no projeto inicial.

Segundo Costa (2005, p. 89), “a ponte sobre o rio, cuja construção foi iniciada em 2003, ligando a Praia do Futuro à Sabiaguaba, facilitará o acesso ao Porto das Dunas e Prainha (Município de Aquiraz) e valorizará a área da foz do rio Cocó, alterando a dinâmica espacial”.



Foto 31 – Canteiro de obras da ponte sobre o rio Cocó
Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com> (Foto de André Lima)

Assim, a expansão urbana do litoral de Fortaleza segue caminho, agora em busca de novas áreas. Com a finalização da ponte sobre o rio Cocó, a praia da Sabiaguaba ficará mais próxima, principalmente para os que moram nas proximidades da margem esquerda do rio, favorecendo a ampliação e incorporação urbana para esta área. Com isso, o manguezal do estuário do rio Cocó encontra-se ameaçado com a continuidade das ações antrópicas.

Conforme Ximenes (2004) grandes áreas vazias marcam o território da Secretaria Executiva Regional VI (SER VI). Ao mesmo tempo em que a Cidade cresce em direção à zona leste, um sinal amarelo se acende, pois, com a construção da ponte sobre o rio Cocó, vão aumentar o fluxo de pessoas e carros e a quantidade de construções na região. A obra, orçada em R\$ 6 milhões, será complementada com três avenidas: Sabiaguaba, Paisagística e Litorânea. A finalidade é facilitar o acesso ao lado leste da Cidade, que hoje só é possível por meio da Precabura. (Ibid.).

Ximenes (Ibid.) destaca o alerta do doutor em Geografia Física, Prof. Jeovah Meireles, quando explica o que poderá ocorrer nesta área caso sejam concluídas as obras da ponte:

A ponte irá bloquear a entrada de areia no mangue. Conseqüentemente, afirma, bancos de areia que se deslocavam em direção à Praia do Futuro serão reduzidos, ocasionando a médio e longo prazo a erosão da costa. "O mar vai invadir a área construída. Vai acontecer na Praia do Futuro o mesmo que ocorreu na Caponga, Icarai, Iparana", avalia.

A pressão de especuladores imobiliários nesta área é intensa. Como o trecho da Praia do Futuro não deu o retorno financeiro esperado quanto à valorização dos imóveis, amplia-se a necessidade da Cidade continuar crescendo para o leste. Cedendo a esta pressão, o Poder público passa a fornecer os meios necessários a esta expansão (energia, avenidas, e a própria ponte) sem a devida atenção para os recursos naturais – mangues, rios, lagoas, dunas – existentes na área.

Portanto, entender a dinâmica do uso e ocupação do solo na Praia do Futuro é um grande desafio. O mais cômodo seria recorrer ao discurso dos altos níveis de salinidade da praia ou à presença de favelas no seu entorno. Acredita-se, porém, que o baixo nível de ocupação, verticalização e aproveitamento dos espaços da Praia do Futuro ocorrem por motivos mais profundos e não somente em razão de questões mais aparentes. Não encontrando ainda elementos para o aprofundamento desta questão, o desafio está posto, podendo ser tema para outro ensaio.

3.1.3 As “personagens” nas areias da praia

Para dar continuidade à análise da maritimidade na Praia do Futuro, torna-se fundamental destacar a existência de algumas das personagens encontradas nas areias da Praia do Futuro: turistas, freqüentadores locais, vendedores ambulantes e barraqueiros.

Neste estudo da maritimidade na Praia do Futuro, não será enfocada a relação, com o mar, dos pescadores ou pessoas vinculadas às atividades pesqueiras, que inclusive estão com suas atividades praticamente encerradas nesta área, mas serão destacadas as relações estabelecidas entre os freqüentadores desta praia em sua busca por lazer, seja pelos banhos de mar ou de outras atividades vinculadas à área.

Cabe lembrar que falar em maritimidade é discutir também as íntimas relações, inclusive as simbólicas, que as pessoas estabelecem com o mar ou com o ambiente litorâneo. Dessa forma, todos os que estão vinculados direta ou indiretamente às atividades relacionadas ao mar podem ser estudados por meio da maritimidade.

Os elementos que constituem o aspecto socioespacial da Praia do Futuro se inserem na discussão da maritimidade à medida que apresentam um conjunto de relações com o ambiente litorâneo da Praia do Futuro. Esta relação com o mar, mesmo de forma indireta, insere-se nas práticas marítimas modernas, pois o fator motivador da existência e/ou permanência de inúmeras atividades na área é a existência do mar.

Dentre as personagens que compõem o quadro da maritimidade na Praia do Futuro, pode-se mencionar, ainda, os donos das luxuosas mansões, os moradores dos prédios residenciais de classe média, os habitantes das favelas, os residentes mais antigos do bairro, os freqüentadores dos clubes, os hóspedes dos hotéis, os trabalhadores de forma geral, dentre outros transeuntes. Destacar-se-ão neste momento aqueles que praticam sua atividade de maneira mais próxima ao mar, ou seja, entre a faixa de praia e o pós-praia, onde se localizam as barracas.

Os turistas encontrados na Praia do Futuro, mesmo sendo pessoas de permanência transitória, contribuem de maneira significativa para a constituição desse espaço, pois são elementos importantes para sua dinâmica e organização espacial. Muitos dos equipamentos instalados na praia e as melhorias feitas nas barracas têm como objetivo central a satisfação deste público.

O período da alta estação turística em Fortaleza concentra-se basicamente nos meses de julho, dezembro e janeiro. Estes também correspondem às férias escolares no Brasil, momento em que muitas famílias buscam as praias de Fortaleza para a prática das atividades de lazer. Para Dumazedier (1976, p. 147), “as atividades ligadas às férias são talvez as mais importantes dentre as atividades de lazer, devido à sua duração e a sedução que exercem”.

Afirma ainda, este autor (Ibid., p. 147) que “de modo geral, nas férias é mais fácil, do que em outros períodos de lazer, descansar, sair do lugar em que se mora e encontrar oportunidades para uma livre expansão individual e social”.

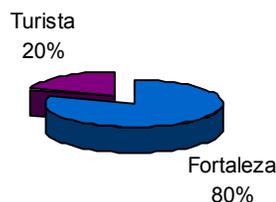
Durante a pesquisa, foram aplicados alguns questionários para os freqüentadores da Praia do Futuro. Foi coletada uma amostra aleatória de sessenta pessoas, sendo trinta questionários aplicados na alta estação (julho de 2005) e os outros trinta no período da baixa estação (outubro de 2005). Na escolha da amostra, levou-se em consideração os que se encontravam nas barracas ou transitando pela areia da praia, sem perguntar inicialmente se o freqüentador era turista ou não. Esta informação foi adquirida no decorrer dos questionamentos, quando era solicitado o município de residência do entrevistado.

As informações obtidas por intermédio destes questionários foram fundamentais para o desenvolvimento de muitas idéias aqui apresentadas, além de ter sido um momento muito importante para as conversas informais com as pessoas que lá se encontravam, o que possibilitou a descoberta de vários elementos até o instante não inseridos na análise.

Ao revelar suas impressões sobre a Praia do Futuro, os freqüentadores puderam reivindicar, indignar-se, reclamar e até mesmo elogiar muitos aspectos relacionados à situação atual da praia, enriquecendo assim esta discussão.

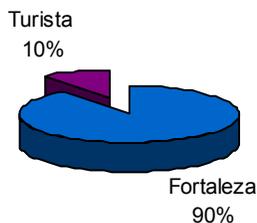
Como resultado, o total da amostra revelou que 80% dos entrevistados no período da alta estação moravam em Fortaleza e apenas 20% eram turistas vindos de outros países e estados brasileiros. O gráfico I apresenta este quadro, fato importante na constituição dos elementos inerentes à maritimidade da Praia do Futuro, quando se constata a grande presença dos fortalezenses nesta praia. Assim, a Praia do Futuro se revela de fato um local onde a busca do fortalezense por lazer é muito marcante. Alia-se a isto o momento das férias escolares na Cidade, motivando inúmeros destes freqüentadores a se dirigirem a este espaço litorâneo.

GRÁFICO I
Procedência dos frequentadores na
Praia do Futuro (julho de 2005)



Um fato interessante vai se revelando com a continuidade da análise. No Gráfico II, verifica-se que 90% dos entrevistados na baixa estação residem em Fortaleza e apenas 10% são turistas, concluindo-se, portanto, que os moradores de Fortaleza são os grandes responsáveis pela continuidade e sustentação das atividades de lazer desenvolvidas na área da Praia do Futuro, pois, na baixa estação, permanece o grande número de fortalezenses em comparação ao número de turistas.

GRÁFICO II
Procedência dos frequentadores na Praia do
Futuro (outubro de 2005)



Compreende-se que é o morador da própria Capital cearense que dinamiza as atividades econômicas na Praia do Futuro, enquanto a atividade turística, sempre vista como o grande “filão” deste espaço revela uma dinâmica diferenciada de outros lugares de Fortaleza, como na avenida Beira-Mar. Nessa área, o turismo de negócios e o turismo de forma geral, aliado às outras atividades econômicas lá desenvolvidas, proporcionam um movimento constante de pessoas.

Na Praia do Futuro é diferente, pois é o fortalezense que, na busca por lazer, diversão, *shows* etc. no dia-a-dia da praia, proporciona a continuidade do movimento, dando sentido à permanência das barracas no local.

Outro questionamento feito aos freqüentadores referiu-se às motivações que os levaram a procurar o espaço da Praia do Futuro. As respostas obtidas foram bastante diversificadas, dentre as quais as mais citadas foram: por ter melhor infraestrutura, boa qualidade da água, para comer caranguejo, por ter fácil acesso, por ser bem freqüentada, pela proximidade com os outros bairros, por ser a melhor praia de Fortaleza, por ser boa para o *surf*, para caminhar, pela estrutura das barracas, por ter espaços para crianças, pelas atrações de lazer, para encontrar os amigos, por ser agradável, por indicação, para jogar futebol de areia, pelo costume de vir a esta praia, para paquerar, para trazer a família, porque mora perto da praia, dentre outras semelhantes a estas.

A resposta “por ser bem freqüentada” ou “por ser mais selecionada” chama a atenção na análise das motivações que levam estas pessoas à área da Praia do Futuro. Respostas aparentemente comuns podem revelar o grau de segregação que se desnuda nas areias desta praia.

A seguir a descrição de Linhares (1992, p. 300; 303) sobre o que ele encontrou na Praia do Futuro quando de sua “andança”, como ele mesmo classifica, da Barra do Ceará até a Praia do Futuro:

Ali, na primeira fase da Praia do Futuro, onde a urbanização planejada ainda não deitou raízes, vemos um conjunto de barracas dispostas de forma sucessiva; lá, a freqüência humilde prenuncia instantes normais, gostos simples, emoções cruas, ao som de velhas canções populares. [...] Se avançarmos na Praia do Futuro em direção ao rio Cocó, vamos percebendo não mais um padrão social único, mas a diversidade que se instala. A multiplicidade de grupos, de tribos, é que determina a ambiência de cada espaço (a música, as modas, as falas, as maneira de se deitar, se expor ao

sol). [...] O espaço aqui obedece à mesma ordem e se manifesta agressivamente, invadindo o espaço público em nome da extensibilidade de um ego grupal. Quem não obedece a esta comunidade por identidade ou por simpatia é convidado a se separar, pois o espaço foi privatizado, não em nome de uma empresa, em nome de um negócio específico, no caso o restaurante, mas em obediência às normas de uma comunidade emocional.

As pessoas que procuram determinadas barracas pela motivação “de ser bem freqüentada” formam “tribos”, domínios, espaços selecionados, divididos, onde impera a identidade com o grupo. Segundo Maffesoli (2006, p. 117), “fica entendido que ‘a identidade’ diz respeito tanto ao indivíduo quanto ao agrupamento no qual este se situa: é na medida em que existe uma identidade individual que vamos encontrar uma identidade nacional”.

As razões que levam as pessoas a se agruparem em tribos são aprofundadas por Maffesoli, em seu livro *O tempo das tribos* (2006), ao explicar que “as ‘tribos’ das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia despedida para a constituição do grupo como tal”. (MAFFESOLI, 2006, p. 164).

Para este autor “o homem não é mais considerado isoladamente. E mesmo quando admitimos, e eu teria tendência a fazê-lo, a preponderância do imaginário, não devemos esquecer que ele resulta de um corpo social e que, de retorno, volta a materializar-se nele”. (Ibid., p. 129).

Sobre este paradigma tribal, Maffesoli (Ibid., p. 166) explica que “é absolutamente estranho à lógica individualista. Na verdade, contrariamente a uma organização na qual o indivíduo pode bastar-se a si mesmo, o grupo não é compreensível senão no interior de um conjunto”.

Os freqüentadores passam a se identificar com determinados grupos de pessoas – jovens, famílias, roqueiros, forrozeiros¹⁷, homossexuais, surfistas etc. Esta identificação faz com que muitos destes grupos sempre se reúnam na mesma barraca de praia.

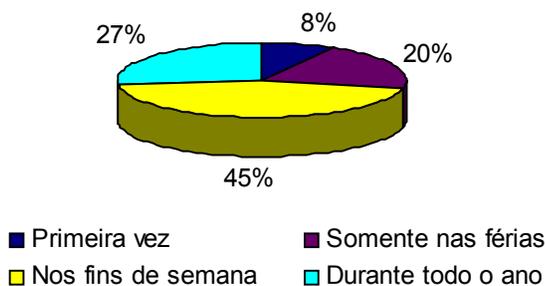
¹⁷ Expressão usada para chamar as pessoas que gostam de forró.

Para Maffesoli (Ibid., p. 148):

[...] os processos de atração e de repulsão se farão por escolha. Assistimos à elaboração do que proponho chamar *socialidade eletiva*. É verdade que esse mecanismo sempre existiu, mas, no que diz respeito à Modernidade, ele foi temperado pela restrição do político que faz intervir o compromisso e a finalidade, ultrapassando de muito os interesses particulares e o localismo.

Sobre o nível de frequência à Praia do Futuro, o Gráfico III mostra que 45% dos frequentadores vão à praia apenas nos finais de semana. Esta realidade mostra-se de forma bastante concreta com um simples passeio pela avenida Zezé Diogo nos dias da semana, quando se constata uma redução do número de veículos estacionados em frente às barracas.

Gráfico III
Nível de frequência à Praia do Futuro



Mesmo durante a semana, entretanto, alguns dos frequentadores responderam que vão à Praia do Futuro para almoçar, caminhar ou para comer a típica caranguejada¹⁸ cearense. Este deslocamento favorece algum movimento nas barracas. No sábado e domingo, o público aumenta consideravelmente, revelando a praia como uma opção importante para o lazer do fortalezense e também do turista que está na Cidade.

¹⁸ Prato típico da culinária cearense, sendo costume local servi-la às quintas-feiras.



Foto 32 – Av. Zezé Diogo durante a semana
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)



Foto 33 – Av. Zezé Diogo no fim de semana
Fonte: Ângela M. F. Silva (outubro de 2005)

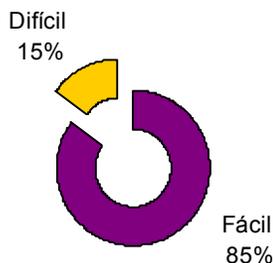
Com um movimento menor durante a semana, os barraqueiros necessitam, também, de um número menor de profissionais para o atendimento aos clientes. Em conversa informal com um garçom de uma das barracas, ele expôs que muitos deles são contratados pelos donos das barracas apenas para o sábado e o domingo no período de baixa estação e aqueles que se destacam no serviço e atendimento conseguem trabalhar durante todos os dias da semana quando chega a alta estação.

Embora seja nas férias e finais de semana a maior procura, muitas pessoas freqüentam a praia durante o ano inteiro. Assim, 27% dos freqüentadores entrevistados responderam que costumam ir à praia durante todo o ano, independentemente de férias ou fim de semana. Muitos afirmaram que freqüentam a Praia do Futuro nos períodos diurno e noturno.

Ainda com referência ao Gráfico III, 20% das respostas indicaram o período das férias como o momento em que aumenta a disponibilidade para freqüentar a Praia do Futuro. Com o ritmo intenso que envolve as pessoas no mercado de trabalho, o período de férias dos filhos ou das férias pessoais favorecem o deslocamento para a busca de lazer e descanso em lugares como a Praia do Futuro.

Quanto à facilidade de deslocamento na cidade de Fortaleza com destino à Praia do Futuro, pode-se apresentar o Gráfico IV, onde é revelada a opinião dos freqüentadores. Ao serem questionados sobre o acesso, 85% dos entrevistados consideraram fácil, enquanto apenas 15% acharam o acesso difícil.

Gráfico IV
Acesso à Praia do Futuro



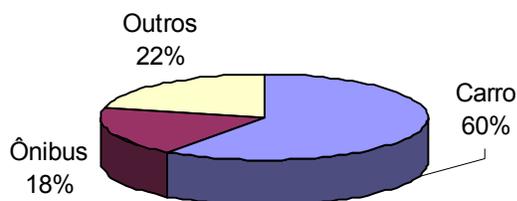
Segundo Sposito (1999, p. 23):

Em tese, os espaços coletivos são aqueles que poderiam ser partilhados por todos, mas apenas em tese, porque o acesso ao conjunto da cidade tem relação direta com o nível de poder aquisitivo, sobretudo em uma cidade estendida, cujos deslocamentos necessários no seu interior significam tempo e custos.

Analisando as respostas no Gráfico IV, pode-se retomar a reflexão de Sposito citada há pouco, quando diz que o deslocamento implica tempo e custos, dessa forma, isto pode ter contribuído de maneira decisiva para o resultado apresentado. No Gráfico V, é possível observar o meio de transporte utilizado para efetuar este deslocamento até a Praia do Futuro.

Nele verifica-se que 60% das respostas corresponde à utilização de veículo particular (carro) para chegar à praia. Apenas 18% deles responderam que utilizaram o transporte público e 22% outros meios de transportes, onde se incluem, vir a pé (para quem reside nas proximidades da praia), táxi, transporte alternativo, transporte da agência de viagem, carona, dentre outros. Muitas pessoas que consideravam fácil o acesso a esta praia relacionavam ao fato de poderem vir em veículo particular, enquanto os que falaram das dificuldades no acesso relacionaram a quantidade de ônibus que necessitaram utilizar e do tempo despendido para chegar à praia por conta da longa espera.

Gráfico V
Meio de transporte utilizado até à
Praia do Futuro



Outras personagens que enriquecem a análise da maritimidade na Praia do Futuro são os vendedores ambulantes, pessoas de grande movimentação na área, chegando muitas vezes a caminhar por toda sua extensão, vendendo seus produtos, presenciando e/ou vivenciando inúmeras situações que envolvem muitos das personagens aqui apresentados.

No período de alta e baixa estação, eles percorrem as barracas da praia à procura de clientes. São inúmeros os produtos vendidos e praticamente todos se relacionam às necessidades das pessoas que se encontram à beira-mar: óculos, viseiras, chapéus, protetor solar etc. Assim, utilizando-se do local em que se encontram, pela exposição aos fortes raios solares e à água do mar, eles ganham o sustento com a venda de seus produtos.

A presença destes vendedores é maior no período de alta estação. Eles se concentram principalmente na faixa de praia e nas barracas onde é maior o número de pessoas. Mesmo sendo uma atividade discriminada por alguns freqüentadores e reprimida por muitos barraqueiros, ainda encontram espaço para a continuidade de suas atividades quando muitas pessoas se mostram interessadas por seus produtos.

Tratando dos conflitos ocasionados pela presença dos vendedores ambulantes na Praia do Futuro, Ximenes (2004) diz que:

Uma verdadeira batalha vem sendo travada nas areias da praia do Futuro. De um lado, vendedores ambulantes e donos de barracas. No meio do embate, os freqüentadores do local. Os proprietários dos estabelecimentos reclamam que o comércio informal prejudica as vendas e garantem que a prática afugenta os banhistas. Os ambulantes defendem-se, argumentando que precisam trabalhar. E muitos freqüentadores se dizem incomodados com o assédio dos vendedores.

O trabalho de fiscalização destes profissionais por parte dos órgãos competentes torna-se complicado em virtude da própria natureza do trabalho, pois estão em constante ir-e-vir ao longo de toda a praia.

Em muitos momentos da aplicação dos questionários com os freqüentadores da praia, esta pesquisadora foi por diversas vezes abordada pelos vendedores ambulantes que ofereciam óculos, saídas de praia, chapéus, bronzeadores, redes, cd's, dvd's, trabalhos artesanais, churrasco, queijo assado e muitos outros produtos.

Os ambulantes caminham desde o início da manhã até o pôr-do-sol, com muita disposição, pois disto dependem seus rendimentos. Eles próprios divulgam seus produtos, fazendo da alegria e bom humor o *marketing* pessoal para o sucesso das vendas. Durante os trabalhos de campo, um destes vendedores afirmou que, por estar desempregado e morar perto da praia, resolveu vender produtos ali.

Outras personagens que entram em cena no contexto da Praia do Futuro são os donos das barracas, considerados determinantes para a modificação da paisagem. Eles já foram por diversas vezes colocados na mídia cearense como os “vilões” da praia. Esta situação lhes era imposta em razão das precárias condições de higiene e serviços em seus estabelecimentos comerciais, oferecidos aos freqüentadores no início da procura pela praia. Com o empenho destes comerciantes para a melhoria destes estabelecimentos, foram ganhando crédito com os freqüentadores ao passar dos anos.



Foto 34 – Barraca de praia ganha prêmio numa importante revista do país
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

3.2 A Praia do Futuro na lógica do lazer e do turismo

Para compreender os processos inerentes à construção da maritimidade no espaço da Praia do Futuro em Fortaleza, é fundamental trazer à análise as transformações ocorridas neste espaço do litoral do Ceará após sua inserção no circuito do turismo nacional e internacional. Para tanto se faz necessário entender a atividade turística como produtora, transformadora e consumidora do espaço.

O turismo em Fortaleza se tornou importante vetor de crescimento econômico do Município, em termos de oferta de emprego e ensejo de renda. Segundo Silva (2002, p. 129):

A requalificação urbana experimentada por esta Fortaleza, múltipla, singela e sofisticada, tradicional e moderna, vincula-se intimamente ao turismo, fonte recente de geração de emprego e renda com grande inversão de capital em infra-estrutura capaz de ampliar a atividade e consolidar a posição da capital no intrincado e competitivo ranking dos principais destinos turísticos do país.

No Estado do Ceará o turismo vem se intensificar a partir de políticas de planejamento que busca maior crescimento para essa atividade. Diz Rocha Junior (2000, p.16) que:

A fase do turismo planejado no Ceará, que tem seu início no final na década de 1980, parece estar articulado com o chamado processo de globalização – um presumível estágio do capitalismo, que se cristaliza na década de 1970 e promove a expansão da forma mercadoria pelos quatro cantos do mundo. Nesta 'nova' fase do capitalismo, o turismo aparece como uma das evidências significativas no que diz respeito à homogeneização de processos produtivos e organizacionais em todo o mundo.

Segundo Dantas (2002, p. 97), com Fortaleza agora vinculada ao turismo, “a imagem da *Cidade do Sol*, difundida pela imprensa escrita e televisionada, serve de suporte para comunicação de porte simbólico, transmissor de mensagem direcionada a grupo específico: os consumidores de praia”. Para esse autor, a formação de opinião por meio da publicidade/propaganda:

[...] suscita a construção de uma imagem de marca baseada nas vantagens climáticas. Procura-se, assim, construir uma imagem para difundir o processo de modernização, dado comprometedor da imagem trágica

associada ao imaginário social da seca e que impedia o desenvolvimento do turismo. (DANTAS, 2005b).

Analisando as mudanças ocorridas no espaço das cidades e na sua dinâmica social nos diz Silva (1999, p. 110) que “o sujeito social clássico e os novos sujeitos contidos num processo de emergência de novos valores impõe novos espaços para o cidadão, exigem novas análises”. Dessa forma, percebe-se que essa dinâmica espacial não pode passar despercebida e que essa análise deve ser efetuada a fim de que se possa ter maior compreensão dos processos atuantes na sociedade e no espaço geográfico em foco. Conforme Dantas (2005b, nota nossa):

A atividade turística, no final dos anos 1980, recebe especial atenção nas políticas de desenvolvimento adotadas pelos estados nordestinos. No cerne do PRODETUR-NE¹⁹, projeto de dimensão regional, são alavancadas políticas públicas de caráter local (Estadual) e evidenciadoras do turismo como atividade econômica associada à pauta de desenvolvimento da região. Grosso modo, o presente quadro destoa do preexistente, no qual a atividade turística era pouco explorada e não contemplada nas políticas de desenvolvimento econômico.

Silva e Cavalcante (2004, p. 145) expressam que, nos últimos anos, o Estado do Ceará “tem desenvolvido uma agressiva política de turismo na tentativa de se firmar nos roteiros nacionais e se inserir nas rotas internacionais. Fortaleza, além de ser o grande portão de entrada para o turismo no Estado, é a sua principal atração”.

Isto explica os investimentos nos planos nacional, regional e estadual para a valorização de áreas propícias ao desenvolvimento de atividade ligadas ao turismo e ao lazer, confirmando o que nos diz Moraes (1999, p. 43):

Notadamente a atividade turística ganha grande destaque quando se adota uma perspectiva de futuro. Em termos globais, é um dos setores produtivos que mais cresce na zona costeira na atualidade, revelando uma velocidade de instalação exponencial. Fato que pode ser atestado na preocupação estatal brasileira de fornecer suporte para o setor, com a elaboração de planos de construção de infra-estruturas e investimentos, que qualifiquem o litoral brasileiro numa maior atração dos fluxos internacionais.

Segundo Lima (2005), o planejamento turístico pauta-se “no discurso de que o turismo é uma das atividades de maior crescimento em nível mundial, tornando-se responsável por um percentual significativo da população

¹⁹ O Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR-NE) é a maior expressão das políticas direcionadas voltadas ao turismo na região.

economicamente ativa”. Diz ainda que “tal fato ocorre, principalmente, pela atividade requerer uma série de serviços para a sua realização, sendo, dessa forma, apresentada como uma possibilidade de geração de emprego, renda e divisas”. (Ibid.).

O objetivo do planejamento turístico, entretanto, não se concretiza em todos os lugares que desenvolvem estas atividades, pois muitos dos moradores nas proximidades destes lugares turísticos não conseguem se integrar ao mercado de trabalho, ocasionando uma série de conseqüências sociais.

A política de turismo empreendida no Ceará e, mais especificamente, em Fortaleza, favoreceu a concretização destas modificações socioespaciais, além de ter fomentado as condições de infra-estrutura para o atendimento do fluxo turístico nacional e internacional. Isto se vincula à globalização dos lugares, pois, para atender à demanda turística na zona costeira cearense, “necessário torna-se construir lugares de recepção e vias de distribuição do fluxo turístico, assim como investir noutros domínios: energia, telefonia, serviços sanitários etc”. (DANTAS, 2002, p. 90).

Para Dantas (Ibid., p. 84), “o movimento de constituição da cidade direcionado para a zona costeira inscreve-se, em lógica constante no Plano de Mudanças do governo do Estado, suscitando forte intervenção em dois grandes domínios: o da indústria e o do turismo”. É para esta porção do território cearense que se direciona a maioria das políticas públicas desenvolvidas nos âmbitos federal, estadual e municipal.

Os governantes de muitas cidades do Nordeste brasileiro entram na disputa por investimentos financeiros e atração de turistas, numa desenfreada competição, desviando a atenção do Poder público para o investimento em serviços básicos para o bem-estar da população. Isto se reflete na contínua necessidade de possuir um diferencial de atratividade com relação às capitais nordestinas.

Este refere-se a apresentar, para os turistas nacionais e estrangeiros, praias despoluídas, segurança, hospitalidade, culinária, artesanato, atendimento com qualidade, higiene, preços e qualidade dos produtos e serviços mais atrativos,

dentre outros aspectos. Todos estes itens fazem parte de uma positiva política de turismo, contanto que não sejam deixados de lado os investimentos em outros importantes setores da Cidade.

Com a implementação dos investimentos neste setor da economia ocorrem “[...] rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado ‘setor de serviços’”. (HARVEY, 2004, p.140). Os serviços oferecidos pelas atividades ligadas ao turismo e ao lazer em Fortaleza refletem bem este momento que Harvey evidencia.

No entendimento de Coriolano (2004, p. 26), o turismo é uma atividade que resulta “da expansão e acumulação ampliada do capital, da evolução do modo de vida, da própria civilização, que foi criando e sofisticando a indústria, as técnicas, os transportes, o comércio, a propaganda, os serviços e as formas de lazer”.

A transformação dos espaços para fins turísticos reflete o momento atual, quando a acumulação flexível²⁰ dita as regras do mercado e a necessidade de apropriação de novos lugares para expansão do consumo. Assim, criam-se cada vez mais mercadorias, produtos e serviços ligados a esta atividade, fortalecida pelas estratégias, políticas e ações no setor.

O turismo, fenômeno da sociedade atual, contribui para o dinamismo da economia mundial e, no caso específico da cidade de Fortaleza, colabora ativamente para a vitalidade da economia local, apesar de produzir inúmeras polêmicas sobre a forma como se desenvolve em algumas partes do espaço cearense. Seguindo na direção desta análise, muitos destes lugares, apoiados na

²⁰ “A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”. (HARVEY, 2004, p. 140).

força reestruturadora do capital mediante a atividade turística, parecem ser tocados pelo poder de Midas²¹.

Adverte Moraes (1999, p. 17) para o fato de que a extrema valorização dos espaços litorâneos e as vantagens adquiridas das atividades econômicas incidem “sobre a maior reserva de recursos do planeta, que tem seu aproveitamento cada vez mais regulado por normas internacionais, o que evidencia o seu grande valor estratégico”.

Assim, a diversidade natural que compõe a paisagem litorânea do Ceará se transforma em fonte de atratividade para a atividade turística. As belezas ao longo de sua costa, o clima ameno e os muitos dias de sol servem para a elaboração de um cartão-postal ideal para as campanhas de atração de turistas, que todos os anos chegam ávidos por conhecer os “verdes mares” do Ceará.

Conforme Rodrigues (1999, p. 129-130):

Bombardeado pelos apelos da multimídia o indivíduo é seduzido pelas operadoras e agências de viagem, que apoiadas nos progressos técnicos e nas facilidades do crédito oferecem pacotes turísticos a preços módicos e amplamente financiados para qualquer parte do planeta. A viagem é imposta aos indivíduos como uma das necessidades básicas do homem. Em última análise é uma necessidade “fabricada” pela sociedade de consumo de massa.

Inserida nas razões da reprodução do capital por intermédio da atividade turística, a Praia do Futuro surge como lugar turístico²², absorvendo boa parte dos investimentos públicos e privados que buscam dinamizar e consolidar esta atividade na Capital cearense. Conforme Cruz (2003, p. 8), “nenhum lugar turístico tem sentido por si mesmo, ou seja, fora do contexto cultural que promove sua valorização, em um dado momento histórico”.

²¹ Conta Russell (1957, p. 52) que Midas era um “ilustre rei, porque gostasse, excessivamente, do ouro, conseguiu que um deus lhe desse o privilégio de transformar nesse metal tudo quanto ele tocasse. A princípio o rei ficou maravilhado; ao verificar, porém, que todo alimento com que desejava nutrir-se se transformava nesse metal, antes que ele o houvesse engolido, começou a sentir-se seriamente molestado; e, quando viu, transformada em ouro, a filha, que beijara, de tal modo ficou horrorizado que pediu aos deus que a recebesse, porque lhe restituía, de logo, sua dádiva. Desde aquele momento certificou-se ele de que o ouro não era coisa única que tinha valor”.

²² Conforme Cruz (2003, p. 7) “lugar turístico é uma expressão utilizada para se referir a lugares que já foram apropriados pela prática social do turismo, como também a lugares considerados potencialmente turísticos”.

Ao tratar do mito sobre a vocação para lugares turísticos e a determinação destes mesmos lugares, Knafou (1994 apud BENEVIDES, 1998, p. 53) assegura que a turistificação dos lugares:

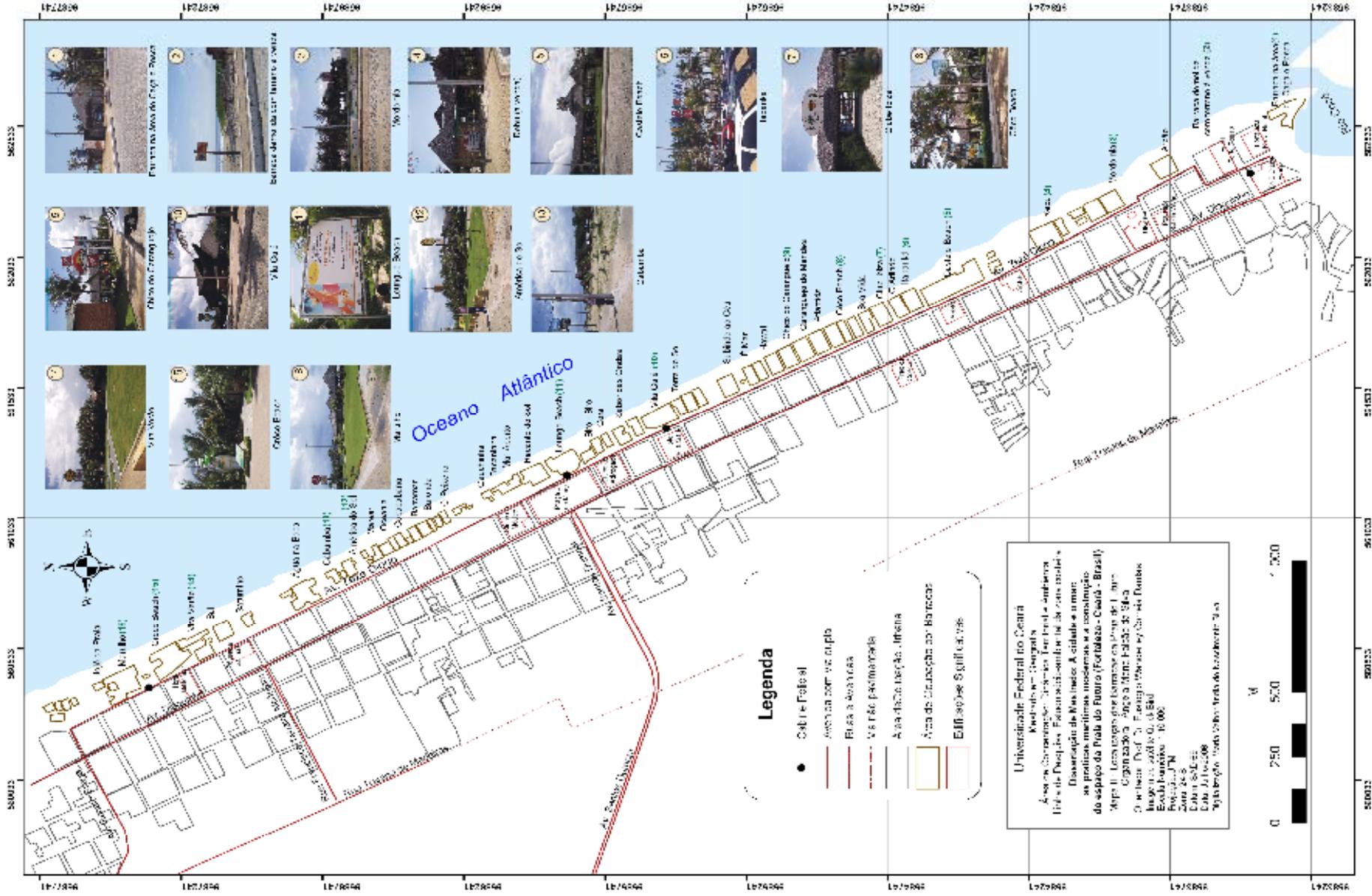
[...] ao contrário de uma vocação natural – é decorrência da instalação de infraestrutura neles e de novas produções de imagens sobre os mesmos, a partir de um olhar inicial para eles lançado, pré-existent fisicamente, conferidor de outras representações e visualizações.

A Praia do Futuro, então, está envolvida nas políticas de desenvolvendo do turismo que se propagam no Estado e no País, reproduzindo as razões do capital financeiro e fortalecendo o ritmo das atividades econômicas mundiais.

3.2.1 As barracas entram no debate

Na Praia do Futuro, os turistas buscam “sol e mar”, além dos encantos proporcionados pelas belezas das terras cearenses. Os freqüentadores locais procuram um espaço de lazer e entretenimento, haja vista sua facilidade de acesso. Assim, em busca das belezas do litoral e das diversas atrações e serviços presentes na Praia do Futuro, como as barracas incrementadas com música ao vivo e grande variedade de comida e bebida, muitas pessoas se dirigem para aquela que é tida como a praia mais freqüentada no perímetro urbano de Fortaleza.

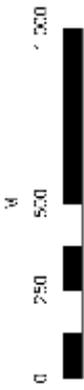
No início da ocupação, nas décadas de 1960-1970 as barracas tinham forma de palhoças, construídas com madeira e palha de carnaúba. Localizavam-se onde hoje se encontra a avenida Zezé Diogo, serviam de suporte aos banhistas, para abrigá-los dos raios solares. Atualmente, as barracas procuram oferecer aos freqüentadores uma grande variedade de opções de lazer, sendo inúmeros os serviços, que objetivam manter os freqüentadores o maior tempo possível nestes estabelecimentos. O Mapa III (p. 131) mostra com detalhes a localização e a caracterização de algumas destas barracas.



Legenda

- Calte Feito!
- Área em obra ou ruínas
- Rua a ser criada
- Via não pavimentada
- Área de Circunscção do Bairro
- EIM - Espaço Significativo

Universidade Federal do Ceará
 Instituto de Geografia
 Área de Pesquisa: "Análise Territorial - Ambiente
 Urbano - Pesquisa, Planejamento e Gestão do Espaço Urbano"
 Dissertação de Mestrado: A cidade e o mar:
 as práticas marítimas modernas na reconstrução
 do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza - Ceará - Brasil)
 Autor: Leonardo de Barros e Silva
 Orientador: Prof. Dr. Fernando de Azevedo
 Instituto de Geografia, UFCE
 Fortaleza - CE, Brasil
 2012



Com o início da construção da avenida Zezé Diogo, em 1976, as barracas foram transferidas para a área mais próxima do mar e atualmente apresentam grande estrutura. O crescimento dos estabelecimentos comerciais da área, principalmente nas barracas de praia ocorreu na tentativa de manter a frequência das pessoas de maior poder aquisitivo.



Foto 35 – Deslocamento das barracas em direção ao mar por conta da construção da avenida Zezé Diogo (foto de 1984)
Fonte: www.diariodonordeste.globo.com

As barracas buscam inovar e/ou substituir o aparentemente desgastado banho de mar mediante a implementação de outros atrativos, procurando chamar a atenção do visitante. Nem todas, no entanto, possuem grande infra-estrutura, existindo inclusive muitas que não conseguiram manter a clientela e acabaram fechando. Mesmo com os melhoramentos das barracas, algumas ainda permanecem com o aspecto das antigas palhoças, favorecendo grande diferenciação estética destas construções, pois a grande maioria já foi reformada utilizando os materiais da alvenaria convencional – tijolo, cimento e ferro.



Foto 36 – Barraca fechada e tomada pela areia (PF I)
Fonte: Ângela M. F. Silva (junho de 2006)



Foto 37 – Barraca de grande infra-estrutura (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

Muitos barraqueiros construíram estruturas de certa forma definitivas, como piscinas, quiosques, tendas e a própria estrutura da barraca, por acharem que nunca seriam pressionados a deixar este local, embora a retirada das barracas tenha sido motivo de muita polêmica nos últimos anos em Fortaleza.

Da certeza da permanência à dúvida quanto ao futuro que teriam, as barracas da Praia do Futuro entraram no debate sem saber ao certo as medidas que serão tomadas quanto à sua continuidade ou não no local onde se encontram. A matéria do jornal O Estado, de 09 de fevereiro de 2006 a seguir, resume a ação requerida pelo Ministério Público contra estes estabelecimentos:

No mês de novembro de 2005, o Ministério Público Federal (MPF) e a União Federal entraram com uma Ação Civil Pública na Justiça Federal contra o município de Fortaleza e 153 donos de barracas da Praia do Futuro. A ação pede a imediata remoção de todos os obstáculos que dificultam ou impedem o acesso da população à área de praia e a retirada de todos os estabelecimentos irregularmente instalados no local. Segundo o MPF, as barracas da Praia do Futuro estão na área de praia, utilizando o espaço público como se fosse uma propriedade. (MINISTÉRIO..., 2006)

As barracas se defendem da ação do Ministério Público Federal, contratando um advogado para representar a Associação dos Empresários da Praia do Futuro que não concorda com a retirada dos estabelecimentos. A matéria do jornal Diário do Nordeste de 24 de janeiro de 2006, acrescenta outros detalhes quanto a esta questão:

Inconformados com a decisão do Ministério Público de mandar retirar as barracas da Praia do Futuro, os empresários começam a reagir. O advogado Paulo Lamarão deu entrada na 4ª Vara da Justiça Federal com um pedido para que 35, das 154 barracas existentes no local não sejam removidas, pois se encontram protegidas por uma liminar até o julgamento deste caso. De acordo com o advogado, a situação das barracas na Praia do Futuro é bastante atípica, pois envolve aspectos culturais e econômicos de Fortaleza podendo causar grandes impactos no turismo local. Segundo o advogado, a defesa das 35 barracas está baseada no usucapião adquirido pelo tempo de permanência no local. *“Somos invasores do patrimônio particular. Temos direito ao usucapião”*, defende. O local, atualmente ocupado pelas barracas, pertenceu à família Diogo e foi bastante modificado, principalmente por não apresentar oficialmente a linha de preamar, que limita o território das barracas. O advogado lembra que a União, o Ministério Público e os barraqueiros fizeram um acordo para mudar a localização e avançar o limite da praia. *“Antes, as barracas estavam localizadas onde atualmente é a Avenida Zezé Diogo. Com o projeto para construir a avenida, todos as barracas tiveram que avançar para a praia. Hoje, o Ministério Público questiona isso. Como pode, se foi a União que autorizou isso na época?”*, destaca. (LIMINAR..., 2006).

Com o início desta disputa judicial pela permanência ou retirada das barracas da área onde se encontram, começaram a ocorrer situações extremas envolvendo as barracas: a) as barracas se supervalorizaram, algumas já estando avaliadas em milhões de reais; e b) foram abandonadas e pelo fato de não estarem em funcionamento, verifica-se um completo abandono por parte dos atuais proprietários.

A melhoria das barracas foi promovida pelo aumento do fluxo de pessoas na praia, momentos em que os empresários sentiram a necessidade de instalar novos serviços e nova estrutura a fim de não perderem sua clientela. Com o avanço dos investimentos na área da Praia do Futuro, os comerciantes, principalmente os donos das barracas, procuraram cada vez mais diversificar suas estruturas mediante temas, configurando-se o que hoje se evidencia na Praia do Futuro como “barracas temáticas”.



Foto 38 – Barraca com tema de castelo
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 39 – Barraca com tema tailandês
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

Existem barracas com tema de castelo, representando o mundo oceânico, barracas rodeadas de grama e coqueiros, barracas com quiosque de tecido no lugar da palha de carnaúba etc. Com isso, ocorre gradativamente a alteração da paisagem natural da praia com a inserção de elementos artificiais para a diversificação dos temas propostos pelas barracas. Muitas delas plantaram coqueiros artificiais, fazendo uma negação da paisagem natural da área, em virtude

da imposição da ideologia do “paraíso tropical” que é cheio de coqueiros, muito verde e com águas transparentes.

É observável a competição entre as barracas da Praia do Futuro, principalmente para sua diferenciação e diversificação temática, sendo difícil para as barracas de menor porte competirem com o nível de especialização e serviços oferecidos pelas maiores. Atualmente, a Praia do Futuro dispõe de 126 barracas, sendo 96 em funcionamento e outras 30 fechadas.

Quanto à distribuição espacial delas pode-se dizer que as de maior porte e estrutura encontram-se localizadas na Praia do Futuro II (rever Mapa III, p. 131). Nesta área, as barracas distanciam-se umas das outras por apenas alguns metros. Em alguns lugares da praia, para ter acesso ao mar, é necessário passar pelas barracas, pois não há espaço para a passagem dos pedestres entre elas.

De acordo com as normas oficiais de ordenamento da Praia do Futuro, a distância mínima entre as barracas deve ser de 15 a 20 metros, o que não ocorre na maioria delas. O trecho entre as barracas Castelo Beach e Chico do Caranguejo representa um daqueles onde a aglomeração de barracas é intensa, sendo a maioria de grande porte, inclusive com a presença de parque aquático para a diversão das crianças.

Na Praia do Futuro I, principalmente nas proximidades do bairro Vicente Pinzón, a realidade é completamente diferente. As barracas se encontram mais distantes umas das outras e muitas estão fechadas ou tomadas pela areia. Uma de grande porte que se destaca nesta área é a Croco Beach, possuindo duas piscinas, um toboágua, além de outros serviços.

Na área próxima ao rio Cocó, após a barraca Castelo Beach, a realidade é semelhante ao relatado no parágrafo anterior. Uma das barracas mais conhecidas da Praia do Futuro, a Rebu, está de portas fechadas e com placa de venda. Fato intrigante e que chamou a atenção durante a pesquisa foi uma barraca situada nesta área (fotos 40 e 41) que em julho de 2005 foi registrada em fotografia e em abril de 2006 em outro trabalho de campo estava demolida e com o terreno com placa de venda.



Foto 40 – Barraca funcionando em julho de 2005 (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 41 – Barraca demolida em abril de 2006 e com terreno à venda (PF II)
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

Com o aumento do número de freqüentadores no período da alta estação, o cenário da Praia do Futuro muda completamente. Em matéria do jornal O Povo de 08 de janeiro de 2005, é demonstrado, em aspectos gerais, como ficam as barracas desta praia:

Barracas lotadas de domingo a domingo. Esse é o cenário da Praia do Futuro desde o final de dezembro. Em alguns estabelecimentos, o movimento nesse período mais que duplicou, comparado ao ano passado. Muitas barracas se reestruturaram especialmente para essas férias, e a maioria teve que contratar mais funcionários para dar conta da demanda (XIMENES, 2005).

Alguns diferenciais nas barracas da Praia do Futuro atraem os freqüentadores, dentre os quais, rampas para usuários de cadeira de rodas, banheiro equipado para o portador de deficiência e acesso à Rede Mundial de Computadores (Internet). Com a instalação destes novos serviços e das modificações estruturais, os barraqueiros que eram bastante criticados no início da ocupação desta praia começam a ganhar notoriedade entre fortalezenses e turistas.

Portanto, além de mesas, cadeiras, caranguejo, peixe e cerveja, os estabelecimentos aderem a estes outros atrativos, tentando diversificar os serviços para conquistar a clientela. Segue um quadro-resumo com a maioria dos atrativos e serviços oferecidos em alguns desses equipamentos de grande porte da Praia do Futuro. Este quadro demonstra que as piscinas, toboáguas e a música ao vivo são os itens mais oferecidos nestas barracas.

Quadro I - Atrações de algumas barracas na Praia do Futuro

Barraca CocoBeach	Possui duas piscinas, um toboágua, dois banheiros infantis e um para deficientes físicos. Massagens, hidromassagens. Nos fins de semana e feriados, dispõe de brinquedos infláveis, touro mecânico, escalada, piscina de bolinhas, palhaços e mágicos. Aos sábados, buffet de feijoada.
Itapariká	Parque aquático com 300 metros quadrados de área, nove brinquedos e três piscinas (de 40, 60 e 80 centímetros de profundidade). <i>Playgrounds</i> . Música ao vivo às quintas-feiras, sábados e domingos.
Vila Galé	Possui uma piscina e parque infantil. Implantou 50 coqueiros em dezembro de 2004 e contratou seguranças. Na quinta à noite, buffet de mariscos.
Chico do Caranguejo	Dispõe de uma piscina, dois toboáguas, diversos brinquedos aquáticos e <i>playground</i> . Implantou 60 coqueiros em dezembro de 2004.
Atlantidz	Possui uma piscina infantil, <i>playground</i> e guarda-volumes.
CrocoBeach	Possui uma piscina, toboágua, sete chuveirões, dois <i>playgrounds</i> , restaurante e quiosques em estilo tailandês.
Marulhos	Possui <i>playground</i> e quatro chuveirões. Na quinta-feira à noite, há uma programação com MPB. Nesse dia, tochas e fogueiras reforçam a iluminação do local. As mesas são colocadas em um jardim. No sábado, feijoada com música regional e MPB.

Organizado por: Ângela M. F. Silva

Fonte: XIMENES (2005)

Assim, em busca de divertimento, lazer, descontração ou até mesmo trabalho, as pessoas vão ocupando as barracas situadas na orla marítima da Praia do Futuro, constituindo uma multiplicidade de territórios²³ e de usos. Assim, “fala-se de um espaço que pode se compor de diversos territórios, na medida em que diferentes indivíduos ou grupos sociais nele realizam suas atividades” (COSTA e ALMEIDA, 1998, p. 278).

Desse modo, podemos perceber como estes territórios diferenciados passam a “conviver” num mesmo espaço. Na Praia do Futuro, verifica-se a existência destes territórios, podendo-se destacar a característica seletiva e excludente da atividade turística na definição de áreas prestigiadas, onde são criados espaços de consumo, de uso praticamente exclusivo dos turistas, causando

²³ Segundo Souza (1995, p. 87) território são “relações sociais projetadas no espaço, que podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido, ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo”.

a segregação dos outros frequentadores que ficam à margem dos atrativos criados para o turismo.

Analisando a Praia do Futuro como espaço destinado à absorção de parte da atividade turística da Cidade, não se pode deixar de fazer uma reflexão sobre o uso de espaços públicos e privados para fins de lazer, pois, na dinâmica da vida urbana de Fortaleza, estes são cada vez mais requisitados.

Durante a realização dos trabalhos de campo, foi possível observar e registrar a delimitação das barracas por meio de cercas naturais e artificiais, exemplificando ações no sentido da privatização do espaço público. Assim, os espaços de usufruto do cidadão estão sendo, pouco a pouco, privatizados, surgindo espaços estritamente particulares, ao invés de continuarem sendo públicos. Obstáculos são erguidos em plena areia impedindo o livre acesso dos banhistas ao mar ou às outras barracas.



Foto 42 e 43 – Cercas delimitando a área das barracas na Praia do Futuro
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

De acordo com Sposito (1999, p. 25), “o público, compreendido como o que pode ser de todos, é muitas vezes visto como o que pode ser privatizado, porque está liberto da condição de ser propriedade de alguém”. Assinala, ainda, que:

[...] nos espaços públicos, mais do que nos privados, poderíamos encontrar a síntese entre os tempos longos, aqueles das transformações processuais e das rupturas históricas, e os tempos curtos, esses das práticas cotidianas e que podem ser medidos no calendário da vida humana, pois nesses

espaços estão contidas múltiplas possibilidades de usos e apropriações (Ibid., p. 27).

De acordo com o Art. 10 da Lei 7661 de 1988 (Anexo A), que institui o Plano de Gerenciamento Costeiro, “as praias são bens públicos de uso comum do povo, sendo assegurado, sempre, livre e franco acesso a elas e ao mar, em qualquer direção e sentido, ressalvados os trechos considerados de interesse de segurança nacional ou incluídos em áreas protegidas por legislação específica”. Esta lei estabelece, ainda, em seu Art. 10, parágrafo 1º, que “não será permitida a urbanização ou qualquer forma de utilização do solo na Zona Costeira que impeça ou dificulte o acesso assegurado no caput deste artigo”. (Ibid.).

No parágrafo 3º deste mesmo Art., é esclarecido o que se entende por praia nesta Lei: “entende-se por praia a área coberta e descoberta periodicamente pelas águas, acrescida da faixa subsequente de material detrítico, tal como areias, cascalhos, seixos e pedregulhos, até o limite onde se inicie a vegetação natural, ou, em sua ausência, onde comece um outro ecossistema”. (LEI 7661 de 1988 – Anexo A).

Segundo a matéria publicada no jornal Diário do Nordeste em 10 de fevereiro de 2003:

[...] O desordenamento na construção dos estabelecimentos fere normas do Patrimônio da União, responsável pela área, prejudica os próprios barraqueiros e só beneficia quem frequenta a parte urbanizada da área. Segundo a União, até 25% das barracas estão avançando sem controle sobre a praia. O permitido é que a área de ocupação na faixa de praia seja o dobro da área construída da barraca. De acordo com o gerente geral do Patrimônio da União no Ceará, João Afonso de Almeida Vale Júnior, nessa área concedida, o dono da barraca pode restringir a entrada de usuários com cobrança de ingresso ou demarcação do espaço, com exceção da parte de uso comum. “Na área construída ele pode colocar faixas de limitação, só não pode é cercar a praia”, diferencia. (ESPAÇO..., 2003).

Dessa forma, as barracas podem ser cercadas provisoriamente por algumas horas e somente com a autorização da Delegacia de Patrimônio da União (DPU) para a realização de eventos: assim eles podem acontecer de forma ordenada e também legal.

3.2.2 A incorporação de novas práticas de lazer – será o fim dos banhos de mar?

Os encantos da Praia do Futuro, aliados à beleza do ambiente litorâneo, chamam a atenção dos que se encontram nesta praia. Sua paisagem serviu, inclusive, como fonte inspiradora para a composição de uma música, intitulada *Maria do Futuro*, do compositor Taiguara, que incluiu no álbum *Viagem* esta composição que fala da paisagem desta praia, marcando, assim, o momento em que ele esteve em Fortaleza no início da década de 1970:

uhhhh... uhhhh...

*duna branca, lua imensa, Maria deita
nua e branda como as nuvens que a lua enleita
duas tranças, uma flor e Maria enfeita
suas mansas curvas cheias que a areia aceita*

*era noite de verão
vi o amor nasceu num sorriso seu
o luar me convidou
mar nos temperou e ela me envolveu*

*nessa rede ela prendeu
minha dor se viu, minha solidão
nessa rede eu vi nascer minha liberdade*

*tua rede, minha sede
e o amor te trouxe
quero ver o mar salgando teu seio doce
e em cadeias de amor puro
viver guardado
joga areias do futuro no meu passado*

“Maria do Futuro”
Composição de Taiguara

Em 1972, o compositor Ednardo escreve a música *Terral*, quando exprime o prazer de estar em Fortaleza: *eu venho das dunas brancas, onde eu queria ficar, deitando os olhos cansados, por onde a vida alcançar [...] A Praia do Futuro, o farol velho e o novo são os olhos do mar; são os olhos do mar; são os olhos do mar.*

Além das belezas naturais, as pessoas que se dirigem à Praia do Futuro são motivadas por uma série de fatores, destacando-se, também, e as diversas atrações incorporadas à área. As opções de lazer na Praia do Futuro foram se

diversificando, ao passo que também ocorriam mudanças sociais, econômicas, urbanas e culturais no contexto da cidade de Fortaleza.

Observa-se que diferentes motivações levam os freqüentadores à Praia do Futuro. Seria comum o mar ser o grande astro de um “domingo na praia”, quando os banhos de mar seriam a motivação principal que levaria tantas pessoas a procurar este espaço de lazer. A realidade observada, entretanto, apresenta-se de forma diferenciada em virtude das novas práticas de lazer e serviços incorporadas na área. A exemplo, pode-se mencionar os banhos de sol, a prática de esportes ao ar livre e o uso dos equipamentos e serviços oferecidos pelas barracas de praia – piscinas, toboáguas e chuveirões.

Estes novos serviços relacionam-se também às novidades oferecidas pelas barracas com a finalidade de atrair mais freqüentadores. Dentre eles, podem ser mencionados: sala virtual, salão de beleza, sorveteria, agência de viagens, música ao vivo, aluguel de toalhas, cama elástica, parquinho para crianças, piscina de bolinhas, lojas de conveniência, guarda-vidas da própria barraca, seguranças particulares etc. Em algumas barracas, os recursos da Internet são utilizados inclusive para disponibilizar em tempo real as imagens da barraca. Assim, quem está em casa ou no trabalho pode acompanhar como está a movimentação das pessoas.

Quanto às práticas de lazer, a motivação inicial que conduziu os freqüentadores até a Praia do Futuro foi a busca pelos banhos de mar, pois esta área não apresentava sinais de poluição e para ela deslocavam-se os investimentos do setor imobiliário de Fortaleza depois da metade do século XX.

Com o passar dos anos e a introdução de novas “modas” e costumes, outras práticas foram incorporadas na praia a fim de complementar os banhos de mar. Sendo palco de inúmeras festas, *shows* e eventos públicos, o local foi fortalecido e cristalizou-se como ideal para as atividades de lazer da população de Fortaleza e dos turistas que tencionavam tomar banhos de mar.

Com as mudanças de comportamento ocorridas na sociedade de consumo, esta prática marítima moderna na Praia do Futuro vai sendo complementada e agora ir à praia também significa bronzear-se, comer caranguejo,

fazer massagem etc. Com isso, ir à praia deixou de ser um lazer apenas para tomar banho de mar.

Além das opções de serviços oferecidos pelas barracas, ainda existem aqueles que estão instalados diretamente na areia da praia e que podem ser utilizados por qualquer freqüentador. A exemplo, destaque-se o bronzamento artificial, massagem relaxante, aluguel de pranchas de *surf*, dentre outros serviços.



Foto 44 – *Jet Bronze*
(bronzamento artificial com pistola automática)
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 45 – Tenda para massagem relaxante
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)

Segundo Padilha (2000, p. 36), “[...] o desenvolvimento do capitalismo tem exigido exatamente isso, uma “revolução de costumes”, de forma que os indivíduos estejam constantemente tendo que se adaptar às “novidades”, a novos modos de vida”. Afirma Maffesoli (2006, p. 134) que:

O culto do corpo, os jogos da aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador. Parafrazeando Simmel e sua sociologia dos sentidos, trata-se de uma cena que é “comum a todos”. A acentuação está menos no que particulariza do que na globalidade dos efeitos.

Os banhos de sol, consoante Dantas (2005a, p. 274) é “uma prática fundada na emergência de um novo parâmetro estético, centrada na idolatria de um físico perfeito e de um corpo bronzeado”.

Em virtude das condições naturais da Praia do Futuro, principalmente com relação às condições de vento e quantidade de ondas, a praia é utilizada para a realização de campeonatos de atividades esportivas vinculadas ao mar. Campeonatos de *surf*, *kind surf*, *body boarding*, pouso de asa delta e pára-quedismo

estão entre alguns dos que se realizam na praia. Atividades esportivas informais também são praticadas à beira-mar, como frescobol, *cooper* e futebol de areia, fazendo da Praia do Futuro um espaço de intensa atividade esportiva.



Foto 46 – Futebol de areia
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 47 – Frescobol
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)

Mesmo que o contato com o mar continue presente nos dias atuais, outros elementos foram incorporados a ele. Um exemplo são os esportes náuticos, como o *surf* e o *windsurf* e a pesca esportiva, que mantêm o homem em contato com o mar, mesmo associado a outros tipos de uso e não apenas o banho de mar em si. Assim, os banhos de mar, tão atraentes e motivadores nos anos de 1960 e 1970 vão aos poucos sendo acrescidos de outras práticas que ora o complementam ora o substituem.

Para dar suporte à prática destas novas atividades ao ar livre e à beira-mar, constroem-se e reconstroem-se os fixos para corresponder ao crescimento dos fluxos, pois, como ensina Santos (1997, p. 77), “fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente”.

As quintas-feiras na Praia do Futuro ficaram famosas pelas tradicionais caranguejadas, momento para reunir o grupo de amigos e curtir a noite na praia após um longo dia de trabalho. Muitos turistas que chegam a Fortaleza já são informados da existência deste dia dedicado à apreciação da culinária cearense. As caranguejadas foram incorporadas também ao lazer de outros bairros da Cidade,

sendo motivo de procura em diversos bares e restaurantes e não mais restritas à orla marítima.

Ao longo dos anos, as barracas mudaram hábitos na vida noturna da Cidade. As caranguejada nas noites de quinta-feira acabaram virando mania local e, atualmente, a maioria das barracas conta com essa atração. No contexto cultural, têm proporcionado emprego para a classe artística local. (MOVIMENTAÇÃO..., 2004).

Foto 48 – Caranguejada
(prato tipo servido nas barracas da Praia do Futuro)
Fonte: Fortaleza Convention & Visitors Bureau

A culinária cearense oferecida nas barracas é apresentada por meio da combinação de temperos e sabores, propiciando pratos ricos e exóticos, como a peixada, a lagosta ao molho de camarão, a caranguejada, a carne-do-sol, o baião-de-dois, a galinha à cabidela, a paçoca e muitos outros. A riqueza das muitas frutas tropicais complementa a culinária cearense, oferecendo aos visitantes e ao fortalezense uma mesa variada e colorida.

Pode parecer contraditório, mas os incrementos em infra-estrutura, na Praia do Futuro, começaram para atrair o cliente noturno, nas terças-feiras com os *shows* de humor ou nas quintas com a tradicional caranguejada [...] Agora os *shows* acontecem também aos sábados e domingos, começam por volta de 13 horas, entram pela noite e lotam algumas barracas. As músicas vão do *pop* ao samba de mesa, pagode, forró e música popular brasileira. (BARRACAS..., 2004).

Na Praia do Futuro, pode-se verificar a prática do lazer diurno e do lazer noturno. Observando-se a movimentação na área ocupada pelas barracas e no

espaço à beira-mar, é possível perceber que estas atividades são muitas vezes praticadas em momentos diferentes do dia, apresentando diversas temporalidades.

Pela manhã bem cedo, até por volta das 8h 30min, há uma presença em maior número de crianças, tomando banhos de mar e brincando na areia, enquanto pessoas adultas fazem *cooper* à beira-mar.

Depois deste horário, verifica-se a chegada de pessoas em busca dos banhos de sol, embora seja cada vez maior a divulgação dos problemas ocasionados pela exposição exagerada aos raios solares, sendo constantemente indicado o uso de protetores solares e evitação dos horários de maior incidência destes raios. É a hora do “bronzeador”, momento em que são praticados banhos não muito demorados no mar e, como dizem alguns freqüentadores: “é apenas para ajudar a bronzear”. No caso das famílias, o horário preferido é pela manhã, mas os jovens começam a chegar por volta de 10 horas e, em muitos casos, permanecem nas barracas até a noite.

Quando a manhã está indo embora e se aproxima o horário do almoço, pode-se perceber a chegada de pessoas, aparentemente sem roupas apropriadas para os banhos de mar ou de sol. São os freqüentadores que vem à Praia do Futuro apenas para almoçar, escutar música ou dançar. Muitos nem chegam a pisar a areia da praia, pois, ao descer dos veículos, entram na área das barracas e lá permanecem, utilizando os serviços disponíveis. O mar não é mais o atrativo principal.

Para o lazer noturno são oferecidos *shows* musicais e de humor, salão de dança, além da variedade gastronômica que também é oferecida durante o período diurno. Algumas barracas são de tal modo ornamentadas que, ao estar no seu interior torna-se impossível ver a praia, quanto mais sentir a brisa marinha. O aspecto arrojado de muitas delas interfere no contato com o mar, conduzindo até mesmo ao esquecimento de que se está à beira-mar.

Acredita-se que todo este aparato de equipamentos e serviços oferecidos pelas barracas da Praia do Futuro não deva significar o abandono da praia, como espaço público e de livre circulação de turistas e cearenses. Importa também não

impedir a visão do mar aos freqüentadores, mas tornar este espaço cada vez mais procurado por aqueles que buscam descanso e entretenimento.

Com todos estes atrativos, as motivações se alteraram com o passar dos anos. Antes o motivo principal para o deslocamento até esta área era tomar banho de mar e passar um dia na praia, entretanto, hoje as motivações se diversificaram e caminhar, comer caranguejo, escutar musica ao vivo, relaxar, descontraír, divertir-se com os amigos, dançar, alimentar-se, são algumas das motivações que, somadas à primeira, impulsionam os freqüentadores até a Praia do Futuro.

Durante a aplicação dos questionários junto aos freqüentadores da área, foi possível verificar alguns elementos que se relacionam diretamente com a prática ou abandono dos banhos de mar naquela área. A princípio, as questões expostas aos entrevistados pretendiam averiguar se ainda havia uma preferência pela prática dos banhos de mar na área ou em outros lugares ou se os freqüentadores estavam mais inclinados atualmente à prática dos banhos de sol.

Levando em consideração o fato de que, nos dias atuais existe uma supervalorização do culto ao corpo, à estética e à valorização de “corpos bronzeados”, surgiu a necessidade de confrontar os banhos de mar a esta nova prática de lazer – os banhos de sol.

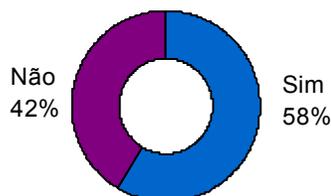
Com base nos questionários aplicados aos sessenta freqüentadores nos meses de julho e outubro de 2005, o Gráfico VI mostra que a preferência pelos banhos de mar (35% das respostas dos entrevistados) é superior aos banhos de sol (33%). No item “outros”, que correspondeu a 32% das respostas, se incluem as pessoas que gostam das duas práticas, banho de mar e banho de sol, além daqueles que preferem ficar somente na barraca, só vão pra comer caranguejo, para *shows*, dentre outros.

Gráfico VI
Preferência dos frequentadores



Quando perguntado se os mesmos frequentadores tomariam banho de mar em outra praia, o Gráfico VII mostra que 58% das pessoas disseram “sim”, mas cabendo uma ressalva importante: os moradores de Fortaleza que responderam que tomariam banho em outra praia logo comentavam sobre qual seria esta praia, referindo-se em seguida à Beira-Mar de Fortaleza, à Praia de Iracema, Pirambu e Leste/Oeste, como praias onde “não” tomariam banho de mar.

Gráfico VII
Decisão para tomar banho de mar em outra praia



Assim, com a incorporação de novas práticas de lazer, aliadas às questões estéticas, que valorizam o “culto ao corpo”, ocorre uma diminuição da prática dos banhos de mar nesta praia, mas não se pode dizer que ela foi abandonada, pois muitas pessoas ainda gostam de tomar banhos de mar. Esta mudança não é característica exclusiva da Praia do Futuro, podendo ser verificada também em outros espaços à beira-mar, pois as questões estéticas e os parâmetros sociais nos quais as pessoas estão envolvidas contribuem de certa forma para que algumas pessoas diminuam sua frequência a esta prática.

Durante as entrevistas, uma freqüentadora expressou que não gostava de tomar banho de mar para não desfazer o tratamento que havia feito em seu cabelo, pois, para ela, a água salgada do mar lhe traria estragos. Há com clareza uma sobreposição dos padrões estéticos relacionados ao corpo sobre a prática dos banhos de mar.

Quando os freqüentadores foram questionados sobre qual o critério utilizado para decidir tomar banho de mar na Praia do Futuro, muitos deles indicaram a observação visual feita antes de entrar na água como sendo fundamental. Nesta observação visual, são levadas em conta, segundo as respostas dos freqüentadores, a limpeza da praia, manchas de óleo na areia ou na água e a transparência do mar. Muitos também disseram não tomar banho de mar por conta das fortes ondas da Praia do Futuro.

A presença de lixo na areia também foi acentuada como um parâmetro visual de alguns banhistas para ter idéia das condições da qualidade da água na praia. Cabe ressaltar que a Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará (SEMACE) faz coleta semanal da água do mar em várias praias de Fortaleza, a fim de verificar o nível de balneabilidade. Com esta coleta referenciada em padrões oficiais de medição, o resultado da análise da água do mar é classificado em praias “próprias” ou “impróprias”. Dentre as praias de Fortaleza, a Praia do Futuro é uma das que apresenta a maior constância quanto ao nível de balneabilidade, resultando destas análises que suas águas estão próprias para os banhos.

Outro ponto importante a destacar, quanto à decisão por parte dos freqüentadores de não tomar banho de mar, refere-se ao medo do mar. O medo que afugentava tantas pessoas entre os séculos XVI e XVIII, quando se acreditava na existência de monstros e criaturas abomináveis, ganha agora um caráter diferenciado do anterior. O medo que a sociedade contemporânea tem do mar refere-se ao risco de afogamento, receio da poluição das águas, possibilidade de encontrar arrecifes e adentrar em mares agitados. Mesmo assim, muitos continuam praticando os banhos de mar.



Foto 49 e 50 – Banhos de mar na Praia do Futuro
Fonte: Ângela M. F. Silva (outubro de 2005)

Na Praia do Futuro, não somente os banhistas, como também os barraqueiros, conhecem a realidade da insegurança quanto aos banhos de mar na área, principalmente pela ausência, durante os dias úteis, de guarda-vidas na praia. Os próprios barraqueiros, garçons e outras pessoas que passam o dia trabalhando na praia são informantes preciosos sobre o momento mais adequado para entrar no mar.

O risco de afogamento na área da Praia do Futuro é uma realidade e já foi pauta de inúmeras matérias nos jornais de Fortaleza. Numa destas matérias, é citada a área do Caça e Pesca, região limítrofe com o rio Cocó, onde este curso encontra o mar, como sendo a área mais perigosa de Fortaleza para os banhos. Diz a matéria que:

De acordo com o capitão Glêdson Rodrigues, oficial do Corpo de Bombeiros, só no primeiro dia de 2004 foram registrados quase 100 princípios de afogamentos no encontro do rio Cocó com o mar. Lembra que várias pessoas tentam ir nadando até a praia da Sabiaguaba, que fica a cerca de 30 metros do encontro do manancial com as águas marinhas. Ele ressalta que as pessoas também ingerem bebida alcoólica e vão tomar banho. Essa combinação várias vezes gera um início de afogamento. Outro comportamento considerado de risco é nadar em mar aberto. De acordo com o oficial, os nadadores, quando passam da arrebentação, já estão cansados e não conseguem voltar para a areia. O desconhecimento da área em que se pretende tomar banho é outro fator que contribui para a ocorrência dos afogamentos. A pessoa pode, por exemplo, mergulhar em um local repleto de pedras submersas ou arrecifes. Ele informa que quando a maré está baixando, o banho de mar fica mais perigoso. (AFOGAMENTOS..., 2004).

O Mapa IV (p. 151) mostra as principais áreas de risco de afogamento na Praia do Futuro. Esta área foi delimitada com base nas informações concedidas pelo Major BM Glêdson Rodrigues, da Companhia do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará, que gentilmente concedeu uma entrevista durante a elaboração deste trabalho. No curso da entrevista o Major reiterou a idéia de que a área mais crítica e preocupante para os guarda-vidas²⁴ é a área do Caça e Pesca, nas proximidades da desembocadura do rio Cocó.

Diante desta realidade e tentando solucionar o problema da falta de segurança para a prática dos banhos de mar na Praia do Futuro, foram instaladas oito torres de observação, estrategicamente distribuídas ao longo dos cerca de oito quilômetros de sua orla. Estas torres fazem parte do Projeto Guardiões da Praia, sendo uma ação do Governo estadual, por meio da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR). Além de dar melhor visibilidade aos guarda-vidas dos banhistas quando estão no mar, as torres são pontos de observação importantes para os guardas municipais e os policiais militares que também atuam na área, pois possibilitam ampla visão da praia. Com isso, procuram reduzir o número de afogamentos e de furtos, além de possibilitar melhores condições de trabalho aos agentes de segurança para atender um público que pode chegar a milhares de pessoas em único dia.



Foto 51 – Torre de observação antes do Projeto Guardiões da Praia
Fonte: Ângela M.F. Silva (julho de 2005)



Foto 52 – Torre de observação com o Projeto Guardiões da Praia
Fonte: Ângela M. F. Silva (abril de 2006)

²⁴ “São considerados guarda-vidas os profissionais em salvamento aquático portadores de certificado do Curso de Treinamento Credenciado, vistoriado e aprovado pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará” [Art. 2º da Lei nº 13.462 em Anexo(B)].

A presença destas torres obedece também à Lei Estadual Nº 13.462, de 27 de abril de 2004 (Anexo B), no Art. 1º. Esta Lei dispõe sobre a presença obrigatória de profissionais de salvamento aquático nas áreas de lazer públicas e privadas do Estado do Ceará.

As torres já estão instaladas e funcionando. Localizam-se nas seguintes barracas (sentido rio Cocó-Mucuripe): BNB Clube, Arpão, Itapariká, Chico do Caranguejo, Vila Galé, América do Sol, Croco Beach e barraca Da Tia. A última torre (barraca Da Tia) encontra-se fora da área de estudo, mas também foi visitada durante os trabalhos de campo.

Considera-se a presença dos profissionais guarda-vidas essenciais à segurança dos banhistas na área, principalmente para as pessoas mais distraídas ou aqueles não acostumados com os banho de mar, no caso de muitos turistas que freqüentam o local.

Nas conversas informais durante a aplicação dos questionários que deram suporte às análises deste trabalho, muitos freqüentadores comentaram que os próprios donos das barracas, ao saber em que eram turistas, tiveram a imediata preocupação em alertá-los quanto aos cuidados com os banhos de mar, orientando-os também sobre o melhor momento para entrar na água.

Assim, com esta parceria entre os profissionais de salvamento e os que fazem o dia-a-dia da Praia do Futuro, pode haver uma redução do número de afogamentos e princípios de afogamento²⁵ nesta praia. Segundo Rolnik (1989, p. 21), “ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos”.

Levando em consideração esta insegurança quanto aos banhos de mar na Praia do Futuro, muitas pessoas, principalmente as que trazem crianças pequenas, preferem utilizar as piscinas e toboáguas de algumas barracas a terem que enfrentar as ondas do mar.

²⁵ Segundo o Major BM Gledson Rodrigues, o princípio de afogamento ocorre quando o banhista entra numa situação de risco que suscita a necessidade de intervenção do guarda-vidas para retirá-lo da água, embora o banhista não tenha chegado a se afogar efetivamente.



Foto 53 – Chuveirões nas barracas
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)



Foto 54 – Crianças brincam em piscinas montadas nas barracas como opção de lazer
Fonte: Ângela M. F. Silva (julho de 2005)

Sem placas que facilitariam a indicação dos pontos mais perigosos, a existência de pedras submersas e os horários desaconselhados aos banhos, muitos deixam de tomar banho de mar, ficando somente nas barracas, tomando banho de sol ou utilizando os chuveirões. Com isso a paisagem vai sendo transformada, pois a negação do mar agora encontra apoio nos equipamentos que permitem a continuidade da frequência das pessoas na praia, mesmo sem realizar o contato com a água do mar. Os equipamentos aquáticos das barracas são oferecidos principalmente para o público infantil.



Foto 55 – Parque aquático numa barraca da Praia do Futuro
Fonte: Ângela M. F. Silva (Arquivo próprio, julho de 2005)

Nesse aporte de equipamentos de lazer, substituindo muitas vezes o banho de mar, há verdadeira negação da paisagem litorânea local. Algumas barracas da Praia do Futuro plantaram grama em toda sua extensão, coqueiros artificiais foram implantados e assim o cenário mostrado para o turista e para o freqüentador local é o de um verdadeiro “paraíso tropical”, cheio de adereços artificiais. Todo esse conjunto forma uma paisagem que está longe de parecer ser da Praia do Futuro de anos atrás. Em muitos momentos, pode-se ter a sensação de estar noutro lugar.

Deve-se destacar também que estas novas opções de lazer na Praia do Futuro promovem certa elitização dos freqüentadores. Nem todos podem consumir e pagar por estes atrativos todos os fins de semana, férias ou alta estação. Então, de um lazer gratuito e democrático, que são os banhos de mar, passa-se a um lazer seletivo entre os que podem e os que não podem pagar por tanto conforto.

Assim, a partir das mudanças de comportamento da sociedade local em sua relação com o mar, intensificou-se o lazer na praia. Estas mudanças se refletiram na maneira como o freqüentador local passou a utilizar o mar como opção de lazer. Interessante é ressaltar que, a partir de uma questão aparentemente tão simples, como a prática ou não dos banhos de mar, inúmeros foram os resultados e fatores correlacionados a esta prática marítima moderna.

Na Praia do Futuro, os banhos de mar continuam desempenhando a função de lazer, embora não tenham mais o caráter de tempos atrás, pois a inserção de outras práticas contribuiu para o direcionamento deste lazer em novas direções, deixando de ser a atração principal da praia.

Assim, o estudo do lazer na Praia do Futuro proporcionou uma análise mais aprofundada da dinâmica e organização espacial desta área, que vai além da simples prática ou abandono de determinada atividade, no caso, os banhos de mar. A análise conduziu à compreensão de uma dinâmica socioespacial intensa na área da Praia do Futuro, pois, além de serem inúmeras as atividades desenvolvidas, também estão inseridos neste processo interesses diferenciados.



Ângela Maria Falcão da Silva

4

Para refletir

4 PARA REFLETIR

*Clarisse, cidade gloriosa, tem uma história atribulada.
Diversas vezes decaiu e refloresceu, mantendo sempre a primeira Clarisse
como inigualável modelo de todos os esplendores, a qual,
comparada com o atual estado da cidade,
não deixa de suscitar suspiros a cada giro de estrelas.*

(CALVINO, 1990).

O estudo sobre os banhos de mar na Praia do Futuro conduziu à discussão no sentido de compreender que a maritimidade apresentada se constitui por meio das relações da sociedade com o mar. Em Fortaleza, somente após longo período de ocupação de seu espaço, esta maritimidade é descoberta, provocando a expansão da Cidade na direção de seu espaço litorâneo.

A cidade de Fortaleza iniciou seu contato com o mar timidamente e durante longo período permaneceu voltada para o sertão, sendo produzida de costas para o mar. Com o esquecimento de sua zona de praia, principalmente para o uso como opção de lazer, esta área permanece durante longo período destinada à moradia dos pobres da Cidade.

A reversão da imagem negativa do mar na sociedade europeia foi fundamental para a incorporação das novas práticas marítimas modernas em Fortaleza, haja vista seu intento de se aproximar das “práticas europeias”. A sociedade de Fortaleza absorveu, todavia, apenas em parte o modelo europeu, principalmente quanto à forma de praticar os banhos de mar.

Estes, como uma das práticas marítimas modernas e lazer da elite só iniciaram a partir dos primeiros anos do século XX em Fortaleza, primeiramente como banhos terapêuticos e posteriormente como atividade de lazer, ganhando importância ao longo dos anos. Duas formas diferenciadas de praticar esta atividade foram verificadas ao longo do trabalho. A primeira era a exercitada pelas pessoas pobres que, sem acesso à cultura e costumes de outros povos, fazem uso do mar

como atividade diária de trabalho ou de lazer que praticam inter-relação. A segunda era a empreendida pelas classes abastadas da sociedade fortalezense, que só iniciaram tais atividades a partir do contato com os costumes vindos da Europa.

O estudo sobre o lazer praticado no centro da Cidade de Fortaleza e sua posterior migração para as zonas de praia da cidade contribuiu de maneira fundamental para a continuidade da análise e foi percebido como parte de um sistema de valores e práticas sociais que dava sentido e significado à vida urbana, verificando-se uma vinculação direta entre o lazer e a cultura mais ampla, vivida e produzida nas cidades.

Verificou-se que a posição de isolamento dos segmentos de maior poder aquisitivo da sociedade de Fortaleza com relação ao lazer praticado pelos populares mostrou a segregação, não somente nas atividades de lazer como também na vida urbana.

A transferência de muitas atividades de lazer do Centro para o litoral acompanhava a tendência de valorização destes espaços na Cidade, que se inseria numa nova lógica, ligada diretamente à valorização de sua zona de praia, incorporando-a cada vez mais ao lazer. Com o passar dos anos, estas áreas constituíram em espaços dedicados ao turismo e ao lazer, onde ganham força as atividades e os serviços a eles relacionados.

A incorporação da Praia do Futuro surge como nova opção de lazer em Fortaleza, que servirá como complemento às atividades realizadas no trecho Praia de Iracema-Mucuripe. Com isso, uma série de outros processos passaram a ocorrer na área, proporcionando uma dinâmica intensa e tornando-a diferenciada dos bairros circunvizinhos, em virtude das especificidades do uso e ocupação de seus espaço.

Assim, de área isolada da Capital aos cartões-postais mundiais, a Praia do Futuro auge notoriedade como lugar destinado à sociabilidade e entretenimento daqueles que procuram espaços para lazer e turismo. Representa, também, as mutações urbanas ocorridas na cidade de Fortaleza nas três últimas décadas.

Constata-se que a procura pelos banhos de mar na área da Praia do Futuro, assim como seu processo de ocupação e valorização são posteriores ao ocorrido nas praias de Iracema, Meireles e Mucuripe, locais onde ocorreram os primeiros banhos à beira-mar. Então, à expansão natural da Cidade e à procura por lazer no espaço da Praia do Futuro, somar-se-ão o crescimento e fortalecimento da atividade turística no Estado do Ceará, mediante a implementação de infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento destas atividades, favorecidas pelas políticas públicas que buscam a consolidação do litoral cearense como área de lazer e de turismo.

O grande fluxo de pessoas na Praia do Futuro interferiu diretamente nas opções e serviços oferecidos nos estabelecimentos comerciais da área, principalmente nas barracas de praia que, na tentativa de manter a frequência das pessoas de poder aquisitivo mais elevado, tentam a todo custo inovar e/ou substituir o aparentemente desgastado banho de mar.

Com isso, realiza-se uma série de melhorias nas estruturas físicas das barracas, com a instalação de novos serviços e equipamentos de lazer a fim de não perderem sua clientela. Com o avanço dos investimentos na área da Praia do Futuro, os comerciantes, principalmente os donos das barracas, procuraram cada vez mais diversificar suas estruturas por intermédio da configuração de “barracas temáticas”.

Verificou-se que as pessoas que se dirigem à Praia do Futuro são motivadas por uma série de fatores, destacando-se entre eles a beleza do litoral e as diversas atrações incorporadas à área. As opções de lazer na Praia do Futuro foram se diversificando ao passo que também ocorriam mudanças sociais, econômicas, urbanas e culturais no contexto da cidade de Fortaleza.

Os resultados obtidos com os trabalhos de campo na Praia do Futuro revelaram que os banhos de mar continuam desempenhando a função de lazer, embora não sejam mais praticados da mesma forma quando do início da procura por esta área, na década de 1960, pois a inserção de novas práticas de lazer contribuiu para que os banhos de mar deixassem de ser a atração principal da praia.

Assim, com a incorporação de novas práticas de lazer, aliada às questões estéticas que valorizam o “culto ao corpo” ocorre uma diminuição da prática dos banhos de mar nesta praia, mas não se pode dizer que ela foi abandonada, pois muitas pessoas ainda praticam esta atividade. Cabe lembrar que esta mudança não é característica exclusiva da Praia do Futuro, podendo ser verificada também em outros espaços à beira-mar.

Portanto, o estudo da prática dos banhos de mar na Praia do Futuro proporcionou uma análise mais aprofundada da dinâmica e organização espacial desta área, que vai além da simples prática ou abandono de determinada atividade de lazer. A análise conduziu à compreensão de uma dinâmica socioespacial intensa, pois, além de serem inúmeras as atividades que lá se desenvolvem, também estão inseridos neste processo interesses diferenciados.

A análise abriu possibilidades para entendimento deste espaço como lugar de uma variedade de usos, onde as intervenções de políticas públicas são exíguas, apesar de terem sido primordiais quando de sua incorporação, momento em que foram intensos os investimentos relacionados às condições de acesso à área, favorecendo a concretização dos interesses do capital no que se refere à liberação ou incorporação de áreas favoráveis ao desenvolvimento de atividades de consumo.

O aprofundamento deste estudo, iniciado pela busca do entendimento sobre a importância dada à prática dos banhos de mar, conduziu à identificação de outras atividades que podem estar levando a segundo plano a prática dos banhos de mar, contribuindo desta forma para mudanças significativas na área, principalmente quanto aos usos vinculados às atividades de lazer.

Com a análise empreendida, percebe-se que a transferência das atividades de lazer para o litoral não ocorreram de maneira instantânea, porquanto se consolidaram apenas nas últimas décadas do século XX, o que foi possível em razão da intensa valorização de seu espaço litorâneo.

Verifica-se que a procura por novas áreas de lazer contribuiu para a expansão urbana de Fortaleza, implicando a diversificação desta atividade, ocorrendo, também, a dinamização de outras atividades econômicas na Cidade. A

par desta razão, os agentes atuantes na Praia do Futuro procuram cada vez mais especializá-la, tendo como objetivo consolidá-la não só como área direcionada ao turismo em Fortaleza, mas também como destino para o fortalezense em busca de lazer.

Portanto, pensar criticamente a realidade não é tarefa simples para quem pretende entender a Cidade como prática socioespacial, pois isto exige uma reflexão mais aprofundada da realidade estudada e uma imersão nas leituras que se relacionam ao tema esquadrihado. Percebendo que nem todas as análises possíveis referentes a este objeto de estudo foram colocadas neste ensaio, acredita-se que outros enfoques possam surgir em pesquisas posteriores, a fim de percorrer novos caminhos quanto à análise do espaço da Praia do Futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AABB abrirá edital para venda de área do clube. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 14 fev. 2006. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 27 abr. 2006.

ABREU JÚNIOR, Pedro Itamar. **Praia do Futuro** – formas de apropriação do espaço urbano. 227f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2005.

AFOGAMENTOS: Caça e Pesca representa risco para visitantes. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 12 jul. 2004. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

ALENCAR, José de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Três, 1972.

ANDRADE SANTOS, Maria Inês Detsi de. Uma retrospectiva sobre o percurso do investigador no processo de pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.). **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR – UFC, 2002. – (Coleção Diálogos Intempestivos) p. 80-90.

AQUINO, Sandra Helena Silva de. **Dinâmica dos fatores de valorização e decadência da praia de Iracema**. 2003. 154f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2003.

ARAGAO, Raimundo Freitas. **Das práticas marítimas à elaboração da imagem turística de Fortaleza – Ceará**. 2005. 132f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2005.

ARAÚJO, Felipe. Luiz Assunção. Samba histórico. **O Povo Online**, Fortaleza, 21 fev. 2004. Disponível em: <<http://www.noolhar.com/opovo/vidaearte/341508.html>>. Acesso em: 12 mar. 2006.

BARRACAS incrementam diversão. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 30 jun. 2004. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 10 mar. 2006.

BARROSO, Gustavo. **Mississipi**. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 1996.

BENEVIDES, Ireleno Porto. **Turismo e PRODETUR: dimensões e olhares em parceria**. Fortaleza: EUFC, 1998.

CALVINO, Ítalo[1923-1985]. **As cidades Invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

CASTRO, José Liberal de. **Fatores de Localização e de expansão da cidade de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.. **Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e nas práticas políticas.** 2004. 294p. Tese (Doutorado em Geografia) – UFS/NPGeo, Universidade de Sergipe, Aracaju. 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas.** 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORREIA, Mary Lúcia Andrade. **Análise das normas de proteção ambiental nos campos de dunas na Praia do Futuro – Fortaleza/Ce.** 2004. 175f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2004.

COSTA, Maria Clélia Lustosa da. **Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza.** 1988. 295f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1988.

_____. Urbanização da sociedade cearense. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (orgs.). **O espaço no fim do século: a nova raridade.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 100-117.

_____. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005. p. 51-100.

COSTA, Maria Clélia Lustosa; ALMEIDA, Maria Geralda de. Trabalho e turismo: território e cultura em mutação na beira mar em Fortaleza. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. . **Turismo com ética.** Fortaleza: UECE, 1998. p. 274-283.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Introdução à Geografia do Turismo.** 2 ed. São Paulo: Roca, 2003.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

_____. Sistema de cidades em terra semi-árida. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro JP (Orgs.). **Geografia**: leituras culturais. Goiânia: alternativa, 2003. p. 207-236

_____. O mar e o marítimo nos trópicos. **GEOUSP**; São Paulo, n. 15, p. 63-76, 2004.

_____. O Pescador na terra. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (orgs.). **Ceará**: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005a. p. 263-279.

_____. Turistificação dos espaços litorâneos do Nordeste Brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, VI, 2005c, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2005b. (CD-ROM).

DIEGUES, Antonio Carlos. **Povos e mares**: leituras em sócio-antropologia marítima. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

_____. **A interdisciplinaridade nos estudo do mar**: o papel das ciências sociais. Conferência Proferida na XV Semana de Oceanografia, Instituto Oceanográfico da USP, São Paulo, Out. 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/nupaub/interdis.doc>>. Acesso em: 2 nov. 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESPAÇO Público: Restrição de acesso à praia fere direitos básicos. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 10 fev. 2003. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

ESTUDO pode diminuir efeitos da maresia. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 21 out. 2003. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 16 jan. 2006.

FALCÃO, José Augusto Guedes. O turismo internacional e os mecanismos de circulação e transferência de renda. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 63-74.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 13ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

HOTÉIS mudam o cenário da Praia do Futuro. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 19 out. 2001. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 18 fev. 2006.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2003a.

_____. **A Oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003b.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. 11ª ed. Tradução de Luís da Câmara Cascudo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2002. Vol. I

LIMA, Clarisse V. F. de Melo; SELVA, Vanice S. Fragoso. Planejamento da expansão da função turística no litoral nordestino e implicações no processo de urbanização. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, VI, 2005, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2005. (CD-ROM).

LIMINAR impede saída de barracas. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 24 jan 2006. Caderno Cidade, p. 9.

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral nordeste – sem cana e sem açúcar**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo: crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACEDO, Silvio Soares; PELLEGRINO, Paulo R. Mesquita. Do Éden à Cidade – transformação da paisagem litorânea brasileira. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 156-160.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MAREZIA afugenta moradores da Praia do Futuro. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 14 maio 2000. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 16 jan. 2006.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Clássicos Cearenses)

MINISTÉRIO mantém ação contra empresários da Praia do Futuro. **O Estado**, Fortaleza, 09 fev. 2006. Caderno Cotidiano, p. 6.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999.

MOVIMENTAÇÃO aumenta 50% nas férias de julho. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 34 jun. 2004. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 09 jan. 2006.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo**: um par imperfeito. Campinas: Ed. Alínea, 2000.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930). 2 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

_____. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. IN: SOUSA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 162-191.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA (PMF). **Fortaleza**: a administração Lúcio Alcântara março 1979/maio 1982. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

ROCHA JÚNIOR, Antônio Martins da. **O mar e a expansão urbana de Fortaleza**. 1984. 69 f. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura e Instrumentação Crítica) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 1984.

_____. **O turismo globalizado e as transformações urbanas do litoral de Fortaleza**: arquitetura e estetização na Praia de Iracema. 2000. 172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 2000.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RUSSELL, Bertrand. **O elogio do lazer**. Tradução de Luiz Ribeiro de Sena. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1957.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História Online**, São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 289-310. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, José Borzacchiello da. **Os incomodados não se retiram**. Uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

_____. Pelo retorno da região: desenvolvimento e movimentos sociais no Nordeste Contemporâneo. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio A. G. (orgs.). **Redescobrimo o Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999. p. 101-113.

_____. Fortaleza, mar e sertão. In: CHAVES, Gilmar (org.). **Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Fortaleza, Ce: Instituto do Ceará, 2002. p. 123-129.

_____. **Nas trilhas da cidade**. 2 ed. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Ceará, 2005.

SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia. **Atlas Escolar, Ceará: espaço geo-histórico e cultural**. João Pessoa: Grafset, 2004

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de, et al. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Espaços urbanos: territorialidades e representações. In: SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: UNESP, 1999.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Stúdio Nobel/SESC, 1996. (Coleção Megalópolis)

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Rio de Janeiro: Studio Nobel, 1998.

XIMENES, Líbia. Ambulantes incomodam comerciantes e banhistas. **O Povo Online**, Fortaleza, 28 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.noolhar.com.br>>. Acesso em: 27 dez. 2004.

_____. Movimento aumenta até 70% nas barracas. **O Povo Online**, Fortaleza, 08 jan. 2005. Disponível em: <<http://www.noolhar.com.br>>. Acesso em: 13 jan. 2005.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. 19 ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

OUTRAS FONTES:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

<http://www.planalto.gov.br/>

<http://www.ceara.gov.br>

<http://www.setur.ce.gov.br>

<http://www.seinf.fortaleza.ce.gov.br>

<http://mithos.cys.com.br>

<http://www.priberam.pt>

<http://pt.wikipedia.org>

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FREQUENTADORES DA PRAIA DO FUTURO NO PERÍODO DE ALTA E BAIXA ESTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO:
A CIDADE E O MAR: AS PRÁTICAS MARÍTIMAS MODERNAS E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
DA PRAIA DO FUTURO (FORTALEZA-CEARÁ-BRASIL)

Mestranda: Ângela Maria Falcão da Silva Orientador: Prof. Dr. Eustógio W. C. Dantas

Período: _____ ESTAÇÃO Data: ____/____/____

01. Informações Pessoais:

Grupo de Idade: () Jovem () Adulto () Idoso

Sexo: () Masculino () Feminino Profissão: _____

02. Local de Residência:

Cidade: _____ Bairro: _____

Tempo de Residência: () 0 – 5 anos () 5 – 10 anos () 10 – 15 anos () 15 anos ou mais

Meio de Locomoção: () ônibus () carro () outros _____

Obs: _____

03. O que você acha do acesso à Praia do Futuro?

() Fácil () Difícil Porque? _____

04. Qual a sua frequência à Praia do Futuro:

() Primeira vez () Somente nas férias () Nos fins de Semana () O ano inteiro

Obs: _____

05. Por que optou pela Praia do Futuro? Que motivações o (a) atraiu até esta praia?

06. Na Praia do Futuro você prefere:

() Banho de Mar () Banho de Sol () Outros

Se a resposta for “outros”, quais? _____

07. Por que você não toma banho de mar? “Se a resposta anterior for “banho de sol” ou “outros”.

08. Se você estivesse em outra praia você tomaria banho de mar? () Sim () Não

09. Que critério você utiliza para decidir tomar banho de mar?

10. Em termos gerais, o que achou da Praia do Futuro?

ANEXO A – LEI Nº 7.661, DE 16 DE MAIO DE 1988.

**Presidência da República
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 7.661, DE 16 DE MAIO DE 1988.

Regulamento

Institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Como parte integrante da Política Nacional para os Recursos do Mar - PNRM e Política Nacional do Meio Ambiente - PNMA, fica instituído o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro - PNGC.

Art. 2º. Subordinando-se aos princípios e tendo em vista os objetivos genéricos da PNMA, fixados respectivamente nos arts. 2º e 4º da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, o PNGC visará especificamente a orientar a utilização nacional dos recursos na Zona Costeira, de forma a contribuir para elevar a qualidade da vida de sua população, e a proteção do seu patrimônio natural, histórico, étnico e cultural.

Parágrafo único. Para os efeitos desta lei, considera-se Zona Costeira o espaço geográfico de interação do ar, do mar e da terra, incluindo seus recursos renováveis ou não, abrangendo uma faixa marítima e outra terrestre, que serão definida pelo Plano.

Art. 3º. O PNGC deverá prever o zoneamento de usos e atividades na Zona Costeira e dar prioridade à conservação e proteção, entre outros, dos seguintes bens:

I - recursos naturais, renováveis e não renováveis; recifes, parcéis e bancos de algas; ilhas costeiras e oceânicas; sistemas fluviais, estuarinos e lagunares, baías e enseadas; praias; promontórios, costões e grutas marinhas; restingas e dunas; florestas litorâneas, manguezais e pradarias submersas;

II - sítios ecológicos de relevância cultural e demais unidades naturais de preservação permanente;

III - monumentos que integrem o patrimônio natural, histórico, paleontológico, espeleológico, arqueológico, étnico, cultural e paisagístico.

Art. 4º. O PNGC será elaborado e, quando necessário, atualizado por um Grupo de Coordenação, dirigido pela Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar - SECIRM, cuja composição e forma de atuação serão definidas em decreto do Poder Executivo.

§ 1º O Plano será submetido pelo Grupo de Coordenação à Comissão Interministerial para os Recursos do Mar - CIRM, à qual caberá aprová-lo, com audiência do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA.

§ 2º O Plano será aplicado com a participação da União, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios, através de órgãos e entidades integradas ao Sistema Nacional do Meio Ambiente - SISNAMA.

Art. 5º. O PNGC será elaborado e executado observando normas, critérios e padrões relativos ao controle e à manutenção da qualidade do meio ambiente, estabelecidos pelo CONAMA, que contemplem, entre outros, os seguintes aspectos: urbanização; ocupação e uso do solo, do subsolo e das águas; parcelamento e remembramento do solo; sistema viário e de transporte; sistema de produção, transmissão e distribuição de energia; habitação e saneamento básico; turismo, recreação e lazer; patrimônio natural, histórico, étnico, cultural e paisagístico.

§ 1º Os Estados e Municípios poderão instituir, através de lei, os respectivos Planos Estaduais ou Municipais de Gerenciamento Costeiro, observadas as normas e diretrizes do Plano Nacional e o disposto nesta lei, e designar os órgãos competentes para a execução desses Planos.

§ 2º Normas e diretrizes sobre o uso do solo, do subsolo e das águas, bem como limitações à utilização de imóveis, poderão ser estabelecidas nos Planos de Gerenciamento Costeiro, Nacional, Estadual e Municipal, prevalecendo sempre as disposições de natureza mais restritiva.

Art. 6º. O licenciamento para parcelamento e remembramento do solo, construção, instalações das características naturais da Zona Costeira, deverá observar, além do disposto nesta lei, as demais

normas específicas federais, estaduais e municipais, respeitando as diretrizes dos Planos de Gerenciamento Costeiro.

§ 1º. A falta ou o descumprimento, mesmo parcial, das condições do licenciamento previsto neste artigo serão sancionados com interdição, embargo ou demolição, sem prejuízo da cominação de outras penalidades previstas em lei.

§ 2º Para o licenciamento, o órgão competente solicitará ao responsável pela atividade a elaboração do estudo de impacto ambiental e a apresentação do respectivo Relatório de Impacto Ambiental - RIMA, devidamente aprovado, na forma da lei.

Art. 7º. A degradação dos ecossistemas, do patrimônio e dos recursos naturais da Zona Costeira implicará ao agente a obrigação de reparar o dano causado e a sujeição às penalidades previstas no art. 14 da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, elevado o limite máximo da multa ao valor correspondente a 100.000 (cem mil) Obrigações do Tesouro Nacional - OTN, sem prejuízo de outras sanções previstas em lei.

Parágrafo único. As sentenças condenatórias e os acordos judiciais (vetado), que dispuserem sobre a reparação dos danos ao meio ambiente pertinentes a esta lei, deverão ser comunicados pelo órgão do Ministério Público ao CONAMA.

Art. 8º. Os dados e as informações resultantes do monitoramento exercido sob responsabilidade municipal, estadual ou federal na Zona Costeira comporão o Subsistema "Gerenciamento Costeiro", integrante do Sistema Nacional de Informações sobre o Meio Ambiente - SINIMA.

Parágrafo único. Os órgãos setoriais e locais do SISNAMA, bem como universidades e demais instituições culturais, científicas e tecnológicas encaminharão ao Subsistema os dados relativos ao patrimônio natural, histórico, étnico e cultural, à qualidade do meio ambiente e a estudos de impacto ambiente, da Zona Costeira.

Art. 9º. Para evitar a degradação ou o uso indevido dos ecossistemas, do patrimônio e dos recursos naturais da Zona Costeira, o PNGC poderá prever a criação de unidades de conservação permanente, na forma da legislação em vigor.

Art. 10. As praias são bens públicos de uso comum do povo, sendo assegurado, sempre, livre e franco acesso a elas e ao mar, em qualquer direção e sentido, ressalvados os trechos considerados de interesse de segurança nacional ou incluídos em áreas protegidas por legislação específica.

§ 1º. Não será permitida a urbanização ou qualquer forma de utilização do solo na Zona Costeira que impeça ou dificulte o acesso assegurado no caput deste artigo.

§ 2º. A regulamentação desta lei determinará as características e as modalidades de acesso que garantam o uso público das praias e do mar.

§ 3º. Entende-se por praia a área coberta e descoberta periodicamente pelas águas, acrescida da faixa subsequente de material detrítico, tal como areias, cascalhos, seixos e pedregulhos, até o limite onde se inicie a vegetação natural, ou, em sua ausência, onde comece um outro ecossistema.

Art. 11. O Poder Executivo regulamentará esta lei, no que couber, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias.

Art. 12. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 13. Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 16 de maio de 1988; 167º da Independência e 100º da República.

JOSÉ SARNEY
Henrique Sabóia
Prisco Viana

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 18.5.1998.

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7661.htm

ANEXO B – LEI Nº 13.462, DE 27 DE ABRIL DE 2004

LEI Nº13.462, de 27 de abril de 2004.

DISPÕE SOBRE A PRESENÇA OBRIGATÓRIA DE PROFISSIONAIS DE SALVAMENTO AQUÁTICO NAS ÁREAS DE LAZER PÚBLICAS E PRIVADAS DO ESTADO DO CEARÁ, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º É obrigatória a presença de guarda-vidas nas áreas de lazer públicas e privadas do Estado do Ceará que facultem aos usuários o acesso a piscinas, cachoeiras, saltos, lagoas, açudes, cavernas e grutas, abertas à visitação pública, administrada pelo Poder Público ou por particulares.

Parágrafo único. A obrigatoriedade de permanência de profissionais de salvamento em piscinas localizadas em condomínios residenciais será a partir de dimensões superiores a 6m x 6m e profundidade a partir de 0,80m ou volume total de 28,8m³.

Art.2º São considerados guarda-vidas os profissionais em salvamento aquático portadores de certificado do Curso de Treinamento Credenciado, vistoriado e aprovado pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará.

Parágrafo único. Os professores e entidades que realizem cursos de salvamento aquático deverão ser credenciados pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará, bem como os guarda-vidas.

Art.3º Nas áreas de lazer públicas, os serviços de salvamento aquático serão oferecidos pelo órgão público encarregado da administração de cada área.

Art.4º Nas áreas de lazer privadas, os serviços de salvamento aquático serão oferecidos por profissionais contratados pelos respectivos proprietários das áreas.

Art.5º A presença de profissionais de salvamento aquático nas áreas de lazer referidas nesta Lei, será exigida durante todo o horário de funcionamento aberto aos usuários.

Art.6º. O descumprimento das obrigações previstas nesta Lei implicará:

- I - na pena de advertência, após julgada a primeira infração;
- II - em multa variável de 2 (dois) a 10 (dez) salários mínimos a partir do julgamento da segunda infração;
- III - interdição temporária do exercício das atividades abertas ao público:

- a) por uma semana (sete dias);
- b) por um mês (trinta dias).

IV - interdição definitiva da área.

§1º Fica assegurado ao infrator o contraditório e a ampla defesa após o recebimento do respectivo auto de infração.

§2º. A forma de fiscalização e os critérios de aplicação e progressão das sanções previstas neste artigo serão definidas no Decreto regulamentador desta Lei.

§3º Fica o Comandante Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará autorizado a baixar Instruções Gerais Técnicas complementares ao Decreto regulamentador desta Lei.

§4º O Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará fica autorizado a celebrar convênios com os municípios e empresas privadas do Estado do Ceará, com vistas à otimização dos serviços de que trata esta Lei.

Art.7º Na ocorrência de acidente de que resulte morte, havido durante o horário de acesso da área ao público, sem a presença do profissional de salvamento, o administrador ou proprietário da área será

responsabilizado de acordo com a legislação em vigor.
Art.8º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação,
revogadas as disposições em contrário.

Governador

LÚCIO GONÇALO DE ALCÂNTARA

Vice – Governador

FRANCISCO DE QUEIROZ MAIA JÚNIOR

Chefe do Gabinete do Governador

AFONSO CELSO MACHADO NETO

Secretário do Governo

LUIZ ALBERTO VIDAL PONTES

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 27 de abril de 2004.

Lúcio Gonçalo de Alcântara

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

*** **